O livre arbítrio

Santo Agostinho

Santo Agostinho

O
Livre Arbítrio

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

O livre arbítrio

Santo Agostinho

Esta obra compreende três questões de alta relevância. Primeiramente, de onde vem o mal? Depois, quem criou o livre arbítrio, princípio do mal? Terceiro, foi conveniente Deus ter criado o livre arbítrio? Cada uma destas questões é tratada separadamente em um livro? Ela foi iniciada no ano 388 e terminada em 395 e é direcionada contra os maniqueístas.

Introdução[1]

1

Enquanto ainda residíamos em Roma, resolvemos debater a questão da origem do mal. Desejávamos tornar racional e refletido, nesses debates __ se fosse possível e com a ajuda de Deus __ aquilo que já acreditávamos com nossa submissão à autoridade divina.

E como, após ter debatido profundamente a questão, permaneceu constante para nós que o mal só provinha do livre arbítrio da vontade, os três livros que foram o produto desse debate foram intitulados **O livre arbítrio**.

[1] Das *Revisões*. Livro I, cap. IX.

2

Dentre os numerosos temas que tratam esses livros, várias questões incidentes, que eu não pude resolver ou que teriam demandado então desenvolvimentos muito longos, foram adiados.

No entanto, em cada lado e sobre todos os pontos dessas questões em que não se descobriu o que estava mais em harmonia com a verdade, nosso raciocínio concluiu que, qualquer que fosse a verdade, era preciso acreditar ou mesmo que estava demonstrado que Deus deve ser bendito.

O debate, de fato, foi realizado por causa daqueles que negam que a origem do mal está no livre arbítrio e que afirmam que, sendo assim, se deve acusar Deus, o criador de todas as coisas. Eles querem, desta maneira, nas aberrações de sua impiedade, pois são os maniqueístas, fazer intervir um tipo de natureza do mal, coeterna com Deus e imutável como ele.

Quanto à graça, com a qual Deus predestinou seus eleitos e prepara as vontades daqueles que, dentre eles, já desfrutam do livre arbítrio, ela não foi tratada nesses livros, junto da questão proposta. Quanto foi o caso de ser mencionada essa graça, isto foi feito superficialmente e sem uma defesa aprofundada.

Uma coisa é, de fato, pesquisar de onde vem o mal e outra coisa é pesquisar como se retorna ao bem primitivo ou como se chega a um bem maior.

3

Desta forma, que os pelagianos __ esses novos herético que defendem o livre arbítrio a ponto de não deixar espaço para a graça de Deus, já que afirma que essa graça é concedida segundo nossos méritos __ não se congratulem, como se eu tivesse defendido sua causa, ao dizer sobre o livre arbítrio muitas coisas necessária à natureza deste debate.

Assim, por exemplo, no primeiro livro, eu disse que a justiça de Deus se vingava dos malfeitos e acrescentei: *Eles não seriam punidos justamente, se não tivessem sido executados voluntariamente*[2].

Além disso, como eu demonstrei que a própria boa vontade é um grande bem e tão grande que ela é justamente preferível a todos os bens físicos e exteriores, eu disse: *O que é que está tanto no poder da vontade do que a própria vontade?*[3]

E, em outro lugar: *Então, por que devemos hesitar em afirmar que, mesmo se nunca fomos sábios, é através da vontade que levamos e merecemos uma vida feliz e digna de louvor ou uma insignificante e infeliz?*[4]

Em outro lugar ainda: *Disto conclui-se que todos aqueles que desejarem viver vidas corretas e honradas, se desejam isto mais do que desejam os bens transitórios, eles conseguirão esse tão grande bem tão facilmente que eles o terão pelo simples fato de desejar tê-lo.*[5]

---

[2] Livro I, cap. I.
[3] Livro I, cap. XII.
[4] Livro I, cap. XIII.
[5] Livro I, cap. XIII.

Eu também disse: *Pois a eterna lei, para a qual é hora de nós retornarmos, estabeleceu com inabalável firmeza que o mérito está na vontade; a recompensa e a punição, na felicidade ou na infelicidade*[6].

E, em outro lugar: *O que cada um escolhe seguir e abraçar está, positivamente, em poder da vontade*[7].

No segundo livro: *Os seres humanos, como tais, são coisas boas, já que eles podem viver justamente, se assim o desejarem*[8].

Eu digo também, em outro lugar: *Ninguém pode agir corretamente a não ser através dessa mesma livre escolha da vontade*[9].

No terceiro livro: *Qual é a necessidade de perguntar sobre a fonte do impulso pelo qual a vontade se afasta dos bens imutáveis rumo aos bens mutáveis? Este movimento pertence à alma somente e ele é voluntário e, portanto, merecedor de culpa. O único ensinamento útil neste tópico é que o que condena e controla este impulso também serve para resgatar nossas vontades de suas quedas para os bens temporais e voltá-las para o desfrute dos bens eternos*.[10]

Em outro lugar: *Sua resposta é o grito da própria verdade! Não fosse assim, você poderia pensar que a única coisa que está em nosso poder é aquilo que fazemos quando queremos. Portanto, nada está tanto em nosso*

[6] Livro I, cap. XIV.
[7] Livro I, cap. XVI.
[8] Livro II, cap. I.
[9] Livro II, cap. XVIII.
[10] Livro III, cap. I.

poder quanto a própria vontade, pois ela está próxima e à mão no exato momento em que desejamos.[11]

Da mesma forma, em outro lugar: *Se você é louvado por ver o que você deve fazer, embora você somente possa vê-lo em Deus, que é a imutável Verdade, quanto mais deveria Deus ser louvado! Pois foi Deus que decretou o que você deve desejar, que lhe deu o poder de desejar e que não permitiu que sua má vontade ficasse impune*. E eu acrescentei: *Se alguém deve pelo que recebeu e os seres humanos foram feitos de uma tal maneira que eles necessariamente pecam, então eles devem pecar. Portanto, quando eles pecam, eles estão fazendo o que devem fazer. Mas, se é iníquo dizer tal coisa, então ninguém tem, por natureza necessidade de pecar.*[12]

E também: *O que poderia ser a causa da vontade, estar antes da própria vontade? Tanto pode ser a própria vontade e, neste caso, a raiz de todos os males continua a ser a vontade, ou então, não é a vontade e, neste caso, não há pecado. Assim, ou a vontade é a principal causa do pecado, ou a ausência de pecado é a principal causa do pecado. E você não pode corretamente atribuir a responsabilidade pelo pecado a ninguém além do pecador; portanto, você não pode atribuir a responsabilidade a ninguém mais do que àquele que o deseja.*[13]

---

[11] Livro III, cap. III.
[12] Livro III, cap. XVI.
[13] Livro III, cap. XVII.

E, um pouco além: *Quem peca por fazer o que não pode evitar? Mas, há pecado; então é possível se precaver contra ele*[14]. Esta foi a citação que Pelágio fez em um de seus livros. Eu respondi a este livro e quis que meu tratado tivesse como título: **A natureza e a graça**.

4

Nestas palavras que acabo de citar e em outras semelhantes, como não faço menção da graça de Deus, que não era o caso então, os pelagianos entendem, ou podem entender, que professamos suas opiniões; isto é errado.

É pela vontade que se peca e se vive bem e nós o demonstramos nestas passagens. Então, se pela graça de Deus a própria vontade não é libertada da servidão que a fez escrava do pecado e é ajudada a domar os vícios, o ser humano não pode viver de forma pia e na justiça.

E, se esse benefício divino que a liberta e a precede deve ser atribuído aos seus méritos, então não se trata da graça, pois a graça é concedida gratuitamente.

Nós tratamos disso de maneira suficiente em outras obras, ao refutar esses inimigos da graça, esses novos heréticos. No entanto, no livro sobre **O livre arbítrio**, que foi dirigido contra os maniqueístas e não contra os pelagianos, já que eles não existiam ainda, nós não mantivemos total silêncio sobre a graça de Deus, que sua criminosa impiedade procura destruir.

[14] Livro III, cap. XVIII.

De fato, nós dissemos no segundo livro que, não apenas os grandes bens, mas também os mais insignificantes podem vir Daquele de onde vem todos os bens, ou seja, de Deus.

E, um pouco além: *As virtudes pelas quais se vive justamente, são grandes bens. A beleza de vários objetos materiais, sem os quais se vive justamente, são bens inferiores. As forças da alma, sem as quais não se pode viver justamente, são bens intermediários. Ninguém usa as virtudes erradamente, mas os outros bens, tanto os inferiores quanto os intermediários, podem ser usados justa ou erradamente. As virtudes não podem ser usadas erradamente precisamente por que é sua função fazer o correto uso das coisas que podem também ser usadas erradamente e ninguém usa algo erradamente ao usá-lo justamente. Assim, a abundante generosidade da bondade de Deus concedeu não apenas grandes bens, mas também os bens intermediários e os inferiores. Sua bondade merece mais louvor pelos grandes bens do que pelos bens intermediários e mais pelos bens intermediários do que pelos bens inferiores, mas ela merece mais louvor pela criação de todos eles do que mereceria pela criação de apenas alguns deles.*[15]

E, em outro lugar: *Você deve simplesmente acreditar, com fé inabalável, que cada coisa boa que você percebe ou entende ou de alguma maneira sabe vem de Deus.*[16]

[15] Livro II, cap. XIX.
[16] Livro II, cap. XX.

Eu dito também, em outro lugar: *Já que não podemos nos levantar voluntariamente como caímos voluntariamente, vamos crer com fé confiante na mão direita de Deus __ ou seja, em Nosso Senhor Jesus Cristo __ que foi estendida para nós do alto.*[17]

5

No terceiro livro, após estas palavras que Pelágio retirou de meus livros, como relatei: *Quem peca por fazer o que não pode evitar? Mas, há pecado; então é possível se precaver contra ele*, eu acrescentei imediatamente: *No entanto, mesmo alguns atos cometidos por ignorância são condenados e julgados dignos de correção, como lemos nas Escrituras. São Paulo diz: "Eu obtive sua misericórdia, já que eu agi na ignorância"*[18]*. O salmista diz: "Não se lembre dos pecados de minha juventude e de minha ignorância"*[19]*. Mesmo coisas feitas por necessidade devem ser condenadas, como quando alguém quer agir corretamente, mas não pode. Isto é o que a seguinte passagem quer dizer: "Eu não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço"*[20]*. "Desejar o bem está presente para mim, mas eu não encontro meio de fazê-lo"*[21]*. "Porque os desejos da carne se opõem aos do Espírito, e estes aos da carne; pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis"*[22]*.*

---

[17] Livro II, cap. XX.
[18] 1 Timóteo 1:13.
[19] Salmo 24:7.
[20] Romanos 7:19.
[21] Romanos 7:18.
[22] Gálatas 5:17.

Todos esses problemas surgiram para os seres humanos com a sentença de morte, pois, se eles fossem o resultado de nossa natureza e não de nossa pena, eles não seriam pecados. Se nós fôssemos feitos para agir desta maneira naturalmente, para que não pudéssemos ser melhores, nós agiríamos meramente como devemos. Se os seres humanos fossem bons, eles seriam diferentes. Mas, da forma como são, eles não são bons e não está em seu poder serem bons, tanto por que não veem como devem ser, como por que lhes falta o poder de serem o que entendem que devem ser.

Quem poderia duvidar de que isso é uma pena? Mas, cada pena justa é uma pena pelo pecado e assim é chamada de "punição". Por outro lado, se esta pena (já que não há dúvida de que é de fato uma pena) é injusta, ela é imposta pela dominação injusta de algum ser humano. Mas, já que seria loucura duvidar da onipotência e justiça de Deus, esta pena é justa e ela é imposta por causa do pecado. Nenhum humano injusto poderia usurpar o domínio de Deus sobre os seres humanos (como se Deus não tivesse consciência do que estivesse acontecendo) ou arrebatá-los contra sua vontade (como se Deus fosse tão fraco que pudesse ser dominado pelo medo ou pela força), bem como torturá-los com uma pena injusta. Portanto, a única possibilidade que resta é que esta pena justa é uma consequência da condenação dos seres humanos.[23]

Eu disse também, em outro lugar: *Aceitar falsidades como verdades; errar involuntariamente; lutar contra a dor da servidão carnal e não ser*

[23] Livro III, cap. XVIII.

capaz de refrear atos de desejo imoderado; estas coisas não pertencem à natureza com a qual os seres humanos foram criados; elas são as penalidades de um prisioneiro condenado. Mas, quando falamos de livre vontade para agir justamente, queremos dizer a vontade com a qual os seres humanos foram criados.[24]

6

Assim, bem antes que a heresia pelagiana aparecesse, nós debatemos como se fosse contra ela. Pois, ao dizer que todos os bens, ou seja, os superiores, os intermediários e os inferiores, vem de Deus, encontramos nos intermediários o livre arbítrio da vontade, por que podemos fazer um mau uso dele, mas não podemos viver corretamente sem ele.

O bom uso do livre arbítrio é contado como um dos grandes bens, dos quais não se pode fazer um mau uso. Como todos os bens, como eu já disse __ tanto os grandes, quanto os intermediários e os inferiores __ vem de Deus, segue-se que o bom uso da vontade livre, que é uma virtude, é contado como um dos grandes bens, que também vem de Deus.

Em seguida eu observei de qual punição justamente infligida aos pecadores a graça de Deus liberta, já que o ser humano, por seu livre arbítrio pode cair, mas não pode se levantar. É da punição relacionada à ignorância e à impotência que aflige todo ser humano desde o momento de seu nascimento e que ninguém pode se livrar se não for através da graça de Deus.[25]

[24] Livro III, cap. XVIII.
[25] Livro II, cap. XX e Livro III, cap. XVIII.

Ora, os pelagianos não admitem que essa punição provenha de uma justa condenação, pois eles negam o pecado original. Mesmo se a ignorância e a impotência fossem atributos naturais e primitivos do ser humano, Deus não poderia ser censurado. Pelo contrário, ele deveria ser louvado, como examinamos nesse mesmo terceiro livro.[26]

Essa controvérsia deve ser dirigida aos maniqueístas, que não admitem as santas Escrituras do Antigo Testamento, onde está relatado o pecado original. Eles afirmam, com um despudor detestável, que todas as passagens dos escritos apostólicos que são tirados dali foram interpolados por falsários da santa Escritura, como se os Apóstolos jamais as tivessem mencionado.

Como os pelagianos afirmam aceita tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, é contra eles que precisamos defender o que ensinam ambos.

Esta obra começa assim: *Por favor, diga-me: Deus é a causa do mal?*

[26] Livro III, cap. XX e XXII.

Livro I

O autor coloca a questão da origem do mal. Depois, ele explica no que consiste a malícia de um ato culposo. Ele mostra em seguida que os atos maus procedem do livre arbítrio ou da livre determinação da vontade humana, por que a razão não é coagida por ninguém a se submeter à paixão, que predomina em todo ato mau.

Capítulo I

O mal e seu princípio

01

EVÓDIO: __ Por favor, diga-me: Deus é a causa do mal?

AGOSTINHO: __ Eu lhe direi, desde que esteja claro para você sobre o tipo de mal de que você fala. Pois usamos a palavra "mal" em dois sentidos; primeiro, quando dizemos que alguém fez um mal e segundo, quando dizemos que alguém sofreu um mal.

EVÓDIO: __ Eu quero saber sobre ambos.

AGOSTINHO: __ Mas, se você sabe ou acredita que Deus é bom __ e não é certo acreditar em outra coisa __ então ele não faz o mal. Por outro lado, se nós reconhecemos que Deus é justo __ e é ímpio negar isto __ então ele

recompensa o bem e pune o mal. Essas punições são, certamente, males para quem as sofre. No entanto, se ninguém é punido injustamente __ e devemos acreditar nisto, já que acreditamos que este universo é governado pela divina Providência __ segue-se que Deus é a causa do segundo tipo de mal. Mas, de nenhuma maneira ele causa o primeiro tipo.

EVÓDIO: __ Então, há outro autor daquele primeiro mal que não é causado por Deus?

AGOSTINHO: __ Sem dúvida que há. Esse mal não pode ocorrer a menos que alguém o tenha causado. Mas, se você perguntar quem é esse alguém, é impossível dizer. Pois, não há uma causa única do mal. Além disso, quem causa o mal é causa de seu próprio mal. Se você duvida disto, lembre-se do que eu disse antes: os maus atos são punidos pela justiça de Deus. Eles não seriam punidos justamente, se não tivessem sido executados voluntariamente[27].

02

EVÓDIO: __ Parece que ninguém pecaria se primeiro não tivesse aprendido como pecar. Se for este o caso, eu devo perguntar isto: de quem aprendemos a pecar?

[27] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

AGOSTINHO: __ Você acha que aprender é uma boa coisa?

EVÓDIO: __ Quem ousaria dizer que aprender é uma má coisa?

AGOSTINHO: __ E se não for nem boa e nem má?

EVÓDIO: __ Eu acho que é bom.

AGOSTINHO: __ De fato é, já que o conhecimento é dado ou despertado pelo aprendizado e ninguém chega a conhecer algo a não ser através do aprendizado[28]. Não concorda?

EVÓDIO: __ Eu acho que chegamos a saber apenas boas coisas através do aprendizado.

AGOSTINHO: __ Então não chegamos a saber coisas más, pois a palavra "aprendizado" é aplicada corretamente somente quando chegamos a saber algo[29].

EVÓDIO: __ Mas, se não chegamos a saber coisas más, como é que o ser humano comete atos maus?

[28] Na passagem que se segue Santo Agostinho mostra a similaridade entre o verbo *discere* (aprender) e sua forma substantiva *disciplina* (aprendizagem).
[29] Literalmente a palavra *disciplina* é derivada da palavra *discere*.

AGOSTINHO: __ Talvez por que eles se afastam do aprendizado e se tornam estranhos a ele. Mas, seja correta ou não esta explicação, uma coisa certamente é clara: já que o aprendizado é bom e a palavra "aprendizado" é corretamente aplicada apenas quando ocorre de sabermos algo, simplesmente não podemos chegar a conhecer coisas más. Se pudéssemos, então elas seriam parte do aprendizado e assim o aprendizado não seria uma coisa boa. Mas, ele é uma coisa boa, como você mesmo disse. Portanto, não chegamos a saber coisas más e na sua pergunta não há uma indagação sobre de quem aprendemos a fazer coisas más. Ou então não chegamos a sabê-las, mas apenas como coisas a serem evitadas, não como coisas a serem feitas. Segue-se daí que, fazer o mal não passa de um extravio do aprendizado.

03

EVÓDIO: __ Eu acho que existem dois tipos de aprendizagem; um, através do qual aprendemos a fazer o correto e outro, através do qual aprendemos a fazer o mal. Mas, quando você perguntou se o aprendizado era um bem, eu fiquei preocupado, por amor ao próprio bem e tinha em vista apenas o tipo de aprendizagem através do qual aprendemos a fazer o correto. Foi por isso que eu respondi que é um bem. Mas agora, eu me lembro de que existe outro tipo de aprendizado. Eu não tenho dúvida de que ele é mau e eu gostaria de saber quem é seu autor.

AGOSTINHO: __ Você admite pelo menos que o intelecto seja um bem puro?

EVÓDIO: __ Certamente; eu o considero tão bem que não posso ver como algum atributo humano possa ser melhor do que o intelecto. E não me parece possível dizer que algum conhecimento possa ser ruim, sob qualquer ponto de vista.

AGOSTINHO: __ Pois bem! Quando alguém foi ensinado e não entendeu, você diria que ele aprendeu realmente?

EVÓDIO: __ Naturalmente que não.

AGOSTINHO: __ Então, se todo conhecimento é bom e ninguém aprende se não adquiriu o conhecimento, então todos os que entendem estão fazendo o bem, pois aquele que se instrui compreende e aquele que compreende faz o bem. Desta forma, procurar o autor de nosso aprendizado é procurar a causa de nosso fazer o bem. Então, não vamos insistir em seu desejo de caçar este misterioso professor do mal. Se ele é mau, ele não é professor e se ele é um professor, ele não é mau.

Capítulo II

Antes de procurar a origem do mal, é preciso saber o que devemos acreditar sobre Deus.

04

EVÓDIO: __ Agora que você me convenceu de que não aprendemos a fazer o mal, mostre-me então a origem do mal.

AGOSTINHO: __ Você tocou exatamente na questão que me preocupou grandemente desde que eu era ainda bem jovem. Era uma questão que me corroia, que me levou para a companhia de heréticos[30] e me precipitou na heresia. Eu estava tão magoado por esta queda, enterrado debaixo de uma montanha de bobos contos de fadas, que se meu amor à busca da verdade não tivesse tido uma segura ajuda divina, eu não teria sido capaz de sair debaixo dela, respirar livremente e começar a procurar a verdade. E, como tais dores serviram para me tirar desta dificuldade, eu conduzirei você pelo mesmo caminho que eu segui em minha fuga. Deus estará conosco e Ele nos fará compreender o que acreditamos. Pois, estamos bem conscientes de que estamos no mesmo estágio descrito pelo profeta, que diz: "A menos que você acredite, você não compreenderá"[31]. Nós acreditamos que tudo o que existe vem de um Deus e, mesmo assim, não acreditamos que Deus seja a causa dos pecados. O que é perturbador é que, se você acredita que

[30] Os maniqueus, que acreditavam na existência de um "deus mau" igual e independente do "deus bom".
[31] Isaías 7:9 (texto pré-Vulgata)

os pecados vêm das almas que Deus criou e essas almas vêm de Deus, então você estará mandando esses pecados de volta para Deus.

05

EVÓDIO: __ Você expressou claramente o que me perturbava nesta questão. Este é o problema que me compeliu e atraiu até esta busca.

AGOSTINHO: __ Seja corajoso e siga em frente acreditando no que eu acredito. Não há melhor crença, mesmo se você ainda não vê a explicação de por que ela é verdadeira. O mais verdadeiro início da piedade é pensar na mais elevada sublimidade possível de Deus; fazer isso tendo em mente que se deve acreditar que Ele é onipotente e imutável nos menores aspectos; que Ele é o criador de todas as coisas boas, mas que Ele mesmo é melhor do que todas elas; que Ele é o soberano supremo de tudo o que criou; e que Ele não foi auxiliado na Criação por nenhum outro ser, como se Ele não fosse suficientemente poderoso propriamente. Segue-se daí que Ele criou todas as coisas do nada. Ele não criou Dele mesmo, mas gerou aquele que é igual a Ele mesmo, que chamamos de o Unigênito de Deus. Tentando descrever o Filho mais claramente, nós o chamamos de "o Poder de Deus e a Sabedoria de Deus"[32], através do qual Deus fez todas as coisas que foram feitas do nada. Nesta base, vamos tentar, com a ajuda de Deus, atingir a compreensão do problema que você levantou.

[32] 1 Coríntios 1:24.

Capítulo III

A paixão é o princípio do mal.

06

AGOSTINHO: __ Você quer saber a fonte de nossa maldade. Então devemos primeiro discutir o que é a maldade. Formule sua visão sobre a matéria. Se você não pode explicar a coisa toda de uma vez, em poucas palavras, você pode pelo menos mostrar-me sua visão, listando atos maus em particular.

EVÓDIO: __ Adultério, assassinato e sacrilégio, sem mencionar outros, que o tempo e a memória não me permitem enumerar. Quem não reconheceria estes como maus atos?

AGOSTINHO: __ Diga-me primeiro por que você considera o adultério um mal? Por que a lei o proíbe?

EVÓDIO: __ Pelo contrário. Claramente ele não é um mal por que a lei o proíbe; a lei é que o proíbe por que é um mal.

AGOSTINHO: __ Mas, suponha que alguém quisesse fazer as coisas difíceis para nós enaltecendo os prazeres do adultério e perguntando por que pensamos que o adultério é um mal e merece a condenação. Certamente que você não acha que as pessoas que querem compreender e não mera-

mente acreditar, teriam que buscar refúgio no apelo à autoridade da lei. Agora, como você, eu acredito e acredito mais firmemente e clamo que todos os povos e nações deveriam acreditar que o adultério é um mal. Mas, agora nós estamos tentando saber e assegurar firmemente pelo conhecimento o que nós já aceitamos pela fé. Assim, pense nisto o mais cuidadosamente que você puder e diga-me que razão você tem para saber que o adultério é um mal.

EVÓDIO: __ Eu sei que é mal por que eu não toleraria se alguém tentasse cometer adultério com minha própria esposa. Alguém que faz a outro o que não quer que façam a ele mesmo faz o mau.

AGOSTINHO: __ E se a lascívia de alguém for tão grande que ele oferece sua esposa para outro e voluntariamente lhe permite que cometa adultério com ela e está disposto a desfrutar da mesma liberdade com a esposa de outro homem? Você acha que este homem praticou algum mal?

EVÓDIO: __ De forma alguma!

AGOSTINHO: __ Então, por sua regra, ele não comete pecado, já que ele não está fazendo algo que está pouco disposto a fazer com ele mesmo. Você deve, portanto, procurar algum outro argumento para mostrar que o adultério é um mal.

07

EVÓDIO: __ A razão que eu penso é que eu tenho visto frequentemente pessoas condenadas por este crime.

AGOSTINHO: __ Mas, muitas vezes pessoas não foram condenadas por atos bons? Sem remetê-lo a qualquer outro livro, lembre-se da história que é superior a todas as outras, em virtude de sua divina autoridade. Lá você encontrará que devemos pensar muito pobremente dos apóstolos e mártires, se pretendemos fazer da condenação um sinal seguro de atos maus. Todos eles foram julgados dignos de condenação por causa de sua confissão de fé. Segue-se daí que, se tudo o que é condenado é mal, era mal naqueles dias acreditar em Cristo e confessar sua fé. Mas, se nem tudo o que é condenado é mal, encontre outro argumento para mostrar por que o adultério é um mal.

EVÓDIO: __ Eu não sei como responder.

08

AGOSTINHO: __ Então talvez o que faça o adultério mal seja o desejo desenfreado, considerando que, enquanto você olha para o mal no ato externo visível, você está destinado a encontrar dificuldades. Para compreender que o desejo desenfreado é o que faz o adultério um mal, considere isto: se um homem não é capaz de dormir com ninguém além de sua espo-

sa, mas que está de alguma forma claro que ele gostaria de fazê-lo e o faria, se tivesse a oportunidade, ele não é menos culpado do que se ele fosse pego no ato.

EVÓDIO: __ Nada poderia ser mais claro. Agora eu vejo que não há necessidade de uma longa discussão para convencer-me de que este é o caso do assassinato, do sacrilégio e de qualquer outro pecado, não importa qual seja ele. Está claro agora que é o desejo desenfreado que leva a cada tipo de maldade.

Capítulo IV

O homicídio cometido por medo. A cupidez culposa.

09

AGOSTINHO: __ Você sabe que o desejo desenfreado é também chamado de "cupidez"?

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Você acha que existe alguma diferença entre a cupidez e o medo? Ou eles são totalmente a mesma coisa?

EVÓDIO: __ Na verdade, eu acho que existe uma enorme diferença entre os dois.

AGOSTINHO: __ Eu suponho que você pense assim por que a cupidez deseja seu objeto e o medo foge dele.

EVÓDIO: __ Você está totalmente correto.

AGOSTINHO: __ Então suponha que um homem mate alguém, não por que ele tenha cupidez por algo que ele deseje obter, mas por que ele teme que algum dano lhe aconteça. Seria ele um assassino?

EVÓDIO: __ Sim, ele seria. Mas, mesmo neste ato a cupidez é o motivo propulsor, pois um homem que mata alguém sem medo certamente deseja viver sem medo.

AGOSTINHO: __ Você acha que viver sem medo é um pequeno bem?

EVÓDIO: __ É um grande bem, mas esse assassino não pode conseguir isso com sua ação.

AGOSTINHO: __ Eu não estou perguntando o que ele pode conseguir, mas o que ele deseja. Alguém que deseja uma vida livre do medo certamente deseja uma coisa boa, então, seu desejo não é censurável; caso con-

trário nós teríamos que censurar todos os que amam o bem. Consequentemente, nós teremos que dizer que existe uma instância do assassinato em que a cupidez não é o motivo propulsor e será falso que o desejo desenfreado é o que motiva todos os pecados, na medida em que eles são maus. Ou isso ou haverá um tipo de assassinato que não é pecaminoso.

EVÓDIO: __ Se assassinar é somente matar um ser humano, então pode haver um assassinato que não é pecaminoso. Quando um soldado mata um inimigo, quando um juiz ou seu representante condena um criminoso à morte, ou quando uma arma acidentalmente escorrega da mão de alguém sem sua intenção ou percepção; estas pessoas não me parecem ser pecadoras quando elas matam alguém.

AGOSTINHO: __ Eu concordo, mas tais pessoas não são comumente chamadas de assassinas. Então, considere alguém que mata seu senhor por causa do medo de severas torturas. Você acha que eles seriam classificados entre aqueles que matam um ser humano, mas não merecem ser chamados de assassinos?

EVÓDIO: __ Eu acho que este caso é inteiramente diferente. Nos exemplos anteriores, aquelas pessoas agem em concordância com a lei ou, pelo menos, não contrárias à lei; mas, nenhuma lei aprova atos como no seu exemplo.

10

AGOSTINHO: __ Novamente você se refere à autoridade. Você deve se lembrar de que nós começamos esta discussão para compreender o que nós acreditamos. Nós acreditamos nas leis e então devemos tentar entendê-las __ se pudermos __ mesmo se a lei que pune este ato o faça injustamente.

EVÓDIO: __ De forma alguma é injusto punir alguém que consciente e voluntariamente mata seu senhor. Nenhuma das pessoas dos meus exemplos anteriores fiz isso.

AGOSTINHO: __ Mas, você não se lembra de que há bem pouquinho você disse que o desejo desenfreado é o que motiva cada ato mau e que esta é a verdadeira razão de por que os atos são maus?

EVÓDIO: __ Naturalmente que eu me lembro.

AGOSTINHO: __ Segue-se daí que, já que o senhor é morto pelo escravo como um resultado de seu desejo, ele não é morto como resultado de um desejo culposo. Desta forma, nós ainda não definimos por que este ato é mau. Pois, nós concordamos que todo delito é mau somente por que ele resulta do desejo desenfreado, ou seja, da cupidez culposa.

EVÓDIO: __ Neste ponto me parece que o escravo é injustamente condenado; o que eu não sonharia em dizer, se eu pudesse pensar em alguma outra resposta.

AGOSTINHO: __ Você se deixou convencer de que este grande crime deveria permanecer sem punição, sem considerar se o escravo desejava se livrar do medo de seu senhor para satisfazer seu próprio desejo desenfreado. Toda pessoa perversa __ como as boas pessoas __ deseja viver sem medo. A diferença é que a boa, ao desejar isto, afasta seu amor das coisas que não podem ser possuídas sem o medo de perdê-las. O perverso, por outro lado, tenta se livrar de tudo o que o que o impede de desfrutar de tais coisas seguramente. Isso o conduz a uma vida perversa e criminosa e que seria melhor ser chamada de morte.

EVÓDIO: __ Agora as coisas parecem fazer sentido. Eu estou contente por ter entendido tão claramente a natureza dessa cupidez perversa que é chamada de desejo desenfreado. Obviamente é o amor às coisas que se pode perder contra a vontade.

Capítulo V

O homicídio contra alguém que nos fez o mal.

11

EVÓDIO: __ Então, se você não se importa, por que não consideramos se o desejo desenfreado é também o motivo propulsor dos atos de sacrilégio, muitos dos quais, como vemos, são cometidos fora da superstição?

AGOSTINHO: __ Eu acho que você está sendo muito apressado. Primeiro, eu acho, devíamos discutir se um inimigo atacante ou um assassino de emboscada podem ser mortos sem qualquer desejo desenfreado, por causa da preservação da vida de alguém, a liberdade ou a castidade.

EVÓDIO: __ Como eu posso imaginar pessoas sem um desejo desenfreado, quando elas lutam ferozmente por coisas que elas podem perder contra sua vontade? Ou, se essas coisas não podem ser perdidas, que necessidade existe de recorrer ao assassinato por causa delas?

AGOSTINHO: __ Então é injusta a lei que permite um viajante matar um assaltante de estrada para evitar que ele próprio seja assassinado, ou a que permite a alguém __ homem ou mulher __ matar um assaltante sexual antes que ele ou ela seja ferido. A lei também ordena a um soldado matar o inimigo e, se ele se recusa, está sujeito a penalidades de seu comandante. Seguramente nós não ousaremos dizer que estas leis são injustas ou então

que elas não são leis de forma alguma. Pois me parece que uma lei injusta não é uma lei de forma alguma.

12

EVÓDIO: __ Eu vejo que a lei é totalmente segura contra este tipo de objeção, pois ela permite males menores entre as pessoas que ela governa para prevenir males maiores. É muito melhor que alguém que trama contra a vida de outro possa ser assassinado do que alguém que esteja defendendo sua própria vida. E é muito pior para alguém sofrer um ataque sexual sem desejar, do que um assaltante ser morto por alguém que ele ia assaltar. Um soldado que mata o inimigo está agindo como um agente da lei, então ele pode facilmente executar essa ação sem um desejo desenfreado. Além disso, a própria lei, que foi estabelecida com vistas a proteger o povo, não pode ser acusada de qualquer desejo desenfreado. Como para aquele que promulgou a lei; se ele o fez sob as ordens de Deus __ ou seja, se ele fez o que a justiça eterna prescreve __ ele pôde fazê-lo sem qualquer desejo desenfreado. Mas, mesmo se ele agiu sem qualquer desejo desenfreado, isso não significa que se deva ser culpado de desejo desmedido ao obedecer a lei, pois uma boa lei pode ser promulgada por alguém que não é bom propriamente. Por exemplo, suponha que alguém que tenha conquistado um poder tirânico aceitou uma propina de algum partido interessado em tornar ilegal tomar uma mulher pela força, mesmo pelo casamento. A lei não seria ruim meramente em virtude de que o ato da pessoa que a promulgou foi

injusto e corrupto. Portanto, a lei que estabelece que as forças inimigas sejam expulsas por uma força igual, para a proteção dos cidadãos, pode ser obedecida sem um desejo desmedido. O mesmo pode ser dito de todos os oficiais que, por força legal, estão sujeitos a algum poder superior.

Mas, para esses outros homens, eu não vejo como eles podem ser desculpados, mesmo se a própria lei é justa. Pois, a lei não os força a matar; ela meramente deixa isso em seu poder. Eles são livres para matar ou não por aquelas coisas que podem ser perdidas contra suas vontades e que eles deveriam, portanto, não amar.

Talvez se possa duvidar se a vida é, de alguma forma, retirada da alma quando o corpo é morto. Mas, se ela pode ser retirada, ela é de pouco valor e se ela não pode, não há nada a temer. Como para a castidade, quem duvidaria de que ela pode estar localizada na própria alma, já que é uma virtude? Assim, ela não pode ser retirada por um assaltante violento. Seja o que for que é retirado de alguém que é assassinado, isso não está completamente em nosso poder e então eu não compreendo como isso pode ser chamado de nosso. Eu não culpo a lei que permite que tais pessoas sejam assassinadas, mas eu não penso de forma alguma em defender aqueles que cometem assassinato.

13

AGOSTINHO: __ E eu não entendo por que você está procurando por uma defesa para pessoas que nenhuma lei condena.

EVÓDIO: __ Nenhuma lei, talvez, daquelas que são públicas e são lidas pelos seres humanos. Mas, eu suspeito que elas *sejam* condenadas por uma mais poderosa, uma lei oculta, se, de fato, não há nada que não seja governado pela divina providência. Como pode essas pessoas estarem livres do pecado aos olhos dessa lei, quando elas estão poluídas com sangue humano por causa de coisas que deveriam ser tratadas com desprezo? Parece-me, portanto, que a lei escrita para governar as pessoas justamente permite esses assassinatos e que a divina providência os vinga. A lei das pessoas meramente institui penalidades suficientes para manter a paz entre seres humanos ignorantes e apenas na medida em que suas ações podem ser reguladas pelo governo humano. Mas, aquelas outras faltas merecem outras penalidades que eu acho que somente a Sabedoria pode revogar.

AGOSTINHO: __ Eu louvo e aprovo sua distinção, pois, embora seja uma tentativa e incompleta, ela corajosamente almeja alturas sublimes. Você acha que a lei que é estabelecida para governar cidades possibilita considerável liberdade de movimentos, deixando muitas coisas impunes e que a divina providência vinga e você está correto. E, por que essa lei não faz tudo, não se deve concluir que devemos desaprovar o que ela faz.

Capítulo VI

A lei eterna é a regra das leis humanas. A noção de lei eterna.

14

AGOSTINHO: __ Mas, se você desejar, vamos cuidadosamente examinar em que extensão o malfeito é punido pela lei que governa os povos nesta vida. Tudo o que é deixado de lado é punido inevitável e secretamente pela divina providência.

EVÓDIO: __ Eu gostaria sim, mas somente se fosse possível chegar ao fim deste assunto, pois eu acho que este tema é infinito.

AGOSTINHO: __ Tenha coragem e tome confiante e piamente os caminhos da razão. Não há nada tão obscuro ou difícil que não possa se tornar completamente claro e cristalino com a ajuda de Deus. E assim, dependendo Dele e rogando Sua ajuda, vamos examinar a questão que colocamos. Primeiro, responda-me: a lei que é promulgada e escrita é útil aos seres humanos que vivem esta presente vida?

EVÓDIO: __ Naturalmente, pois elas são as únicas que organizam os povos e as cidades.

AGOSTINHO: __ Esses seres humanos e povos pertencem à classe das coisas que são eternas e não podem mudar ou perecer? Ou eles são mutáveis e sujeitos ao tempo?

EVÓDIO: __ Quem poderia duvidar que eles sejam mutáveis e limitados pelo tempo?

AGOSTINHO: __ Portanto, se um povo é bem organizado e sério, cuidadosamente zela pelo bem comum e todos nele valorizam menos os assuntos particulares do que o interesse público, não é correto promulgar uma lei que permita a este povo escolher seu próprios magistrados para zelar por seus interesses, ou seja, o interesse público?

EVÓDIO: __ Está totalmente correto.

AGOSTINHO: __ Mas, suponha que o mesmo povo se torne gradualmente depravado. Eles vão preferir o interesse particular ao bem público. Os votos são comprados e vendidos. Corrompidos por aqueles que cobiçam honras, eles entregam o poder para pessoas iníquas e depravadas. Neste caso, não seria correto para uma pessoa boa e poderosa (se for possível encontrá-la) tomar deste povo o poder de conferir honras e limitá-lo aos cuidados de um pequeno número de pessoas boas, ou mesmo de uma só?

EVÓDIO: __ Sim, seria.

AGOSTINHO: __ Ora, estas duas leis parecem ser contraditórias, pois uma delas dá ao povo o poder de conferir honras, enquanto que a outra o retira. E a segunda é estabelecida de uma maneira que ambas as leis não podem estar em vigor em uma cidade ao mesmo tempo. Devemos concluir, portanto, que uma delas é injusta e não deve ser promulgada?

EVÓDIO: __ De forma alguma.

AGOSTINHO: __ Então, se você concordar, vamos chamar uma lei de "temporal" se, ainda que ela seja justa, ela pode justamente ser mudada no curso do tempo.

EVÓDIO: __ Concordo.

15

AGOSTINHO: __ Então, considere a lei que é chamada de razão superior, que deve sempre ser obedecida e através da qual o perverso merece a desgraça e o bom merece uma vida feliz e através da qual a lei que concordamos em chamar de "temporal" é justamente promulgada e justamente alterada. Pode alguém de bom senso negar que esta lei é imutável e eterna? Ou ela pode ser, algumas vezes, injusta ao tornar o perverso miserável e o bom feliz, ou em permitir que o povo bem organizado e sério escolha seus pró-

prios magistrados, enquanto que um licencioso e indigno povo é privado deste poder?

EVÓDIO: __ Eu vejo que esta lei é, de fato, eterna e imutável.

AGOSTINHO: __ Eu acho que você também vê que nada é justo e legítimo na lei temporal, a não ser naquelas que os seres humanos derivaram da lei eterna. Pois se, numa ocasião um povo pode Justamente conferir honras e em outra não pode justamente fazer isso, esta mudança temporal somente pode ser justa se ela for derivada da lei eterna, de acordo com a qual é sempre justo para um povo sério conferir honras, mas injusto para um povo frívolo fazer isso. Ou você pensa diferente?

EVÓDIO: __ Eu concordo.

AGOSTINHO: __ Então, deixe-me explicar rapidamente, da melhor forma que eu puder, a noção de lei eterna que está estampada em nossas mentes. Ela é a lei segunda a qual é justo que todas as coisas sejam perfeitamente ordenadas. Diga-me se você tem alguma outra opinião.

EVÓDIO: __ Eu não tenho objeção a fazer, já que o que você diz é verdade.

AGOSTINHO: __ Então, já que existe essa única lei, através da qual todas as leis temporais relativas ao governo humano podem ser mudadas, pode essa própria lei ser mudada de alguma forma?

EVÓDIO: __ Eu entendo que ela não pode ser mudada de forma alguma. Pois, nenhum assalto violento, nenhum evento inesperado, nenhuma catástrofe poderia fazer isso. Isso tudo não seria justo para o que está perfeitamente ordenado.

Capítulo VII

Como o ser humano é bem ordenado pela lei eterna. É melhor saber do que viver.

16

AGOSTINHO: __ Muito bem! Vamos agora considerar o que é para estar perfeitamente ordenado em um ser humano, já que os seres humanos unidos sob uma lei __ uma lei temporal, como dissemos __ constitui um povo. Primeiro, diga-me se você está absolutamente certo de que você está vivo.

EVÓDIO: __ Do que eu poderia estar mais certo do que isto?

AGOSTINHO: __ Então, você pode distinguir entre um ser vivo e um que sabe que está vivo?

EVÓDIO: __ Eu sei que nada sabe que está vivo a menos que esteja vivo de fato, mas eu não estou certo se tudo que está vivo também sabe que está vivo.

AGOSTINHO: __ Como eu gostaria que você soubesse __ como você acredita __ que aos animais falta a razão! Assim, nossa discussão passaria rapidamente sobre esta questão. Mas, já que você diz que não sabe, você está provocando uma longa discussão. Isto não é o tipo de coisa que podemos simplesmente admitir como certo e ainda assim atingir nosso objetivo com o rigor lógico que eu penso ser necessário.

Então, diga-me isto. Nós correntemente vemos animais que foram adestrados pelos seres humanos. Eu não quero somente dizer seus corpos; seus espíritos também estão tão sob o controle humano que eles obedecem à vontade humana por um tipo de instinto e hábito. Você acha que existe alguma maneira de que um animal selvagem __ não importa o quão forte e feroz, não importa o quão apurado sejam seus sentidos __ possa subjugar, em troca, um ser humano? Mesmo que ele possa destruir o corpo humano, seja pela força bruta ou pelo surpresa?

EVÓDIO: __ Eu não acho que exista alguma maneira de que isso possa acontecer.

AGOSTINHO: __ Bem, então, diga-me isto. É óbvio que muitos animais ultrapassam o ser humano em força e em outras capacidades. Então, o que é que os seres humanos têm, em virtude do qual eles são superiores, de forma que nenhum animal pode subjugá-los, mas eles podem controlar muitos animais? Não é, talvez, o que usualmente é chamado de "razão" ou "conhecimento"?

EVÓDIO: __ Eu não acho que seja algo diferente disto, já que o que nos faz superior aos animais está na alma. Se eles fossem inanimados, eu diria que o que nos faz superiores a eles é o fato de termos uma alma. Mas, já que eles são animados, existe algo que está presente em nossas almas que nos faz superiores, que falta em suas almas e que os faz serem submetidos por nós. É óbvio para qualquer um que é algo de importância considerável. Qual melhor nome para isso do que "razão"?

AGOSTINHO: __ Vê como é fácil, com a ajuda de Deus, realizar algo que os seres humanos pensam ser próximo ao impossível? Para ser honesto, eu pensei que esta questão pudesse nos deter por muito mais tempo do que gastamos desde o início dela. Mas, de fato, como eu entendo, o assunto já está resolvido. Então, ouça agora a próxima etapa do argumento. Eu acredito que você se dá conta de que saber é simplesmente perceber através da razão.

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Então, a algo que sabe que está vivo não falta razão.

EVÓDIO: __ Decorrência certa.

AGOSTINHO: __ Mas, os animais estão vivos e, ainda assim, como acabamos de deixar claro, lhes falta a razão.

EVÓDIO: __ Isso é óbvio.

AGOSTINHO: __ Agora você sabe o que disse antes que não sabia: nem tudo o que é vivo sabe que está vivo, embora tudo o que sabe que está vivo deve, de fato, estar vivo.

17

EVÓDIO: __ Eu estou totalmente certo disso agora. Prossiga com o argumento, pois você me ensinou claramente que uma coisa é estar vivo e totalmente outra saber que se está vivo.

AGOSTINHO: __ Qual dos dois você acha que é melhor?

EVÓDIO: __ Claramente o conhecimento de que se está vivo é melhor.

AGOSTINHO: __ Você acha que o conhecimento de que se está vivo é melhor do que a vida? Talvez você entenda que o conhecimento é um tipo superior e mais genuíno de vida; uma vida que ninguém pode conhecer, a menos que compreenda. E compreender é simplesmente viver uma vida mais brilhante e mais perfeita, através da luz da mente. Então, a menos que eu esteja errado, você não prefere nada mais do que viver; você simplesmente prefere uma vida melhor a uma vida qualquer.

EVÓDIO: __ Você entendeu e explicou minha visão muito bem, de fato. Mas, e se acontecer de o conhecimento ser algumas vezes ruim?

AGOSTINHO: __ Eu não acho que isso possa acontecer, a menos que estejamos usando "conhecimento" em um sentido mais amplo para significar "experiência". A experiência nem sempre é boa, já que podemos experimentar o sofrimento. Mas, como poderia o conhecimento, no sentido estrito, ser mau, já que ele é adquirido pela razão e o entendimento.

EVÓDIO: __ Eu sei agora esta diferença. Por favor, continue.

Capítulo VIII

A razão que coloca o ser humano acima dos animais deve predominar nele mesmo.

18

AGOSTINHO: __ Aqui está o que eu quero dizer. Seja uma coisa em virtude da qual os seres humanos são superiores aos animais; se nós pudermos chamá-la "mente" ou "espírito" ou ambos (pois ambos são empregados nas Escrituras), se ela governa e controla as outras coisas que constituem um ser humano, então esse ser humano está perfeitamente ordenado. Nós sabemos que as árvores, que estão no mais baixo nível de vida, se alimentam, crescem, se reproduzem e florescem. Reconhecemos e admitimos que os animais podem ver e ouvir e podem sentir objetos materiais pelo toque, pelo sabor e pelo cheiro, geralmente melhor do que podemos. Considere também a força, a saúde e o vigor físico, facilidade e rapidez de locomoção. Em todos estes aspectos somos superiores a alguns animais, iguais em outros e inferiores a vários. Ainda assim nós temos estes traços em comum com os animais, embora a vida dos animais inferiores consista inteiramente na busca dos prazeres físicos e em evitar as dores.

Existem outras qualidades que não parecem existir nos animais, mas que também não são atributos humanos superiores. Por exemplo, o gracejo e o riso. Alguém com um conhecimento adequado da natureza humana considerará estas coisas caracteristicamente humanas, mas de menor importân-

cia. Existem também traços como o amor ao louvor e à fama e à vontade de poder. Aos animais, de fato, faltam estes atributos, mas, não se deve pensar que um desejo desenfreado por tais coisas nos faz superiores aos animais. Quando esse impulso não está submetido à razão, ele nos torna desprezíveis e ninguém se considera superior a outro por causa de sua indignidade.

Quando esses impulsos da alma são governados pela razão, um ser humano é considerado como regrado. Pois não devemos considerar bem regrado ou mesmo de forma alguma regrado, quando coisas melhores estão submetidas às piores. Não concorda?

EVÓDIO: __ É óbvio.

AGOSTINHO: __ Portanto, quando a razão, a mente ou o espírito controlam os impulsos irracionais da alma, um ser humano está governado pela coisa certa que deve governar, de acordo com a lei que achamos ser eterna.

EVÓDIO: __ Eu entendo e concordo.

Capítulo IX

O império da razão ou a servidão à razão diferenciam o sábio do tolo.

19

AGOSTINHO: __ Você não acha que um ser humano disposto e organizado desta forma é sábio?

EVÓDIO: __ Se este tipo de pessoa não parecer sábio, eu não sei quem poderia parecer.

AGOSTINHO: __ Eu acredito também que você saiba que muitos seres humanos são insensatos.

EVÓDIO: __ Isto é bastante óbvio.

AGOSTINHO: __ Agora, dado que esses tolos são o oposto do sábio e nós sabemos o que é ser sábio, você deve entender perfeitamente o que é ser um tolo.

EVÓDIO: __ Tolos, como todos podem dizer, são aqueles em quem a mente não tem o supremo poder.

AGOSTINHO: __ Então, o que podemos dizer sobre as pessoas neste estado? Elas têm mente? Ou seria mais o caso delas terem mente, mas não terem o controle sobre ela?

EVÓDIO: __ O último caso.

AGOSTINHO: __ Eu gostaria muito de saber que evidência você tem de que um ser humano tem uma mente, quando essa mente não está exercendo sua autoridade legítima.

EVÓDIO: __ Eu preferiria que você abordasse esta questão. Não é fácil para mim arcar com tal incumbência.

AGOSTINHO: __ De qualquer modo, é fácil para você se lembrar do que dissemos há bem pouquinho: os animais são domados e subjugados pelos seres humanos para servi-los. O argumento mostrou que os seres humanos sofreriam o mesmo destino nas mãos dos animais, não fosse o fato de que os seres humanos são superiores, de uma certa forma. Já que concordamos que não era uma superioridade *física*, ficou claro que a superioridade deve estar localizada na alma. Não poderíamos achar um nome melhor para isso do que "razão", que, como em seguida lembramos, também é chamada de "mente" ou "espírito". Mesmo se a razão e a mente não forem a mesma coisa, é certamente óbvio que apenas a mente pode fazer uso da razão. Disso concluímos que tudo o que tem razão não pode deixar de ter mente.

EVÓDIO: __ Eu me lembro disso perfeitamente e reconheço que é verdadeiro.

AGOSTINHO: __ Você acha que aqueles que adestram animais devem ser sábios? Pois eu reservo o termo "sábio" para aqueles cuja verdade pede que sejam chamados de sábios, aqueles que atingiram a paz colocando todo desejo desenfreado sob o controle da mente.

EVÓDIO: __ É um absurdo achar que "treinadores de animais", como eles são popularmente chamados, ou pastores ou vaqueiros ou cavalariços sejam sábios. Mesmo assim, vemos que todos eles têm controle sobre animais domados e trabalham para controlar os animais selvagens.

AGOSTINHO: __ Bem, aí está você! Esta é uma sólida evidência de que um ser humano pode ter uma mente sem controle. Essas pessoas têm mentes, pois elas fazem coisas que não podem ser feitas sem uma mente. Ainda assim, suas mentes não estão no controle, pois eles são tolos. E, como já estabelecemos, é apenas no sábio que a mente tem controle.

EVÓDIO: __ Eu me espanto de não ter encontrado a resposta. Ela está incluída no que tínhamos estabelecido antes.

Capítulo X

Nada força a mente a ser escrava da paixão.

20

EVÓDIO: __ Mas, vamos continuar. Então, já há muito concordamos que a sabedoria humana consiste no controle da mente humana e que é possível para a mente não ter controle**.**

AGOSTINHO: __ Você acha que o desejo desenfreado é mais poderoso do que a mente, a quem nós sabemos foi concedido o controle sobre os desejos desenfreados pela lei eterna? Eu não acho isso de forma alguma, pois isso violaria a perfeita ordem, se o mais fraco controlasse o mais forte. Portanto, eu acho que a mente deve ser mais poderosa do que a cupidez, precisamente por que é correto e justo que a mente tenha controle sobre a cupidez.

EVÓDIO: __ Eu também acho assim.

AGOSTINHO: __ E, certamente não duvidamos de que toda virtude é superior a todo vício; desta forma, quanto melhor e mais sublime é a virtude, mais forte e mais invencível ela é.

EVÓDIO: __ Quem poderia duvidar disso?

AGOSTINHO: __ Então, nenhum espírito vicioso derrota um espírito armado com a virtude.

EVÓDIO: __ Totalmente correto.

AGOSTINHO: __ E eu não acho que você vai negar que qualquer tipo de espírito é melhor e mais poderoso do que qualquer objeto material.

EVÓDIO: __ Ninguém vai negar que vê (como é fácil fazer) que uma substância viva é melhor que uma não viva e aquilo que dá vida é melhor do que aquilo que recebe vida.

AGOSTINHO: __ Muito menos ainda pode um objeto de qualquer tipo sobrepujar um espírito favorecido com a virtude.

EVÓDIO: __ Isso é totalmente óbvio.

AGOSTINHO: __ Pode um espírito justo, uma mente que está preservando seu próprio direito e autoridade, pegar outra mente que é governada pela mesma equidade e virtude, retirá-la de sua fortaleza e sujeitá-la ao desejo desenfreado?

EVÓDIO: __ De forma alguma; por duas razões. Primeiro, cada mente possui o mesmo grau de excelência. Segundo, qualquer mente que já tenha

atingido tal coisa, já deve ter caído da justiça e se tornado viciosa e, portanto, mais fraca.

21

AGOSTINHO: __ Muito arguto. Falta dizer, se você puder, se você acha que alguma coisa é superior a uma mente racional e sábia.

EVÓDIO: __ Nada além de Deus, eu acho.

AGOSTINHO: __ Esta é minha visão também. Mas, é um tema difícil e não é hora de tentar entender isso, embora nós apreendamos isso mais firmemente pela fé. Devemos completar nossa cuidadosa e deliberada investigação da questão em pauta.

Capítulo XI

A alma que se entrega à paixão por sua livre vontade é justamente punida.

AGOSTINHO: __ No caso presente, podemos estar certos de que, seja o que for que, por direito, é superior a uma mente fortalecida pela virtude, não pode ser injusto. Portanto, mesmo que ele tenha o poder de fazer, ele não forçará a mente a ser escrava do desejo desenfreado.

EVÓDIO: __ Ninguém hesitará em admitir plenamente o que você disse.

AGOSTINHO: __ A conclusão que chegamos até aqui indica que a mente que está no controle, que possui virtude, não pode ser feita escrava do desejo desenfreado por algo igual ou superior a ela, por que tal coisa seria injusta. Por outro lado, tudo o que é inferior a ela também não pode, por que sua fraqueza a impede. Então, só uma possibilidade resta: apenas sua própria vontade e livre escolha pode fazer a mente uma companheira da cupidez.

EVÓDIO: __ Eu não consigo ver qualquer alternativa.

22

AGOSTINHO: __ Então você deve também concordar que a mente sofre punição justa por tão grande pecado.

EVÓDIO: __ Eu não posso negar isso.

AGOSTINHO: __ Certamente que, só o fato de o desejo desenfreado governar a mente, já não é uma punição pequena. Desprovida das forças opostas da esplêndida riqueza da virtude, a mente é arrastada pelo desejo desenfreado até à ruína e à pobreza. Ora tomando coisas falsas como verdade e mesmo defendendo essas falsidades repetidamente; ora repudiando o que já foi acreditado e, no entanto, ainda mergulhando de cabeça em outras falsidades; ora sustentando argumentos favoráveis e se afastando de

argumentos claros; ora se desesperando completamente por encontrar a verdade e hesitando nas trevas da loucura; ora tentando entrar na luz do conhecimento, mas cambaleando de volta exaustivamente.

Nesse meio tempo a cupidez proporciona um reino de terror, esbofeteando toda a alma e vida humana com tempestades vindas de todas as direções. O medo ataca de um lado e o desejo de outro; de um lado, a ansiedade; de outro, uma felicidade vazia e enganosa; de um lado, a agonia da perda do que amamos; do outro, a paixão por adquirir o que não se tem; de um lado, a dor por uma injúria recebida; do outro, o desejo ardente da vingança. Seja para que lado nos voltemos, a avareza pode beliscar, a extravagância desperdiçar, a ambição destruir, o orgulho crescer, a inveja atormentar, a apatia pressionar, a obstinação incitar, a opressão irritar e incontáveis outros males coroarem o reino do desejo desenfreado e provocarem confusão. Em resumo, podemos considerar trivial essa punição; uma punição que, como você percebe, todo aquele que não se apega à sabedoria deve sofrer?

23

EVÓDIO: __ É, de fato, uma grande punição, eu acho e perfeitamente justa, se alguém escolhe descer das alturas da sabedoria e se tornar escravo do desejo desenfreado. Mas, não está claro se pode existir alguém que deseje ou que já desejou isso. Nós, naturalmente, *acreditamos* que os seres humanos foram criados perfeitamente por Deus e colocados em uma vida

feliz, para que, por sua própria vontade, eles tenham descido de uma vida feliz para as agruras da vida mortal. Apesar disso, embora eu acredite nisto firmemente, eu ainda não entendi. Então, se você acha que devemos adiar uma investigação cuidadosa desse assunto, eu ficaria muito relutante em fazer isso.

Capítulo XII

Os escravos da concupiscência sofrem justamente as penas da vida mortal, mesmo que eles jamais tenham tido a sabedoria

24

EVÓDIO: __ A questão que mais me perturba é esta: certamente somos tolos e nunca fomos sábios. Mesmo assim dissemos que é merecido sofrer essas penas amargas por que abandonamos a fortaleza da virtude e escolhemos ser escravos do desejo desenfreado. Como pode ser isso? Eu simplesmente não vou permitir que você adie a solução deste problema, se você puder.

AGOSTINHO: __ Você fala como se tivesse certeza de que nós nunca fomos sábios, pois você está pensando apenas no tempo desde quando nós nascemos nesta vida. Mas, já que a sabedoria está na alma, é importante perguntar se a alma desfrutou de outro tipo de vida antes de sua associação com este corpo. Talvez ela tenha vivido sabiamente naquele tempo. Esta é uma grande questão e um grande mistério, que devemos discutir em seu

lugar apropriado[33]. No entanto, essa dificuldade não nos impedirá de responder a questão em pauta, da melhor forma que pudermos.

25

AGOSTINHO: __ Assim, responda-me isto: existe em nós alguma vontade?

EVÓDIO: __ Eu não sei.

AGOSTINHO: __ Você quer saber?

EVÓDIO: __ Eu não sei isto também?

AGOSTINHO: __ Então, não me faça mais perguntas.

EVÓDIO: __ Por que não?

AGOSTINHO: __ Primeiro, por que não há por que eu responder suas perguntas, a menos que você queira saber a resposta. Segundo, por que eu não discutiria esse tipo de coisas com você, a menos que você queira alcançar a sabedoria. E, finalmente, por que você não pode ser meu amigo, a menos que você queira estar bem comigo. Mas, certamente, você já se decidiu se deseja sua própria felicidade.

[33] Santo Agostinho se ocupa detalhadamente com uma questão relacionada no Livro Três, capítulos 20 e 21.

EVÓDIO: __ Você está certo. Eu não posso negar que temos uma vontade. Siga em frente. Vamos ver o que você deduz deste fato.

AGOSTINHO: __ Farei isso. Mas, primeiro diga-me se você acha que você tem uma boa vontade.

EVÓDIO: __ O que é uma boa vontade?

AGOSTINHO: __ É uma vontade através da qual desejamos viver uma vida correta e honrada e buscar a mais alta sabedoria. Então, apenas pergunte a si mesmo: você deseja uma vida correta e honrada e fervorosamente deseja ser sábio? E, é indiscutível que, quando desejamos tais coisas, nós temos uma boa vontade?

EVÓDIO: __ Minha resposta para as duas questões é sim. Eu agora admito que eu não tenho apenas uma vontade, mas uma boa vontade.

AGOSTINHO: __ Quão valiosa você avalia esta vontade? Você certamente não acha que ela deva ser comparada com a riqueza ou as honras ou os prazeres físicos ou mesmo todas estas coisas juntas.

EVÓDIO: __ Deus me livre dessa loucura iníqua!

AGOSTINHO: __ Então, não devemos nos alegrar um pouco por que temos algo em nossas almas __ esta mesma coisa que eu chamo de uma boa vontade __ em comparação com a qual aquelas coisas que mencionamos são totalmente sem valor; coisas que uma grande maioria dos seres humanos não pouparia esforços e não evitaria perigos para obter?

EVÓDIO: __ De fato, devemos nos alegrar grandemente.

AGOSTINHO: __ Pois bem! Você acha que aqueles que não conseguem tal alegria sofrem uma perda pequena pela ausência de tão grande bem?

EVÓDIO: __ É uma perda imensa.

26

AGOSTINHO: __ Então, eu acredito que você percebe que depende de nossa vontade se desfrutamos ou abrimos mão de um grande e verdadeiro bem. Pois, o que é que está tanto no poder da vontade do que a própria vontade?[34] Ter uma boa vontade é ter algo muito mais valioso do que todos os reinos terrestres e prazeres; não ter isso é não ter algo que só a própria vontade pode dar; algo que é melhor do que todos os bens que não estão em nosso poder. Algumas pessoas se consideram totalmente miseráveis se não conseguem uma esplêndida reputação, uma grande riqueza e variados

[34] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

bens do corpo. Mas, você não as considera totalmente miseráveis, mesmo se elas possuem todas essas coisas, quando elas se apegam a coisas que elas total e facilmente podem perder, coisas que elas não possuem simplesmente em virtude de desejá-las, enquanto que elas não possuem uma boa vontade, que é incomparavelmente melhor do que essas coisas e que, embora seja um grande bem, pode ser delas, bastando que elas desejem tê-la?

EVÓDIO: __ Certamente que é assim.

AGOSTINHO: __ Como tolos e mesmo que nunca tenham sido sábios (o que é um assunto duvidoso e obscuro), eles são afligidos justa e merecidamente com tais misérias.

EVÓDIO: __ Eu concordo.

Capítulo XIII

Tanto a vida feliz quanto a vida miserável dependem de nossa vontade.

27

AGOSTINHO: __ Agora, você acha que a prudência é o conhecimento do que deve ser desejado e do que deve ser evitado?

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ E não é a firmeza da disposição da alma que não nos deixa ter medo do infortúnio ou a perda das coisas que não estão em nosso poder?

EVÓDIO: __ É sim.

AGOSTINHO: __ E a temperança é a disposição que controla e restringe o desejo pelas coisas que não é bom desejar. Você não concorda?

EVÓDIO: __ Sim, é isso mesmo.

AGOSTINHO: __ E a justiça, finalmente, é a virtude pela qual a todas as pessoas é dado o que lhe é de direito.

EVÓDIO: __ Esta é exatamente a minha concepção de justiça.

AGOSTINHO: __ Então, considere aqueles que têm esta boa vontade, cuja excelência nós temos discutido até agora. Eles com prazer abraçam este insuperável bem e se deliciam com sua presença. Eles desfrutam dele totalmente e se regozijam quando consideram que tão grande bem é deles e não pode lhes ser roubado ou tirado contra sua vontade. Podemos duvidar que eles resistirão a tudo o que é inimigo deste bem?

EVÓDIO: __ De fato, eles devem resistir a tais coisas.

AGOSTINHO: __ Então, eles são seguramente favorecidos com a prudência, já que percebem que o bem é para ser desejado e tudo o que é inimigo dele é para ser evitado.

EVÓDIO: __ Eu não acho que alguém possa perceber isso se não tiver prudência.

AGOSTINHO: __ Exatamente. E como não podemos atribuir força a eles também? Pois eles não amam e nem valorizam coisas que não estão em nosso poder. Tais coisas são amadas por uma má vontade, que eles devem resistir como um inimigo de seu próprio bem amado bem. E, já que eles não amam tais coisas, eles as consideram totalmente sem valor e não ficam atormentados com a perda delas. E este, como dissemos antes, é o papel da força de vontade.

EVÓDIO: __ Então, devemos atribuir força de vontade a eles. Pois, eu não posso imaginar ninguém que mereça ser chamado de forte[35] se não forem aqueles que paciente e calmamente suportam a ausência daquelas coisas que não estão em nosso poder obter ou manter, como achamos que aqueles que têm uma boa vontade devem necessariamente fazer.

[35] No latim *fortis*, a raiz de *fortitudo* "fortaleza".

AGOSTINHO: __ Agora, considere se podemos negar a eles a temperança, que é a virtude que restringe os desejos desenfreados. Pois, o que é mais nocivo a uma boa vontade do que o desejo desenfreado? Assim, você pode concluir que, aqueles que amam sua própria boa vontade resistirão e se oporão aos desejos desenfreados de toda maneira que eles possam e, assim, eles são chamados justamente de temperantes.

EVÓDIO: __ Eu concordo. Por favor, continue.

AGOSTINHO: __ Finalmente vem a justiça. Eu não vejo como eles podem não ter justiça, já que aqueles que tem e valorizam uma boa vontade e resistem a tudo o que é inimigo dessa vontade __ como dissemos __ não podem desejar o mal a alguém. Portanto, eles não ferem ninguém; o que, em suma, implica que eles dão a todas as pessoas o que lhes é devido. E, eu acredito que você se lembra que concordou quando eu disse que este é o papel da justiça.

EVÓDIO: __ Eu me lembro e reconheço que todas as quatro virtudes que você descreveu, com minha aprovação, estão presentes naqueles que amam sua própria boa vontade e a valorizam em alto grau.

28

AGOSTINHO: __ O que nos impede de dizer que as vidas de tais pessoas são dignas de louvor?

EVÓDIO: __ Absolutamente nada. Na verdade, todas essas considerações nos encorajam e mesmo nos compelem a dizer isso.

AGOSTINHO: __ Agora, podemos negar que se deve evitar uma vida infeliz?

EVÓDIO: __ Eu estou firmemente convencido de que é exatamente o que se deve fazer.

AGOSTINHO: __ E, naturalmente, você não acha que o que é digno de louvor deve ser evitado.

EVÓDIO: __ Eu acho que isso deve ser diligentemente procurado.

AGOSTINHO: __ Então, uma vida digna de louvor não é infeliz.

EVÓDIO: __ Conclusão correta.

AGOSTINHO: __ Então, eu acredito que você possa facilmente admitir que esta vida, que não é infeliz, é, de fato, a vida feliz.

EVÓDIO: __ Isto é totalmente óbvio.

AGOSTINHO: __ Então está estabelecido que as pessoas são felizes quando elas amam sua própria boa vontade e, consoante com isto, desprezam tudo o que é chamado de bem, mas que pode ser perdido, mesmo que se queira manter.

EVÓDIO: __ Naturalmente. Isto se conclui dos pontos que marcamos anteriormente.

AGOSTINHO: __ Totalmente correto. Mas, responda-me isto: quando elas amam sua própria boa vontade e a valorizam tão grandemente, como dissemos, isto, propriamente, não constitui uma boa vontade?

EVÓDIO: __ Sim, constitui.

AGOSTINHO: __ E, se estamos corretos em pensar que tais pessoas são felizes, não podemos concluir que aqueles que têm o tipo oposto de vontade são infelizes?

EVÓDIO: __ Certamente.

AGOSTINHO: __ Então, por que devemos hesitar em afirmar que, mesmo se nunca fomos sábios, é através da vontade que levamos e merecemos uma vida feliz e digna de louvor ou uma insignificante e infeliz?[36]

EVÓDIO: __ De fato, as conclusões às quais chegamos são corretas e inquestionáveis.

29

AGOSTINHO: __ Considere outro ponto. Eu acredito que você se lembre da maneira como definimos uma boa vontade: é uma vontade através da qual desejamos viver vidas corretas e honradas.

EVÓDIO: __ Eu me lembro disso.

AGOSTINHO: __ Assim, se através de nossa boa vontade, amamos e abraçamos essa vontade e a preferimos a tudo o que não podemos reter simplesmente por querer reter, então, como o argumento mostrou, desejamos possuir todas aquelas verdadeiras virtudes que constituem uma correta e honorável vida. Disto conclui-se que todos aqueles que desejarem viver vidas corretas e honradas, se desejam isto mais do que desejam os bens

[36] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

transitórios, eles conseguirão esse tão grande bem tão facilmente que eles o terão pelo simples fato de desejar tê-lo[37].

EVÓDIO: __ Eu mal consigo me conter diante do clamor pela alegria que esse grande e facilmente atingível bem fez brotar em mim.

AGOSTINHO: __ E, quando essa mesma alegria, nascida da obtenção desse bem, calma, tranquila e constantemente conduz a alma, isto é chamado de vida feliz. Pois, uma vida feliz não consiste precisamente no desfrute da verdade e dos bens inabaláveis?

EVÓDIO: __ De fato é isto.

Capítulo XIV

Por que há poucas pessoas felizes, quando todas desejam sê-lo?

30

AGOSTINHO: __ Bem, mas você acha que existe alguém que, de alguma forma, não quer e não deseja uma vida feliz?

EVÓDIO: __ Claramente, todo ser humano deseja isso.

[37] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

AGOSTINHO: __ Então, por que nem todo mundo consegue isso? Vimos que é através da vontade que os seres humanos merecem __ e, portanto, recebem __ tanto uma vida feliz quanto uma infeliz. Há um tipo de contradição aqui; a menos que tenhamos um grande cuidado em examinar isso, ela minará nosso cuidadoso e persuasivo argumento.

Como pode alguém sofrer uma vida infeliz, quando absolutamente ninguém deseja ser infeliz? Ou, colocando de outra forma, como podemos clamar que é através da vontade que o ser humano atinge uma vida feliz, quando tantos são infelizes, apesar do fato de que todos desejam ser felizes?

Talvez seja por que uma coisa é desejar correta ou erradamente e totalmente outra merecer algo por causa de uma boa ou má vontade. Aqueles que são felizes, que devem também ser bons, não são felizes simplesmente por que eles desejam ser felizes __ mesmo o ímpio deseja isso __ mas por que eles o desejam da forma correta, enquanto que o ímpio não faz assim. Assim, não é de surpreender que os seres humanos felizes não atinjam a vida feliz que eles desejam, pois eles, da mesma forma, não desejam a única coisa que acompanha a vida feliz e sem a qual ninguém a consegue ou não é digno de consegui-la, que é viver corretamente. Pois a eterna lei, para a qual é hora de nós retornarmos, estabeleceu com inabalável firmeza que o mérito está na vontade; a recompensa e a punição, na felicidade ou na infelicidade. E assim, quando dizemos que é através da vontade que os seres

humanos são infelizes, não queremos dizer que eles desejam ser infelizes, mas que sua vontade está em um estado tal que a infelicidade deve acontecer, eles queiram ou não. Assim, isso não contradiz nosso argumento inicial ao dizer que todos desejam ser felizes, mas nem todos podem sê-lo, pois nem todos tem a vontade de viver corretamente, o que deve acompanhar a vontade de viver felizmente. Ou você tem alguma objeção a fazer?

EVÓDIO: __ De forma alguma.

Capítulo XV

Qual é o valor respectivo da lei eterna e da lei temporal e quais são os que estão submetidos a elas.

31

EVÓDIO: __ Mas, vamos ver como isto se relaciona com a questão das duas leis[38].

AGOSTINHO: __ Muito bem. Primeiro, diga-me algo sobre aqueles que se deliciam em viver corretamente e obtém tanto prazer nisso que eles não apenas a acham correta, mas, na verdade, doce e prazerosa. Eles amam e valorizam a lei que, como eles dizem, confere uma vida feliz de acordo com uma boa vontade e uma vida infeliz de acordo com uma má vontade?

[38] Ou seja, a questão colocada no início do capítulo 6: em que extensão a lei temporal pune o malfeito?

EVÓDIO: __ Eles amam isso intensamente, pois é por seguir essa lei que eles vivem como vivem.

AGOSTINHO: __ Agora, quando eles amam isso, eles estão amando algo mutável e temporal ou alto estável e eterno?

EVÓDIO: __ Claramente, algo eterno e imutável.

AGOSTINHO: __ E quanto àqueles que perseveram em uma má vontade, mas que, mesmo assim, desejam ser felizes? Eles podem amar a lei através da qual tais pessoas são justamente punidas com a infelicidade?

EVÓDIO: __ De forma alguma, eu acho.

AGOSTINHO: __ Eles amam algo diferente então?

EVÓDIO: __ Inúmeras coisas; seja para o que for que sua má vontade os está induzindo para obter ou manter.

AGOSTINHO: __ Eu acredito que você queira dizer coisas como riqueza, honras, prazeres, beleza física e tudo o mais que não se pode obter ou manter simplesmente desejando.

EVÓDIO: __ Isso é exatamente o que eu quero dizer.

AGOSTINHO: __ Você certamente não acha que essas coisas sejam eternas, sujeitas como são às devastações do tempo.

EVÓDIO: __ Apenas um completo tolo acharia isso.

AGOSTINHO: __ Então, está claro que alguns seres humanos amam coisas eternas, enquanto que outros amam coisas temporais e nós também concordamos que existem duas leis: uma eterna e uma temporal. Agora, se você sabe algo sobre a justiça, o que os seres humanos acham que estaria sujeito à lei eterna e o que estaria sujeito à temporal?

EVÓDIO: __ A resposta para isso é óbvia. Eu acho que aqueles que são felizes, por conta de seu amor pelas coisas eternas, vivem sob a lei eterna, enquanto que aqueles que são infelizes estão sujeitos à lei temporal.

AGOSTINHO: __ Você está correto, desde que você permaneça firme mantendo o que nosso argumento demonstrou: que aqueles que obedecem à lei temporal não podem ser livres da lei eterna, da qual é derivado, como dissemos, tudo o que é justo e ainda assim, pode justamente ser mudado. Mas, eu acredito que você perceba que, aqueles que se apegam à lei eterna, por causa de sua boa vontade, não precisam da lei temporal.

EVÓDIO: __ Eu concordo.

32

AGOSTINHO: __ Assim, a lei eterna exige que nós purifiquemos nosso amor, nos afastando das coisas temporais e nos voltando para as eternas.

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Mas, quando os seres humanos, em sua cupidez, se apegam às coisas que podem ser chamadas de nossas apenas por um tempo, a lei temporal exige que eles possuam tais coisas em concordância com a lei que preserva a paz e a sociedade humana; na medida em que elas *podem* ser preservadas com base em tais coisas. O primeiro de tais bens é este corpo, junto com todas as coisas associadas à ele que são chamados de bens, como a saúde, sentidos aguçados, força, beleza e outras qualidades; algumas das quais são necessárias para boas ações e são, portanto, para serem vistas favoravelmente e outras que são menos valiosas. O segundo de tais bens é a liberdade. Ora, a única liberdade genuína é a possuída por aqueles que são felizes e se apegam à lei eterna; mas, eu estou falando do tipo de liberdade que as pessoas têm em mente quando pensam que são livres por que não têm senhores humanos ou que as pessoas desejam quando querem ser colocadas livres de seus senhores. Então vêm os pais, irmãos e irmãs, uma esposa, filhos, vizinhos, parentes, amigos e todos que estão ligados a nós por alguma necessidade. Em seguida é a própria cidade, que frequentemente toma o lugar dos pais, junto com honras e louvar e o

que é chamado de aclamação popular. Finalmente vem a propriedade, que inclui tudo o que a lei nos dá controle e que temos um direito reconhecido de vender ou doar.

Explicar como a lei distribui todas essas coisas para seus legítimos proprietários é uma tarefa longa e difícil e claramente irrelevante para a matéria em pauta. É suficiente dizer que a lei temporal pode punir o malfeito apenas retirando um ou outro desses bens daquele que está sendo punido. Assim, é pelo medo que a lei temporal coage os seres humanos e afasta as almas de seus objetos para qualquer direção que lhe agrade. Enquanto elas tiverem medo de perder tais coisas, elas costumam ter o tipo de moderação necessária para manter qualquer tipo de cidade que pode ser construída por tais pessoas. Elas são punidas não por que amam os bens temporais, mas por que erradamente os retiram dos outros. Agora, veja se nós não atingimos o fim da questão que pensou que era infinita, pois nós nos propusemos descobrir a extensão do poder de vingar os malfeitos que tem a lei que governa os povos e cidades terrenos.

EVÓDIO: __ Eu vejo que, de fato, chegamos ao fim.

33

AGOSTINHO: __ Então você concorda também com isto: se esta punição é infligida por um ato injusto ou por uma justa retribuição, ela não seria de

forma alguma uma punição se os seres humanos não amassem coisas que podem ser perdidas contra sua vontade.

EVÓDIO: __ Eu também concordo com isto.

AGOSTINHO: __ Portanto, essas mesmas coisas podem ser usadas de diferentes maneiras por diferentes pessoas; algumas as usam mal e outras as usam bem. Os que as usam mal se apegam a elas e se tornam cativos delas. Eles servem coisas que devem servi-los, se fixando em bens que não podem ser usados apropriadamente por que eles próprios não são bons. Mas, os que usam tais coisas apropriadamente mostram que elas são boas, embora não boas para eles mesmos. Pois tais coisas não fazem quem as usa boas ou melhores; de fato, elas se tornam boas pelo bom uso que se faz delas e se quem as usa não se torna apegado a elas. Elas não se tornam membros de suas almas, que é o que acontece quando elas são amadas. Assim, quando essas coisas começam a lhes ser amputadas, a pessoa não fica desfigurada por qualquer dor ou decadência. Ela está completamente acima de tais coisas, pronta para possuir e fazer uso delas quando for necessário e até mesmo mais pronta ainda para perdê-las e viver sem elas. Como este é o caso, você deve perceber que não devemos ver erro na prata ou no ouro por causa da mesquinharia, ou na comida por causa da gula, ou no vinho por causa dos beberrões, ou na beleza feminina por causa dos

fornicadores e adúlteros e assim por diante; especialmente por que você sabe que o fogo pode ser usado para curar e o pão para envenenar.

EVÓDIO: __ Claramente não devemos culpar as coisas propriamente, mas as pessoas que as usam inadequadamente.

Capítulo XVI

Epílogo do primeiro livro.

34

AGOSTINHO: __ Correto. Nós agora __ eu acho __ começamos a ver o que a lei eterna pode fazer. Nós verificamos o quão longe a lei temporal pode ir para punir o malfeito. Nós, clara e cuidadosamente distinguimos dois tipos de coisas __ as eternas e as temporais __ e, por sua vez, dois tipos de seres humanos: aqueles que buscam e amam as coisas eternas e aqueles que buscam e amam as coisas temporais. Nós determinamos que o que cada um escolhe seguir e abraçar está, positivamente, em poder da vontade [39] e que apenas a vontade pode derrubar a mente de seu baluarte de força e privá-la da ordem correta. E que não devemos culpar algo quando alguém o usa erradamente; devemos culpar quem o usa erradamente.

[39] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

Dado tudo isso, por que não voltamos para a questão que colocamos no início desta discussão e verificamos se ela foi respondida?

Nós nos propusemos descobrir o que é o mal. Esta discussão todo almejava responder esta questão. Assim, estamos agora em condições de responder se o mal é algo além do desprezo pelas coisas eternas (que a mente percebe e desfruta através dela e que não podem ser perdidas se amadas) e, pelo contrário, a busca das coisas temporais (que são percebidas através do corpo, a menos valiosa parte do ser humano e que nunca podem ser dadas como certas) como se elas fossem coisas incríveis e maravilhosas. Parece-me que todos os atos maus __ ou seja, todos os pecados__ caem nesta única categoria. Mas, eu quero saber o que você acha disto.

35

EVÓDIO: __ Eu concordo. Todo pecado surge quando alguém se afasta das coisas divinas __ que verdadeiramente perduram __ e se volta para as coisas mutáveis e incertas. Essas coisas têm seu próprio lugar e uma certa beleza própria, mas, quando uma alma perversa e desordenada as procura, ela se torna escrava das mesmas coisas que a ordem e lei divinas mandam que sejam governadas.

E eu acho que respondemos outra questão. Depois de perguntarmos o que é o mal, nos propusemos a descobrir a fonte de nosso mal. Agora, a menos que eu esteja enganado, nosso argumento mostrou que nós fazemos o mal

por livre escolha da vontade. Mas, eu tenho mais uma questão. Já que, como vimos, a livre escolha nos dá a capacidade de pecar, isso teria sido dado a nós por aquele que nos criou? Parece-me que nós não pecaríamos se não tivéssemos a livre escolha, então, há ainda o perigo de que Deus possa ser revelado como a causa de nossos maus atos.

AGOSTINHO: __ Não deixe que isso perturbe você. Nós cuidaremos disso alguma hora, quando pudermos lidar com isso mais cuidadosamente. É hora de encerrar esta discussão. Eu quero que você acredite que nós batemos na porta de grandes e veladas questões. Quando começarmos a entrar em suas câmaras interiores, com Deus como nosso guia, veremos a grande diferença que há entre esta discussão e as que virão e o quão superior elas são, não apenas na astúcia da investigação, mas também na majestade do assunto e na luz mais clara da verdade. Possa a piedade nos assistir, para que a divina providência nos possibilite manter em curso e completar nossa investigação.

EVÓDIO: __ Eu me rendo à sua vontade e com prazer me associo a você em sua decisão e em sua prece.

Livro II

Objeção advinda do fato de que a liberdade de pecar nos foi dada por Deus. Três questões: 1) como provar a existência de Deus? 2) todos os bens vêm de Deus? 3) a vontade é livre ao fazer o bem?

Capítulo I

Por que Deus nos deu a liberdade de pecar?

01

EVÓDIO: __ Agora, me explique, se você puder, por que Deus deu aos seres humanos a livre escolha da vontade, já que, se nós não a tivéssemos recebido, nós não seríamos capazes de pecar.

AGOSTINHO: __ Você acha mesmo que Deus nos deu essa coisa que você acha que não deveria nos ter sido dada?

EVÓDIO: __ Se eu entendi o Livro Um corretamente, nós temos a livre escolha da vontade e não podemos pecar sem ela.

AGOSTINHO: __ Eu também me lembro que isso ficou totalmente claro para nós. Mas, o que eu perguntei agora foi se você achava que foi *Deus* que nos deu essa coisa, que nós claramente temos e através da qual nós pecamos.

EVÓDIO: __ Quem mais poderia ter sido? Pois devemos nossa existência a Deus e é Dele que recebemos a punição pelas coisas erradas que fazemos e a recompensa pelo que fazemos de correto.

AGOSTINHO: __ Aqui eu novamente quero saber se você acha isso mesmo ou se você, de boa vontade, acredita nisso, encorajado por alguma autoridade, sem, na verdade, ter essa convicção.

EVÓDIO: __ Eu admito que no início eu acreditei nisso através da autoridade. Mas, o que poderia ser mais verdadeiro do que tudo vir de Deus, que tudo o que é justo é bom e que é justo que os pecadores sejam punidos e o bem recompensado? Disto eu concluo que é Deus quem aflige os pecadores com a infelicidade e confere a felicidade aos bons.

02

AGOSTINHO: __ Eu não faço objeção. Mas, eu tenho uma outra questão: como você sabe que devemos nossa existência a Deus? Você não explicou isso. Você apenas mostrou que é Dele que recebemos a punição ou a recompensa.

EVÓDIO: __ Isso é uma consequência óbvia do fato de que Deus, como a fonte de toda justiça, pune os pecados. Pode ser que a bondade confira benefícios para aqueles que não estão comprometidos com ela, mas a justiça

não pune aqueles que não estão sob sua jurisdição. Assim, é óbvio que pertencemos a Deus, por que Ele não apenas é mais generoso ao conferir benefícios, como também mais justo na punição. Além disso, eu afirmei e você concordou que todo bem é de Deus. Disto podemos entender que os seres humanos também são de Deus, pois os seres humanos, como tais, são coisas boas, já que eles podem viver justamente, se assim o desejarem[40].

03

AGOSTINHO: __ Se tudo isso é verdade, a questão que você colocou foi claramente respondida. Se os seres humanos são coisas boas e eles não podem agir direito a menos que eles assim o queiram, então eles devem ter uma vontade livre, sem a qual eles não podem agir direito. Verdade que eles também podem usar a vontade livre para pecar, mas, no entanto, não devemos acreditar que Deus deu a eles a livre vontade para que eles sejam capazes de pecar. O fato de que os seres humanos não poderiam viver corretamente sem isso foi razão suficiente para Deus lhes dar isso. O próprio fato de que alguém que usa a vontade livre para pecar ser punido divinamente mostra que a vontade livre foi dada para possibilitar aos seres humanos viver corretamente, pois tal punição seria injusta se a livre vontade tivesse sido dada tanto para viver justamente quanto para pecar. Apesar de tudo, como poderia alguém ser punido justamente por usar a vontade para o próprio propósito para o qual ela lhes foi dada?

[40] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

Quando Deus pune um pecador, não pense que Ele está dizendo: “Por que você não usa sua vontade livre para o propósito que Eu a dei a você?”, ou seja, para viver justamente?

E, para a bondade que tanto admiramos na justiça de Deus __ sua punição aos pecados e recompensa aos bons atos __ como poderia ela até mesmo existir, se os seres humanos não tivessem a livre escolha da vontade? Nenhuma ação seria considerada pecado ou um ato bom, se ela não tivesse sido executada pela vontade e assim a punição ou a recompensa seriam injustas, se os seres humanos não tivessem a vontade livre. Mas, foi correto haver justiça tanto na recompensa quanto na punição, já que isto é um dos bens que vem de Deus. Portanto, foi justo para Deus dar a vontade livre para os seres humanos.

Capítulo II

Se o livre arbítrio foi concedido para o bem, como ele pode ser usado para o mal?

04

EVÓDIO: __ Pois bem! Eu admito este ponto agora. Mas, você não acha que, se a livre vontade nos foi dada para vivermos justamente, nós não devíamos ser capazes de pervertê-la e usá-la para pecar? Seria como a justiça, que também foi dada aos seres humanos para possibilitá-los viver bem. Ninguém pode usar a justiça para viver maldosamente. Da mesma forma,

deve ser o caso de que ninguém poderia usar a vontade para pecar, se, de fato a vontade foi concedida para o agir correto.

AGOSTINHO: __ Deus permita __ eu espero __ que eu esteja apto a replicar você; ou melhor, que Ele possibilite a você se replicar, como a Verdade, a maior mestra de todas, ensina você interiormente. Mas, primeiro eu quero lhe dizer isto. Eu perguntei se você sabia com certeza se foi Deus que nos deu a livre vontade e você disse que sim. Então, agora que você concordou que foi ele que nos deu a livre vontade, devemos ousar dizer que ela não deveria nos ter sido dada? Se há alguma dúvida se foi Deus quem no-la deu, é apropriado para nós perguntar se isso foi uma boa dádiva e, se acharmos que foi, então nós concordaremos que ela foi dada por Deus, de quem a alma recebe todas as boas dádivas. Mas, se considerarmos que ela não foi uma boa dádiva, entenderemos que ela não foi concedida por Deus, de Quem é ímpio blasfemar. Mas, se for totalmente correto que Deus nos deu a livre vontade, então devemos admitir que ela devia ter sido concedida e exatamente como ela foi concedida, pois Deus a deu e seus atos estão totalmente além de qualquer reprovação.

05

EVÓDIO: __ Ainda que eu contemple essas coisas com fé inabalável, vamos investigá-las como se elas fossem totalmente incertas, já que eu ainda não as *conheço*. É incerto se a livre vontade foi concedida para agir corre-

tamente, já que podemos usá-la para pecar; consequentemente, também é incerto se ela devia ter sido concedida. Isto significa, em suma, que é duvidoso que ela tenha sido concedida por Deus. Pois, se é duvidoso se ela devia ter sido concedida, então também é duvidoso que ela tenha sido concedida por Deus, já que é ímpio acreditar que Deus concedeu algo que não deveria ter sido concedido.

AGOSTINHO: __ Você está, de algum modo, certo de que Deus existe.

EVÓDIO: __ Mesmo isso é algo que eu contemplo pela fé; não é algo que eu vejo por mim mesmo.

AGOSTINHO: __ As Escrituras dizem "*O tolo disse em seu coração: 'Não há Deus'*"[41]. Suponha que um desses tolos fosse dizer isto para você. Suponha que ele não queira acreditar no que você acredita, mas saber se o que você acredita é verdade. Você desistiria ou você acharia que ele pudesse, de alguma forma, ser convencido do que você firmemente acredita; especialmente se ele não fosse uma criatura meramente contenciosa, mas alguém que sinceramente desejasse saber?

EVÓDIO: __ Esta sua última condição sugere uma resposta. Não importa o quão absurda uma pessoa possa ser, ela certamente concordará que não

[41] Salmo 14: 1 e 53:1.

se deve discutir qualquer coisa __ e especialmente uma matéria tão importante __ com uma pessoa obstinada e mal intencionada. Então ela teria que me fazer acreditar que ela tinha a atitude adequada e não estava ocultando qualquer falsidade ou obstinação com relação a este assunto. Então eu mostraria para ela que ele espera que outras pessoas acreditem em coisas relacionadas ao seu próprio estado mental; coisas que ela sabe, mas que outras pessoas não. E eu tentaria conseguir que visse (como eu acho que qualquer um pode) o quão mais razoável é para ela acreditar que Deus existe de acordo com a autoridade dos escritos de grandes pessoas, que deixaram o testemunho escrito de que eles viveram com o Filho de Deus e escreveram que viram coisas que não poderiam ter acontecido se Deus não existe. Ela seria uma completa tola se me reprovasse por acreditar neles, quando ela espera que eu acredite nela. E, já que ela não poderia justamente me reprovar, ela não teria razão para não se juntar a mim.

AGOSTINHO: __ Mas, você acha que é aceitável acreditar que Deus existe por que encontramos aquelas pessoas de notória autoridade? Por que você não acha que devemos também aceitar a autoridade dessas mesmas pessoas com relação aos outros assuntos que consideramos ser incertos e desconhecidos, ao invés de labutarmos em nossa investigação?

EVÓDIO: __ Mas, não concordamos que queremos saber e entender o que acreditamos?

06

AGOSTINHO: __ Sua memória serve você bem; não podemos negar o que dissemos no início de nossa prévia discussão. A menos que acreditar e entender sejam duas coisas diferentes e nós primeiro acreditemos nas grandes e divinas coisas que desejamos entender, não haveria sentido nas palavras do profeta "*A menos que você acredite, você não entenderá*"[42]. Primeiramente, nosso próprio Senhor, através de suas palavras e atos compeliu aqueles que ele chamou para a salvação a acreditar nele. Mas, mais tarde, quando ele falou das dádivas que ele daria àqueles que acreditassem, ele não disse "Esta é a vida eterna em que eles podem *acreditar*", mas *"Esta é a vida eterna em que eles podem* ***conhecer*** *a ti, o verdadeiro Deus e aquele que enviaste, Jesus Cristo"*[43]. E ele disse para aqueles que já acreditavam *"Buscai e achareis."*[44]. Pois, algo que é acreditado, mas ainda não conhecido, ainda não foi encontrado e ninguém ainda está pronto para encontrar Deus se primeiro não acreditar que em seguida conhecerá.

Portanto, vamos cuidadosamente obedecer à ordem do Senhor, como vimos; pois ele próprio nos mostrará o que procuramos com seu encorajamento, na medida em que isso pode ser encontrado nesta vida por pessoas como nós. Pois devemos acreditar que pessoas melhores, mesmo nesta vida terrena e todas as boas e pias pessoas na próxima veem e possuem essas

[42] Isaías 7:9 (Texto pré-Vulgata).
[43] João 17:3.
[44] Mateus 7:7.

coisas mais clara e completamente. Devemos esperar um dia sermos como elas e devemos de todo coração desejar e amar essas coisas e não valorizar o que é terreno e humano.

Capítulo III

O que há de mais nobre no ser humano? Como chegar à prova incontestável da existência de Deus?

07

AGOSTINHO: __ Mas, se você não se importar, vamos colocar nossas questões na seguinte ordem. Primeiro, como é evidente que Deus existe? Segundo, todas as coisas, na medida em que são boas, vêm de deus? E, finalmente, pode a vontade livre ser contada como uma dessas coisas boas? Uma vez que tenhamos respondido estas questões, ficará bem claro, eu acho, se a vontade livre devia ter sido dada aos seres humanos. Então, para pegar algo totalmente óbvio como nosso ponto de partida, eu primeiro perguntarei a você se você próprio existe. Ou talvez você mesmo ache que possa estar enganado com relação a isto? Contudo, você poderia certamente não estar enganado, a menos que você existisse.

EVÓDIO: __ Sim, siga em frente.

AGOSTINHO: __ Muito bem, então. Já que é óbvio que você existe e isto não poderia ser óbvio a menos que você estivesse vivo, também é óbvio

que você está vivo. Você entende que estas duas coisas são absolutamente verdadeiras?

EVÓDIO: __ Eu entendo perfeitamente.

AGOSTINHO: __ Então, uma terceira coisa é óbvia, ou seja, que você compreende.

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Qual destas três você acha que é superior?

EVÓDIO: __ A compreensão.

AGOSTINHO: __ Por que você acha isso?

EVÓDIO: __ Por que existem estas três coisas: a existência, a vida e a compreensão. Uma pedra existe e um animal está vivo, mas eu não acho que uma pedra esteja viva e um animal compreenda. Mas, tudo o que compreende deve certamente também existir e estar vivo. Assim, eu não hesito em concluir que algo no qual todas as três estão presentes é superior a algo em que falta qualquer uma delas. Pois, tudo o que está vivo também existe, mas não se conclui daí que ele também compreenda, como é o caso, eu acho da vida de um animal. Mas, do fato de que algo existe não se conclui

que esteja vivo e compreenda, pois eu posso admitir que os cadáveres existem, mas ninguém diria que eles estejam vivos. E, tudo o que não está vivo não pode certamente compreender.

AGOSTINHO: __ Assim, temos que, aos cadáveres faltam duas dessas características, aos animais uma e aos seres humanos nenhuma.

EVÓDIO: __ É verdade.

AGOSTINHO: __ E temos que a mais valiosa destas três é aquela que os seres humanos têm além das outras duas, que é a compreensão, pois, tudo o que compreende deve também existir e estar vivo.

EVÓDIO: __ Certamente.

08

AGOSTINHO: __ Agora, diga-me se você sabe que você tem os familiares sentidos corpóreos: visão, audição, olfato, gosto e tato.

EVÓDIO: __ Sim, eu sei.

AGOSTINHO: __ O que você acha que pertence ao sentido da visão? Ou seja, o que você acha que nós percebemos através da visão?

EVÓDIO: __ Todos os objetos materiais.

AGOSTINHO: __ Mas, nós não sentimos o duro e o macio através da visão, sentimos?

EVÓDIO: __ Não.

AGOSTINHO: __ Assim, que objeto da percepção pertence especificamente aos olhos?

EVÓDIO: __ A cor.

AGOSTINHO: __ E aos ouvidos?

EVÓDIO: __ O som.

AGOSTINHO: __ E ao olfato?

EVÓDIO: __ O odor.

AGOSTINHO: __ E ao gosto?

EVÓDIO: __ O sabor.

AGOSTINHO: __ E ao tato?

EVÓDIO: __ O duro e o macio, o rugoso e o plano e muitas outras coisas.

AGOSTINHO: __ Mas, e sobre as formas dos objetos materiais: largo, pequeno, quadrado, redondo e assim por diante? Não podemos percebê-los tanto através do tato quanto pela visão? Então, eles não podem ser atribuídos exclusivamente à visão ou ao tato; eles pertencem aos dois.

EVÓDIO: __ Eu entendo isso.

AGOSTINHO: __ Então, você também entende que alguns objetos são percebidos exclusivamente por um sentido, enquanto que outros podem ser percebidos por mais de um.

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Mas, nós podemos, através de um dos sentidos, determinar o que pertence somente a um sentido e o que pertence a mais de um?

EVÓDIO: __ De forma alguma. Nós determinamos isso através de um sentido interior.

AGOSTINHO: __ Mas, certamente que esse sentido interior não é a razão, que os animais não possuem. Pois é, eu acho, através da razão que nós entendemos tais coisas e reconhecemos que elas são assim.

EVÓDIO: __ Na verdade, eu acho que é através da razão que nós entendemos que temos um tipo de sentido interior, para o qual tudo é transmitido pelos cinco sentidos familiares. O sentido animal da visão é uma coisa; o sentido através do qual ele tanto evita quanto persegue o que ele vê é totalmente outra. A visão está nos olhos; o outro sentido está na alma e é através dele que os animais tanto perseguem e aceitam o que lhes dá prazer, quanto evitam e rejeitam o que lhes provoca dor, mesmo que essas coisas sejam objetos da visão, ou da audição, ou dos outros sentidos físicos. Este sentido interior propriamente não é nem a visão, nem a audição, nem o olfato, nem o gosto e nem o tato; ele é alguma outra coisa que dirige todos os outros. Embora nós entendamos este sentido através da razão, como eu disse, não podemos identificá-lo com a própria razão, já que ele está claramente presente nos animais.

09

AGOSTINHO: __ Eu concordo que exista tal coisa e não hesito em chamá-la de “sentido interior”. Mas, a menos que as coisas que os sentidos corpóreos trazem até nós cheguem até o sentido interior, nós nunca atingiremos o conhecimento. Pois nós sabemos somente o que compreendemos através da razão. E nós sabemos, por exemplo, que as cores não podem ser percebidas pela audição e nem os sons pela visão. Não sabemos isso através dos olhos ou ouvidos ou pelo sentido interior, que até mesmo os animais possuem. Pois não devemos pensar que os animais sabem que os ou-

vidos não podem perceber a luz e nem os olhos os sons, já que nós só chegamos a saber através da atenção racional e o pensamento.

EVÓDIO: __ Eu não posso dizer que percebo totalmente isso. E se os animais de fato usam esse sentido interior, que você admite que eles têm, para avaliar que as cores não podem ser percebidas pela audição e nem o som pela visão?

AGOSTINHO: __ Certamente que você não acha que eles podem distinguir entre a cor que é percebida, o sentido que existe em seus olhos, o sentido interior na alma e a razão, através da qual cada um deles é definido e enumerado.

EVÓDIO: __ De forma alguma.

AGOSTINHO: __ Poderia então a razão distinguir entre estas quatro coisas e provê-la com definições, se cada uma delas, de alguma maneira, não chegasse até a razão? A cor chega até a razão através do sentido dos olhos; este sentido, por sua vez, chega até o sentido interior que o preside e o sentido interior é conduzido até ele mesmo, no mínimo, se nada interferir.

EVÓDIO: __ Eu não vejo como poderia ser diferente.

AGOSTINHO: __ Você vê que percebemos a cor através do sentido dos olhos, mas que não percebemos este sentido através dele mesmo? Pois o sentido que você usa para ver a cor não é o mesmo sentido que você usa para ver a própria visão.

EVÓDIO: __ De forma alguma.

AGOSTINHO: __ Tente fazer mais uma distinção. Eu acredito que você não vai negar que a cor é uma coisa e a visão da cor outra; e que é ainda outra coisa ter um sentido através do qual se pode ver as cores, se elas estiverem presentes, mesmo que aconteça de nenhuma cor estar presente naquele momento.

EVÓDIO: __ Eu distingo entre estas coisas e admito que cada uma delas é diferente da outra.

AGOSTINHO: __ Qual destas três você vê com seus olhos? Não é a cor?

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Então, diga-me como você vê as outras duas; pois você não poderia fazer distinção entre elas a menos que você as veja.

EVÓDIO: __ Eu não sei como. Eu sei que é algum tipo de poder que existe, nada mais.

AGOSTINHO: __ Então, você não sabe se é a própria razão ou esse sentido que chamamos de “sentido interior”, que ultrapassa os sentidos do corpo ou é alguma outra coisa?

EVÓDIO: __ Não.

AGOSTINHO: __ Mas você sabe que somente a razão pode definir essas coisas e essa razão somente pode fazer isso para as coisas que são apresentadas a ela para consideração.

EVÓDIO: __ Certamente.

AGOSTINHO: __ Então, seja o que for essa coisa através da qual percebemos tudo o que sabemos, ela é um agente da razão. Ela pega tudo o que entra em contato com ela e apresenta para a razão, para que a razão possa delimitar as coisas que são percebidas e compreendê-las através do conhecimento e não meramente através dos sentidos.

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Então, e sobre a razão propriamente, que distingue entre seus agentes e as coisas que eles conduzem, que entende a diferença entre ela mesma e eles e que afirma que ela própria é muito mais poderosa do que eles são? Certamente a razão não compreende ela mesma através de nada além dela mesma, ou seja, por nada além da razão. Como você poderia saber que tem razão, se não percebeu isso através da razão?

EVÓDIO: __ Totalmente correto.

AGOSTINHO: __ Ora, quando percebemos a cor, não fazemos isso pelo mesmo sentido que percebe que estamos percebendo. Quando ouvimos um som, não ouvimos nosso sentido da audição. Quando cheiramos uma rosa, também não cheiramos nosso sentido do olfato. Quando saboreamos algo, também não saboreamos o sentido do gosto. Quando tocamos algo, não podemos também tocar o sentido do tato. É portanto óbvio que nenhum dos cinco sentidos pode se perceber, embora todos eles possam perceber objetos materiais.

EVÓDIO: __ Isso é óbvio.

Capítulo IV

O sentido interior sente o próprio sentimento. Ele também percebe ele mesmo?

AGOSTINHO: __ Eu acho que também é óbvio que não apenas o sentido interior percebe o que recebe dos cinco sentidos corpóreos, mas que também percebe os próprios sentidos. Um animal não se moveria para perseguir ou fugir de algo, a menos que ele percebesse o fato de que ele estava percebendo e ele não pode perceber esse fato por qualquer dos cinco sentidos. Esta percepção não se deve ao conhecimento, já que apenas a razão pode produzir conhecimento, mas isso não basta para mover o animal. Ora, se isto ainda não está claro, ajudará se você considerar um sentido específico. Tome a visão, por exemplo. O animal poderia nunca abrir seus olhos e olhar em volta para achar o que ele procurava ver, a menos que ele percebesse que ele não vê essa coisa com seus olhos fechados ou parados. Mas, se ele percebe que ele não vê quando não está olhando, ele também deve perceber que não vê quando ele está olhando, por causa do mesmo apetite que o faz olhar em volta quando ele não vê o faz se manter olhando da mesma maneira quando ele vê. Isto mostra que ele percebe as duas coisas.

Mas, não é tão claro se este ser vivo, que percebe que percebe objetos materiais, também se percebe; exceto pelo fato de que todos que consideram o assunto perceberão que todo ser vivo foge da morte. Já que a morte é o oposto da vida, deve ser o caso dela se perceber, por que ela foge de seu

oposto. Mas, se isto ainda não está claro, vamos deixar de lado, para que possamos continuar buscando nossa meta apenas com base em certezas e verdades óbvias. As verdades seguintes são óbvias: os sentidos corpóreos percebem objetos materiais.

Nenhum sentido corpóreo pode se perceber. O sentido interior, no entanto, percebe objetos materiais através dos sentidos corpóreos e também percebe os próprios sentidos corpóreos. E, através da razão, todas essas coisas, bem como a própria razão se torna conhecida e é parte do conhecimento. Você não pensa assim?

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Ora, então, o que acontece com esta questão que já gastamos tanto tempo para responder?

Capítulo V

O sentido interior prevalece sobre os sentidos exteriores, dos quais ele é o moderador e o juiz.

11

EVÓDIO: __ Na medida em que eu me lembro, estamos lidando agora com a primeira das três questões que nos colocamos há bem pouco tempo para dar coerência e organizar nossa discussão; ou seja, embora devamos

firme e determinadamente acreditar que Deus existe, como podemos de fato torná-lo evidente?

AGOSTINHO: __ Sua memória funciona muito bem. Mas eu também quero que você se lembre de que, quando eu lhe perguntei se você sabia que você mesmo existe, nós concordamos que você sabia não apenas este fato, mas dois outros.

EVÓDIO: __ Eu me lembro disso também.

AGOSTINHO: __ Qual destes três inclui tudo o que os sentidos corpóreos percebem? Ou seja, em qual categoria você acha que devemos colocar tudo o que percebemos através dos olhos ou de qualquer órgão corpóreo: naquela em que meramente existe, naquela em que também está vivo ou naquela em que também compreende?

EVÓDIO: __ Naquela em que meramente existe

AGOSTINHO: __ E o próprio sentido? Em que categoria ele pertence?

EVÓDIO: __ Naquela em que está vivo.

AGOSTINHO: __ Destes dois, qual você acha que é melhor: o sentido ou a coisa que o sentido percebe?

EVÓDIO: __ O sentido, naturalmente.

AGOSTINHO: __ Por quê?

EVÓDIO: __ Por que algo que está vivo é melhor do que algo que não tem existência.

12

AGOSTINHO: __ Então, e o sentido interior, que, como concordamos anteriormente, é inferior à razão e está presente em nós e nos animais? Você duvida de que ele é superior ao sentido que percebe objetos materiais, que, por sua vez, é superior a esses objetos materiais?

EVÓDIO: __ De forma alguma.

AGOSTINHO: __ Eu quero lhe dizer por que não. Você não pode, naturalmente, dizer que o sentido interior pertence à categoria das coisas que compreendem; ele pertence à categoria das coisas que existem, que estão vivas, mas que não possuem compreensão. Pois o sentido interior também está presente nos animais e que não possuem compreensão. Dado isto, eu pergunto por que você considera o sentido interior superior ao sentido através do qual percebemos objetos materiais, já que ambos pertencem à categoria das coisas que estão vivas. Você disse que o sentido que percebe ob-

jetos materiais é superior aos objetos que ele percebe, por que os objetos materiais pertencem à categoria das coisas que meramente existem, enquanto que os sentidos pertencem à categoria das coisas que também estão vivas; mas, já que o sentido interior também pertence a esta categoria, diga-me por que você acha que ele é melhor. Talvez você diga que isto é por que o sentido interior percebe os sentidos corpóreos, mas, eu não acho que você encontrará qualquer regra confiável que afirme que tudo o que percebe é melhor do que a coisa percebida. Tal regra pode nos forçar a dizer que tudo o que compreende é melhor do que a coias compreendida, o que é falso; os seres humanos compreendem a sabedoria, mas eles não são melhores do que a sabedoria. Portanto, veja se você pode explicar por que você pensa que o sentido interior é superior ao sentido pelo qual percebemos objetos materiais.

EVÓDIO: __ Eu acho que é por que eu sei que o sentido interior é um tipo de controlador ou juiz do sentido corpóreo. Se o sentido corpóreo fica aquém do esperado no desempenho de sua função, o sentido interior exige que seu agente compense a falha, como discutimos agora há pouco. O sentido do olho não vê se ele está vendo ou não e assim não pode julgar o que falta ou o que é suficiente. Este é o trabalho do sentido interior, que mesmo avisa a alma de um animal para abrir seus olhos e completar o que ele percebe que está faltando. E todo mundo percebe que o juiz é superior à coisa julgada.

AGOSTINHO: __ Você também percebe que o sentido corpóreo também julga, de uma certa maneira, objetos materiais? Pois ele sente prazer ou dor, dependendo de como ele é afetado, se de forma gentil ou dura, pelo material objeto. Assim como o sentido interior julga o que é adequado ou inadequado no sentido dos olhos, da mesma forma o sentido dos olhos julga o que é adequado ou inadequado nas cores. Assim também, como o sentido interior julga se nossa audição está suficientemente atenta ou não, a própria audição julga se os sons são agradáveis ou desagradáveis. Não há necessidade de ir para os outros sentidos. Eu acredito que você já entende o que eu estou tentando dizer: assim como o sentido interior julga os sentidos corpóreos, quando ele aprova sua integridade ou solicita o que está faltando, assim também os sentidos corpóreos julgam os objetos materiais, através da aceitação do que é prazeroso e da rejeição do que não é.

EVÓDIO: __ Eu compreendo e admito que tudo isso é totalmente verdade.

Capítulo VI

A razão, no ser humano, prevalece sobre tudo o mais e o que prevalece sobre a razão é Deus.

13

AGOSTINHO: __ Nosso próximo assunto é se a razão julga o sentido interior. Eu não vou perguntar se a razão é *melhor* do que o sentido interi-

or, já que eu não tenho dúvida de que você acha isso. E, na verdade, eu não acho nem mesmo que precisemos perguntar se a razão julga o sentido interior. Apenas considerar tudo o que sabemos sobre as coisas que estão abaixo da razão: objetos materiais, os sentidos corpóreos e o sentido interior. Como podemos saber se um é melhor do que outro e que a razão é muito melhor do que qualquer um deles, se não for a própria razão nos dizendo isso? E a razão não pode nos dizer isso a menos que ela tenha avaliado todas estas coisas.

EVÓDIO: __ Claramente.

AGOSTINHO: __ Então, uma natureza que tem existência mas não vida ou compreensão, como um corpo inanimado, é inferior a uma natureza que tem tanto existência quanto vida, mas não compreensão, como as almas dos animais; e tal coisa, por sua vez, é inferior a algo que tem todas as três, como a mente racional de um ser humano. Isto posto, você acha que poderia encontrar algo em nós __ ou seja, algo que seja parte de nossa natureza humana __ melhor do que a compreensão? Está claro que temos um corpo, bem como um tipo de vida através da qual o corpo é animado e nutrido; as duas coisas nós encontramos nos animais. Temos também uma terceira coisa, como a cabeça ou o olho da alma, ou seja lá como a razão e a compreensão possam descrevê-la de forma mais apropriada. Então, eu lhe per-

gunto: você pode pensar em algo na natureza humana que seja mais sublime do que a razão?

EVÓDIO: __ Em absolutamente nada.

14

AGOSTINHO: __ E se pudéssemos encontrar algo que você tivesse certeza não apenas que existe, mas que é muito melhor do que nossa razão? Você hesitaria em dizer que essa coisa, seja ela o que for, é Deus?

EVÓDIO: __ Mesmo se eu pudesse encontrar algo melhor do que a melhor parte de minha natureza, eu não diria imediatamente que fosse Deus. O que eu chamo de "Deus" não é aquilo do qual minha natureza é inferior, mas aquilo do qual nada é superior.

AGOSTINHO: __ Você está totalmente correto, pois o próprio Deus capacitou sua razão para pensar pia e corretamente sobre Ele. Mas, se você não encontrasse nada acima de nossa razão, exceto o que é eterno e imutável, você hesitaria em chamar isso de "Deus"? Pois você sabe que os objetos materiais são mutáveis. É óbvio que a vida que anima o corpo muda de uma condição para outra. E a própria razão é claramente mutável; algumas vezes ela aspira a verdade e algumas vezes não; algumas vezes ela alcança a verdade e algumas vezes não. Se a razão __ não através de qualquer ór-

gão físico, não através do tato ou o gosto ou o olfato, não através dos ouvidos ou dos olhos ou de qualquer sentido inferior a ela própria, mas somente por ela mesma __ visse algo eterno e imutável, então ela confessaria que é inferior e que a coisa eterna e imutável é Deus.

EVÓDIO: __ Se acharmos isso ao qual nada é superior, eu certamente confessarei que é Deus.

AGOSTINHO: __ Ótimo. Então será suficiente para mim mostrar que algo deste tipo existe e que você pode admitir que é Deus; ou, se algo mais elevado existir, você concordará que *isso* é Deus. Portanto, se existe algo superior ou não, ficará manifesto que Deus existe quando eu, com sua ajuda, cumprir minha promessa de provar que existe algo superior à razão.

EVÓDIO: __ Então, mostre-me sua prova.

Capítulo VII

Os sentidos são característicos de cada um de nós e percebem diferentemente os diversos objetos.

15

AGOSTINHO: __ Mostrarei. Mas, primeiro eu pergunto se meus sentidos corpóreos são os mesmos que os seus ou se os meus e os seus são distintos. Se eles não forem distintos, eu não poderia ver algo que você não vê.

EVÓDIO: __ Concordo totalmente. Temos os mesmos *tipos* de sentidos, mas, cada um de nós tem seu próprio sentido individual da visão, da audição e assim por diante. Não apenas uma pessoa pode *ver* o que outra não vê, mas o mesmo é verdadeiro para a audição e cada um dos outros sentidos. Isto prova claramente que meu sentido é distinto do seu sentido.

AGOSTINHO: __ Você diria a mesma coisa sobre o sentido interior?

EVÓDIO: __ Naturalmente. Meu sentido interior percebe meus sentidos; o seu percebe os seus. Pessoas frequentemente me perguntam se eu vejo o que elas veem, precisamente por que elas não percebem, como eu, se eu vejo ou não.

AGOSTINHO: __ Então, e sobre a razão? Cada um de nós tem sua própria razão? Pois, algumas vezes acontece de eu compreender algo que você não compreende. E você não pode saber se eu compreendo, enquanto que eu sei que compreendo.

EVÓDIO: __ Claramente, cada um de nós possui uma mente racional distinta.

16

AGOSTINHO: __ Ora, cada um de nós tem seu próprio sentido da visão, mas, certamente você não diria que cada um de nós possui um sol particular que só nós vemos, ou luas pessoais e estrelas e coisas deste tipo.

EVÓDIO: __ Claro que não.

AGOSTINHO: __ Então, muitos de nós podem ver uma única coisa ao mesmo tempo, embora cada um de nós a veja com seu próprio sentido individual. Então, embora seu sentido seja distinto do meu sentido, pode acontecer de que o que você vê seja distinto do que eu vejo, mas é uma única coisa que está presente para nós dois e é vista por nós dois ao mesmo tempo.

EVÓDIO: __ Isto é totalmente óbvio.

17

AGOSTINHO: __ Você notará que, a este respeito, os outros sentidos corpóreos não são totalmente os mesmos como a visão e a audição, mas eles também não são totalmente diferentes. Você e eu podemos respirar o mesmo ar e perceber o seu odor e, da mesma maneira, podemos sentir o mesmo mel ou alguma outra comida ou bebida e perceber seu sabor. Embora exista um único objeto da percepção, nós temos nossos próprios e

distintos sentidos. Então, quando ambos percebemos um odor e um sabor, você não percebe com meus sentidos e nem eu com os seus. E nós não compartilhamos sentidos entre nós; eu tenho os meus e você tem os seus, mesmo que ambos percebamos o mesmo odor ou sabor. Assim, a este respeito, o gosto e o olfato são como a visão e a audição.

Mas, por outro lado, eles são totalmente diferentes. Mesmo que cheiremos o mesmo ar e saboreemos a mesma comida, eu não inalo a mesma parte do ar ou como a mesma parte da comida que você. Da quantidade total do ar, eu respiro uma parte que é suficiente para mim e você respira outra parte que é suficiente para você. E, embora nós partilhemos a mesma quantidade de comida, ambos não podemos comê-la toda, da maneira como ambos ouvimos a mesma palavra toda ou vemos tudo da mesma forma ao mesmo tempo. No caso da comida ou da bebida, uma parte deve entrar no meu corpo e outra parte deve entrar no seu. Você entende isto, de alguma maneira?

EVÓDIO: __ De fato, eu concordo que isto é totalmente claro e certo.

18

AGOSTINHO: __ Certamente que você não acha que o sentido do tato é como a visão ou a audição, a este respeito. Não apenas nós dois podemos tocar o mesmo objeto, como você também pode tocar a mesma parte do objeto que eu toquei. Assim, através do sentido do tato, nós dois percebe-

mos não apenas o mesmo objeto, mas a mesma *parte* do objeto. Não podemos pegar a mesma quantidade de comida e os dois comê-la toda, mas isto não é verdadeiro para o sentido do toque; você pode tocar tudo o que eu toquei. Então, não precisamos nos limitar a tocar partes separadas de um objeto; ambos podemos tocar ele todo.

EVÓDIO: __ A este respeito, eu admito que o sentido do tato é totalmente similar à visão e à audição. Mas, eu vejo uma diferença. Nós dois podemos ver ou ouvir tudo de algo ao mesmo tempo, mas, só podemos tocar partes diferentes de algo ao mesmo tempo ou a mesma parte de algo em momentos diferentes, pois, se você está tocando algo, eu não posso tocá-lo até que você deixe de tocá-lo.

19

AGOSTINHO: __ Uma réplica muito astuta. Mas, observe isto: existem, como vimos, alguns objetos da percepção que nós dois percebemos e alguns que nós percebemos individualmente. Mas, nós percebemos nossos próprios sentidos individualmente. Eu não percebo os seus e você não percebe os meus. Agora, como para as coisas que percebemos através de nossos sentidos corpóreos __ ou seja, os objetos materiais __ aqueles que devemos perceber individualmente são precisamente aqueles que pegamos e transformamos em uma parte de nós mesmos. Comida e bebida são assim; você não pode saborear nenhuma parte que eu já saboreei. As amas dão às

crianças comida que elas já saborearam, mas a parte que já foi saboreada e digerida por alguém que a saboreou não pode, de forma alguma, ser trazida de volta e usada como alimento pelas crianças. Quando o palato saboreia algo prazeroso, por menor que seja, ele declara essa coisa como uma parte irreversível dele mesmo e a força a se conformar à natureza do corpo. Se não fosse assim, nenhum gosto permaneceria na boca depois que a comida foi mastigada e cuspida.

O mesmo é verdade para as partes do ar que inalamos através do nariz. Os médicos ensinam que nós nos nutrimos através do nariz. Mas, mesmo que você possa inalar um pouco do ar que eu exalo, você não pode inalar a parte que me nutriu, por que ela deve permanecer em mim. Somente eu posso inalar esse nutriente e eu não posso exalá-lo e mandá-lo de volta para você respirar.

Existem outros objetos da percepção que percebemos sem transformá-los em partes do nosso corpo e, assim, destruí-los. São as coisas que nós dois percebemos, tanto ao mesmo tempo quanto em momentos diferentes, de uma forma que nos dois percebemos o objeto todo ou a mesma parte do objeto. Entre tais coisas estão a luz, o som e qualquer objeto material que tocamos mas deixamos intacto.

EVÓDIO: __ Compreendo.

AGOSTINHO: __ Então, está claro que as coisas que percebemos mas não transformamos pertencem à natureza de nossos sentidos e assim as temos em comum, já que elas não se tornam nossa propriedade particular, supostamente.

EVÓDIO: __ Concordo totalmente.

AGOSTINHO: __ Por "nossa propriedade particular" eu quero dizer tudo o que nos pertence individualmente, aquilo que é percebido apenas por um de nós e pertence à natureza própria do indivíduo. Por "propriedade pública e comum" eu quero dizer tudo o que pode ser percebido por todos sem alteração ou transformação.

EVÓDIO: __ De acordo.

Capítulo VIII

As relações entre os números não é percebida por nenhum dos sentidos corpóreos. Ela é única e imutável para todos os intelectos que a percebem.

20

AGOSTINHO: __Muito bem. Então, responda-me isto: você pode pensar em algo que seja comum a todos os que pensam? Eu quero dizer algo que todos eles vejam com sua própria razão ou mente, que está presente em

todos mas que não é convertido em uso particular por aqueles que o possuem, como a comida ou a bebida são e que permanece imutável e intacto, vejam eles ou não. Ou talvez você ache que nada assim existe?

EVÓDIO: __ Na verdade, eu vejo que existem muitas coisas assim, mas bastará mencionar só uma. A ordem e a verdade do número estão presentes em todos os que pensam, para que aqueles que fazem cálculos tentem apreendê-lo com sua própria razão e entendimento. Alguns podem apreendê-lo mais facilmente do que outros, mas ele se oferece igualmente para todos aqueles que são capazes de apreendê-lo; diferente da comida, ele não é transformado numa parte daquele que o percebe. Ele não está em falta quando alguém comete um erro; ele permanece verdadeiro e completo, mas quanto menos uma pessoa o vê, maior é seu erro.

21

AGOSTINHO: __ Totalmente correto. Sua resposta rápida mostra que você está bem familiar com este assunto. Mas, suponha que alguém lhe diga que os números são como imagens das coisas visíveis, que estão estampadas na alma, não por sua própria natureza, mas pelas coisas que percebemos através dos sentidos corpóreos. Como você responderia? Você concordaria?

EVÓDIO: __ De forma alguma. Mesmo se os números fossem percebidos pelos sentidos corpóreos, não se segue daí que eu também poderia perceber as regras da adição e da subtração através dos sentidos corpóreos. É pela luz da mente que eu refuto alguém que comete um erro ao somar ou subtrair. Além disso, quando eu percebo algo com os sentidos corpóreos __ como a terra, o céu e outros objetos materiais que eu percebo neles __ eu não sei quanto tempo mais eles vão existir. Mas, eu sei que sete mais três são dez, não só agora, mas sempre; nunca foi e nunca será o caso de sete mais três não ser igual a dez. Eu, portanto, digo que esta verdade incorruptível do número é comum a mim e a todos os que pensam.

22

AGOSTINHO: __ Sua réplica é perfeitamente verdadeira e totalmente certa; assim, eu não faço objeção. Mas, você facilmente verá que os números não são percebidos pelos sentidos corpóreos se você notar que cada número é nomeado com base em quantas vezes ele contém o um. Por exemplo: se ele contém o um duas vezes, ele é chamado de “dois”; se três vezes, “três” e se dez vezes, “dez”. Para qualquer número, enfim, seu nome será o número de vezes que ele contém o um. Mas, alguém que pense corretamente certamente achará que o um não pode ser percebido pelos sentidos corpóreos. Algo que é percebido por tais sentidos é claramente não um mas muitos, pois é um objeto material e, portanto, tem incontáveis partes. Eu nem mesmo irei até às mínimas e menos complexas partes, pois qual-

quer objeto material, não importa o quão pequeno ele seja, certamente tem uma direita e uma esquerda, um alto e um baixo, um lado próximo e um mais distante, uma extremidade e um meio. Devemos admitir que essas partes estão presentes em qualquer objeto material, não importa o quão pequeno ele seja e, assim, devemos concordar que nenhum objeto material é verdadeira e simplesmente um. E também não poderíamos enumerar tantas partes, a menos que tivéssemos algum conhecimento do que o um é. Pois, se eu procuro pelo um em objetos materiais e sei que eu não o encontrei, eu devo, certamente, saber o que eu estava procurando e o que eu não encontro lá; na verdade, eu devo saber que ele não pode ser encontrado lá; ou melhor, que ele não está lá de forma alguma. E ainda, se eu não conhecesse o um, eu não poderia distinguir muitas partes em objetos materiais. Assim, de onde eu vim a conhecer este *um* que não é um objeto material? Seja de onde for, eu não vim a conhecê-lo através dos sentidos corpóreos; as únicas coisas que chegamos a conhecer através dos sentidos corpóreos são os objetos materiais, que nós concordamos que não são verdadeira e simplesmente um. Além disso, se não percebemos o *um* através dos sentidos corpóreos, então não percebemos *nenhum número* através desses sentidos; pelo menos aqueles números que apreendemos através do entendimento. Pois, cada um deles obtém seu nome do número de vezes que ele contém o um, que não é percebido pelos sentidos corpóreos. As duas metades de qualquer objeto material juntas formam o todo, mas cada metade pode, por sua vez, ser dividida ao meio. Então, aquelas duas partes estão no obje-

to, mas elas não são, estritamente falando, duas. Mas, o número que é chamado “dois” contém duas vezes o que é, estritamente falando, um. Então, sua metade __ que é, estritamente falando, um __ não pode ser subdividida, por que ela é simples e verdadeiramente *um*.

23

AGOSTINHO: __ Em seguida, o um se torna dois, que é duas vezes um; mas, não se segue daí que em seguida o dois se torna duas vezes dois. O número seguinte é três e então vem o quatro, que é duas vezes dois. Esta ordem se estende para todos os números através de uma lei fixa e imutável. Então, o primeiro número após o um (que é o primeiro de todos os números) é dois, que é duas vezes um. O segundo número após o dois (que é o segundo número) é duas vezes dois; já que o primeiro número após o dois é três e o segundo número é quatro, que é dois vezes dois. O terceiro número após o três (que é o terceiro número) é dois vezes três; já que o primeiro número após o três é quatro, o segundo número é cinco e o terceiro número é seis, que é dois vezes três. E o quarto número após o quarto número é duas vezes esse número; pois o primeiro número após o quatro (que é o quarto número) é cinco, o segundo número é seis, o terceiro número é sete e o quarto número é oito, que é dois vezes quatro.

E, em todo o resto você encontrará a mesma ordem que encontramos nos dois primeiros; não importa a distância que o número está do início, seu dobro segue a mesma ordem.

Assim, vemos que esta ordem é fixa, segura e imutável para todos os números. Mas, como vemos isso? Ninguém percebe todos os números através de nenhum sentido corpóreo, pois existem infinitamente muitos outros. Então, como sabemos que esta ordem se estende para todos eles? Através de qual imagem ou visão vemos tão confiantemente essa verdade inquestionável sobre os números, que se estende infinitamente através de muitos números? Nós vemos através de uma luz interior, sobre a qual os sentidos corpóreos não sabem nada.

24

AGOSTINHO: __ Para aqueles buscadores a quem Deus deu a habilidade e cujo discernimento não está coberto pela teimosia, estes e muitos outros exemplos iguais bastam para mostrar que a ordem e a verdade dos números não tem nada a ver com os sentidos do corpo, mas que ele existe completo e imutável e pode ser visto em comum por todos os que usam a razão. Ora, existem muitas outras coisas que estão presentes geral e publicamente, aparentemente, para aqueles que usam a razão e essas coisas permanecem invioladas e imutáveis, mesmo que elas sejam percebidas separadamente pela mente e a razão de cada pessoa que as percebe. Apesar de tudo, eu não me oponho ao fato de que a ordem e a verdade dos números atingiram você

mais vigorosamente quando você concordou em responder minha questão. Não é por acaso que as Escrituras associam o número à sabedoria: *Andei por aí, eu e meu coração, para que eu pudesse saber e considerar e buscar a sabedoria e o número*[45].

Capítulo IX

No que consiste a sabedoria, sem a qual ninguém é feliz. Ela é a mesma em todos os sábios?

25

AGOSTINHO: __ Mas então, como você acha que devemos avaliar a própria sabedoria? Você acha que cada ser humano tem sua própria e pessoal sabedoria? Ou, pelo contrário, há uma única sabedoria que está universalmente presente em todos e, quanto mais se partilha dessa sabedoria, mas sábio se é?

EVÓDIO: __ Eu não estou totalmente certo sobre o que você quer dizer por "sabedoria", já que eu vejo que as pessoas têm diferentes visões sobre o que conta como sábio no discurso ou na ação. Aqueles que estão a serviço da guerra pensam que estão agindo sabiamente. Aqueles que desprezam o militarismo e se dedicam ao cuidado e trabalho nas fazendas avaliam mais positivamente o que fazem e dizem que isso é sábio. Aqueles que são especialistas em elaborar esquemas para ganhar dinheiro se consideram

[45] Eclesiastes 7:7.

sábios. Aqueles que desprezam ou renunciam a tudo isso e a tudo o que é temporal e devotam toda sua energia à busca da verdade, para que possam vir a se conhecer e a Deus, julgam que suas próprias ações são verdadeiramente sábias. Aqueles que não desejam se dedicar ao ócio da busca e contemplação da verdade, mas, ao invés disso, se ocupam com tarefas tediosas relacionadas aos interesses dos seres humanos e trabalham para assegurar que esses negócios humanos sejam justamente regulados e governados, pensam que eles são sábios.

E também, aqueles que fazem as duas coisas; que gastam algum tempo na contemplação da verdade e algum tempo nas tarefas tediosas que eles acham que são próprias da sociedade humana, se veem como os vencedores na competição pela sabedoria. Eu não mencionarei as inumeráveis seitas que sustentam que seus adeptos são superiores a todos os outros e que somente eles são sábios. Portanto, já que concordamos em responder somente com base no que nós claramente sabemos e não com base no que nós meramente acreditamos, eu não posso responder sua pergunta, a menos que, além da crença, eu saiba, através da razão e da reflexão, o que é a sabedoria.

26

AGOSTINHO: __ Mas, você não acha que a sabedoria não é outra coisa além da verdade na qual o mais alto bem é compreendido e adquirido? To-

dos os diferentes grupos que você mencionou procuram o bem e evitam o mal; o que os divide é que cada um tem uma opinião diferente sobre o que é o bem. Assim, quem procura o que não deve ser procurado está em erro, mesmo que não o procurasse, a menos que achasse que era bom. Por outro lado, aqueles que não procuram absolutamente nada, ou que procuram o que deve ser procurado, não podem estar em erro. Portanto, na medida em que todos os seres humanos procuram uma vida feliz, eles não estão em erro; mas, na extensão em que alguém se afasta do caminho que leva à felicidade __ todo o tempo insistindo que seu objetivo é ser feliz __ nessa extensão ele está em erro, pois "erro" simplesmente significa seguir algo que não nos leva aonde queremos ir[46].

Ora, quanto mais alguém se afasta do caminho correto na vida, menos sábio ele é e, assim, mais distante ele está da verdade na qual o mais alto bem é discernido e adquirido. Mas, quando seguimos e alcançamos o mais alto bem, nos tornamos felizes e isso é __ como todos concordamos __ precisamente o que procuramos. E, assim como é óbvio que todos queremos ser felizes, também é óbvio que todos queremos ser sábios, já que ninguém pode ser feliz sem a sabedoria. Pois, ninguém é feliz sem o mais alto bem, que é discernido e adquirido na verdade que todos chamamos "sabedoria". Portanto, assim como há uma noção de felicidade estampada em nossas mentes, mesmo antes de sermos felizes __ pois é através dessa noção que

[46] O sentido da palavra latina *errare* é "afastar-se de um caminho, perder-se do caminho", mas ela foi comumente estendida para incluir um erro moral ou intelectual.

sabemos confiantemente e dizemos sem hesitação que queremos ser felizes __ assim também temos a noção de sabedoria estampada em nossas mentes, mesmo antes de sermos sábios. Através dessa noção, todos nós, se perguntados se queremos ser sábios, respondemos sim, sem a menor hesitação.

27

AGOSTINHO: __ Agora que concordamos sobre o que é a sabedoria, embora talvez você não possa explicá-la em palavras (pois se sua alma não pudesse perceber a sabedoria de forma alguma, você não teria meios de saber que você deseja ser sábio e que você deve desejar isso, o que eu sinto com certeza que você não negará), eu quero que você me diga se a sabedoria, como a ordem e a verdade dos números, é uma coisa única que se apresenta para todos os que pensam ou se __ assim como existem tantas mentes quanto existem seres humanos, para que eu não possa ver nada de sua mente e você não possa ver nada da minha __ existem tantas sabedorias quanto existem potencialmente pessoas sábias.

EVÓDIO: __ Se o mais alto bem é uma coisa para todos, então a verdade na qual esse bem é compreendido e adquirido deve também ser uma coisa que é comum a todos.

AGOSTINHO: __ Mas, você duvida que o mais alto bem __ seja ele o que for _ é uma coisa para todos os seres humanos?

EVÓDIO: __ Sim, eu duvido, por que eu vejo que pessoas diferentes se alegram com coisas diferentes como seus mais altos bens.

AGOSTINHO: __ Eu gostaria apenas que as pessoas tivessem certeza sobre o que o mais alto bem é, como elas tem sobre o fato de que os seres humanos não podem ser felizes a menos que eles o obtenham. Mas, esta é uma grande questão e pode requerer uma longa discussão, então, vamos presumir que existem tantos diferentes altos bens como existem coisas diferentes que várias pessoas procuram como seus mais altos bens.

Seguramente que não se segue daí a suposição de que a própria sabedoria não é única e comum a todos, simplesmente por que os bens que os seres humanos compreendem e escolhem são muitos e variados. Isso seria como pensar que devem existir muitos sois, simplesmente por que percebemos muitas e variadas coisas através de sua luz. O que de fato acontece é que cada pessoa usa a vontade para escolher, dentre essas muitas coisas, aquela que o agrada ao olhar. Uma pessoa escolhe olhar para o alto de uma montanha e sente prazer com essa visão, enquanto outra escolhe a planura de uma planície, outra o côncavo de um vale, outra o verdor de uma floresta, outra a pulsação tranquila do mar e outra usa alguma ou todas essas por vez para contribuir com seu prazer ao olhar. E assim, existem muitas e variadas coisas que os seres humanos veem com a luz do sol e escolhem para seu prazer, mesmo que a luz propriamente seja uma só coisa na qual a con-

templação de cada pessoa vê e procura o que vai lhe agradar. Assim, mesmo supondo que existem muitos e variados bens dentre os quais cada pessoa escolhe o que deseja e que através da visão e da busca dessa coisa ela correta e verdadeiramente a constitui em seu mais alto bem, ainda permanece possível que a luz da sabedoria, na qual essas coisas podem ser vista e buscadas, é uma coisa única, comum a todos os sábios.

EVÓDIO: __ Eu admito que isso é *possível*; não há razão para que a sabedoria não possa ser uma coisa única comum a todos, mesmo que existam muitos e diversos altos bens. Mas, eu gostaria de saber se é realmente assim. Só por que admitimos que algo seja possível, não se conclui disso que este seja de fato o caso.

AGOSTINHO: __ Então, pelo menos por enquanto, suponhamos que essa sabedoria exista; mas, não sabemos ainda se ela é uma coisa única que é comum a todos, ou se cada pessoa sábia tem sua própria sabedoria, como ela tem sua própria alma e sua própria mente.

EVÓDIO: __ Exatamente.

Capítulo X

A luz da sabedoria é única e comum a todos os sábios.

28

AGOSTINHO: __ Assim, estamos de acordo que a sabedoria existe ou, pelo menos que pessoas sábias existem e que todos os seres humanos querem ser felizes. Mas, *onde* vemos esta verdade? Pois eu não tenho dúvidas de que você a vê ou que isto é de fato verdadeiro. Você vê esta verdade da mesma maneira que você vê seus próprios pensamentos, dos quais eu sou completamente inconsciente, a menos que você me fale deles? Ou, eu também posso vê-la, como você a compreende, mesmo que eu não ouça nada sobre ela de você?

EVÓDIO: __ Claramente você também pode vê-la, mesmo que eu não queira.

AGOSTINHO: __ Então, esta única verdade, que cada um de nós vê com sua própria mente, é comum a nós dois.

EVÓDIO: __ Obviamente.

AGOSTINHO: __ Da mesma maneira, eu não acho que você negará que a sabedoria deveria ser persistentemente buscada e que esta afirmação é, de fato, verdadeira.

EVÓDIO: __ Eu estou totalmente certo disso.

AGOSTINHO: __ Então esta é uma verdade única que pode ser vista em comum por todos os que a conhecem. No entanto, cada pessoa a vê com sua própria mente __ não com a sua ou a minha ou a de ninguém mais __ mesmo que a verdade que é vista esteja presente em comum a todos os que a veem.

EVÓDIO: __ Exatamente.

AGOSTINHO: __ Considere as seguintes verdades: deve-se viver justamente; as coisas inferiores devem se submeter às coisas superiores; os semelhantes devem ser comparados com os semelhantes; a todos deve ser dado o que é seu justamente. Não concorda que estas afirmações são verdadeiras e que elas estão presentes em comum a mim, a você e a todos os que as veem?

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ E você certamente não negaria que o incorrupto é melhor do que o corrupto, o eterno do que o temporal e o invulnerável do que o vulnerável.

EVÓDIO: __ Quem negaria?

AGOSTINHO: __ Alguém poderia dizer que esta verdade é sua propriedade particular, dado que ela está imutavelmente presente para ser contemplada por todos os que são capazes de contemplá-la?

EVÓDIO: __ Ninguém poderia corretamente dizer que ela é sua, já que ela é tão única e comum a todos como ela é verdadeira.

AGOSTINHO: __ De novo, quem poderia negar que se deve desviar a alma de alguém da corrupção para a incorrupção; ou, em outras palavras, que não se deve amar a corrupção, mas sim a incorrupção? E quem, admitindo que isto seja verdadeiro, não entenderia que esta verdade é imutável e não veria que ela está presente em comum a cada mente que é capaz de percebê-la?

EVÓDIO: __ Você está totalmente correto.

AGOSTINHO: __ E alguém duvida que uma vida que não pode ser abalada por qualquer adversidade de sua resolução fixa e justa é melhor do que uma que é facilmente golpeada e enfraquecida por infortúnios transitórios?

EVÓDIO: __ Quem duvidaria disso?

29

AGOSTINHO: __ Então, eu não vou procurar por mais verdades deste tipo. É suficiente que entenda e concorde que é mais certo que essas regras, essas luzes das virtudes, são todas verdadeiras e imutáveis e que estão presentes, tanto individualmente quanto coletivamente, para aqueles que são capazes de ver e contemplá-las com sua própria mente e razão. Mas, naturalmente, eu devo agora perguntar se você acha que essas verdades são parte da sabedoria. Eu estou certo que você acha que aqueles que conseguiram a sabedoria são sábios.

EVÓDIO: __ Naturalmente.

AGOSTINHO: __ Então considere aqueles que vivem justamente. Eles poderiam viver assim se eles não vissem que as coisas inferiores devem se sujeitar às coisas superiores, que os semelhantes se juntam aos semelhantes e que as coisas devem ser distribuídas aos seus legítimos proprietários?

EVÓDIO: __ Não.

AGOSTINHO: __ E certamente você concordará que alguém que enxerga estas coisas enxerga sabiamente.

EVÓDIO: __ Sim.

AGOSTINHO: __ Agora considere aqueles que vivem de acordo com a prudência. Eles não escolhem a incorrupção e reconhecem que ela é para ser preferida à corrupção?

EVÓDIO: __ Obviamente.

AGOSTINHO: __ Assim, quando eles escolhem a verdadeira coisa que todos admitem que deve ser escolhida e direcionam suas almas para ela, pode ser negado que eles escolheram sabiamente?

EVÓDIO: __ Absolutamente.

AGOSTINHO: __ E aqueles que não são afetados por nenhum medo de punição por aquilo que eles sabiamente escolheram e para o qual eles sabiamente se voltaram, estão indubitavelmente agindo sabiamente.

EVÓDIO: __ Indubitavelmente.

AGOSTINHO: __ Então é totalmente óbvio que todas essas verdades que chamamos de “regras” e “luzes das virtudes” são parte da sabedoria, já que a maioria dos que as seguem e guiam suas vidas por elas, a maioria vive e age sabiamente. E, tudo o que é feito sabiamente não pode justamente ser considerado separado da sabedoria.

EVÓDIO: __ Exatamente.

AGOSTINHO: __ Então, assim como existem verdades e regras imutáveis nos números, cuja ordem e verdade você disse que estão presentes imutavelmente e em comum a todos os que as veem, existem também verdades e regras imutáveis de sabedoria. Quando eu perguntei a você sobre algumas dessas regras, uma por uma, você respondeu que elas são verdadeiras e óbvias e concordou que elas estão presentes em comum para serem contempladas por todos os que são capazes de enxergá-las.

Capítulo XI

A sabedoria e o número são uma mesma coisa ou eles existem independentemente um do outro? Ou um está incluído no outro?

30

EVÓDIO: __ Eu estou totalmente certo disso. Mas, eu gostaria muito de saber se a sabedoria e os números estão ambos incluídos em uma única classe. Pois, como você apontou, a sabedoria e o número estão associados um com o outro nas Sagradas Escrituras. Ou talvez um derive do outro e esteja contido no outro; por exemplo, talvez o número derive da sabedoria ou esteja contido na sabedoria. Eu não sonharia em dizer que a sabedoria é derivada do número ou esteja contida no número. Eu não sei como isso poderia ser, pois eu conheci minha cota de matemáticos (ou seja lá como

você chame aqueles que são versados em cálculos), mas eu conheci muito poucos que são sábios __ talvez mesmo nenhum __ e a sabedoria me parece ser mais nobre do que o número.

AGOSTINHO: __ Você tocou em um ponto que me encanta muito. Pois, quando eu contemplo em mim mesmo a verdade imutável dos números e seu refúgio (para falar assim) e santuário interno ou reino __ ou seja lá como podemos chamar sua residência ou lar __ eu sou afastado dos objetos materiais. Eu posso, talvez, encontrar algum sobre o qual eu posso pensar, mas nada que eu possa expressar em palavras. Assim, para ser capaz de dizer alguma coisa, eu volto cansado para as coisas familiares e falo na maneira costumeira sobre o que está bem em frente de mim. A mesma coisa me acontece quando eu penso o mais cuidadosa e intencionalmente que eu posso sobre a sabedoria. Assim, dado o fato de que tanto a sabedoria quanto o número estão contidos nessa verdade mais escondida e certa e que as Escrituras testemunham que os dois estão ligados, eu me maravilho muito, por que muitas pessoas consideram a sabedoria valiosa, mas têm pouco respeito pelos números. Eles são, naturalmente, uma única e mesma coisa. No entanto, as Escrituras dizem que a sabedoria *estende seu vigor de uma extremidade do mundo à outra e governa todas as coisas com felicidade*[47]. Talvez a força que "estende seu vigor de uma extremidade do mundo à outra" seja o número e a força que "governa todas as coisas com felicida-

[47] Sabedoria 8:1.

de” seja a sabedoria, num sentido restrito, embora as duas forças pertençam a uma única e mesma sabedoria.

31

AGOSTINHO: __ Cada objeto material, não importa o meio, tem seus números; mas, a sabedoria não foi concedida aos objetos materiais e nem mesmo a todas as almas, mas apenas às almas racionais; como se ela instalasse nelas um trono de onde dispor de todas as coisas, mesmo que humildemente, para os quais ela deu números. Mas a sabedoria deu números para tudo, desde as coisas mais humildes até as mais vastas. Então, como percebemos os números que estão estampados nelas, podemos facilmente fazer avaliações sobre os objetos materiais como coisas organizadas inferiores a nós mesmos. Consequentemente, chegamos a pensar que os próprios números são também inferiores a nós e o tomamos em baixa estima. Mas, quando começamos a olhar novamente para cima de nós mesmos, vemos que os números transcendem nossas mentes e estão fixos na própria verdade.

E, já que poucos podem ser sábios e até os tolos podem contar, as pessoas se encantam com a sabedoria e menosprezam os números. Mas, como os estudados e os estudiosos se afastam cada vez mais da imundície terrena e conseguem ver muito mais claramente que a sabedoria e os números estão unidos na própria verdade, eles consideram ambos preciosos. Em compara-

ção com esta verdade, eles consideram tudo o mais sem valor; não como a prata e o ouro que os seres humanos cobiçam, mas como seus verdadeiros eus.

32

AGOSTINHO: __ Não deveria ser surpresa para você que as pessoas honram a sabedoria e denigrem os números, simplesmente por que é mais fácil contar do que ser sábio. Pois, você vê que eles consideram o ouro mais precioso do que a lamparina e, mesmo assim, em comparação com a luz, o ouro é uma ninharia ridícula. As pessoas dão uma honra maior para o que é vastamente inferior, simplesmente por que até mesmo um mendigo tem uma lamparina, enquanto que poucos tem ouro. Eu não pretendo insinuar que a sabedoria é inferior ao número, pois eles são a mesma coisa; mas, é necessário um olho que possa perceber este fato. Considere esta analogia: a luz e o calor são percebidos consubstancialmente, por assim dizer, no mesmo fogo; eles não podem ser separados um do outro. Ainda assim, o calor afeta apenas as coisas que estão próximas, enquanto que a luz é irradiada para uma área mais ampla e distante. Da mesma forma, o poder de compreensão, que é inerente à sabedoria, aquece as coisas que estão mais próximas dela, tal como as almas racionais; enquanto que as coisas que estão mais afastadas, como os objetos materiais, não são tocados pelo calor da sabedoria, mas eles são inundados com a luz dos números. Este assunto pode ainda não ser claro para você; apesar de tudo, nenhuma imagem visí-

vel pode ser perfeitamente análoga a algo invisível. No entanto, você deveria notar este único ponto, que bastará responder a questão que nos colocamos e que é óbvia, mesmo para mentes simplórias como as nossas. Mesmo se não pudermos ter certeza se os números são parte da sabedoria ou se são derivados da sabedoria, ou se a própria sabedoria é parte dos números ou se é derivada dos números, ou se ambos são nomes para uma única coisa, está certamente claro que ambos são verdadeiros e, de fato, imutavelmente verdadeiros.

Capítulo XII

A verdade é única e inalterável em todos os intelectos e ela é superior à nossa mente.

33

AGOSTINHO: __ Assim, você não pode negar a existência de uma verdade imutável que contém tudo o que é imutavelmente verdadeiro. E você não pode alegar que essa verdade é sua ou minha ou seja de quem for; ela está presente e se revela em comum para todos aqueles que discernem o que é imutavelmente verdadeiro, como uma luz que é pública e, ainda assim, estranhamente oculta. Mas, se ela está presente em comum a todos os que têm razão e entendimento, quem poderia pensar que ela pertence exclusivamente à natureza de qualquer um deles? Eu estou certo de que você se lembra do que discutimos antes sobre os sentidos corpóreos. As coisas que percebemos em comum através dos sentidos dos olhos e dos ouvidos

__ como as cores e os sons que ambos vemos ou ouvimos __ não pertencem à natureza dos nossos olhos ou ouvidos; no entanto, eles estão presentes em comum para que nós ambos percebamos. Assim, você nunca diria que as coisas que nós dois percebemos com nossas próprias mentes pertencem à natureza da minha mente ou da sua. Quando duas pessoas veem a mesma coisa com seus olhos, você não pode dizer que elas estão vendo os olhos de uma ou de outra delas, mas que é uma terceira coisa que ambas estão olhando.

EVÓDIO: __ Esta é uma verdade totalmente óbvia.

34

AGOSTINHO: __ Muito bem então. O que você acha desta verdade que estivemos discutindo por tanto tempo, na qual vemos tantas coisas? Ela é melhor do que nossas mentes, igual a elas ou mesmo inferior a elas? Se ela fosse inferior, nós faríamos avaliações *sobre* ela, não *de acordo com* ela, como nós fazemos avaliações sobre os objetos materiais que estão abaixo de nós. Nós geralmente não dizemos que eles *são* de uma certa maneira, mas que eles *devem ser* dessa maneira. O mesmo é verdadeiro para nossas almas; nós geralmente não sabemos que elas meramente *são* de uma certa maneira, mas que elas *devem ser* dessa maneira. Fazemos tais avaliações sobre os objetos materiais quando dizemos que algo não é tão branco quanto devia ser, ou não tão quadrado e assim por diante. Mas, nós dizemos que

uma alma é menos capaz do que deve ser, ou menos gentil, ou menos vigorosa, dependendo de nosso próprio caráter.

Fazemos tais avaliações *de acordo com* as regras interiores da verdade, que nós percebemos em comum; mas ninguém faz avaliações *sobre* essas regras. Quando alguém diz que as coisas eternas são melhores do que as coisas temporais, ou que sete mais três é igual a dez, ninguém diz que isso deve ser assim. Nós simplesmente reconhecemos que isso é assim; somos como exploradores que se regozijam com o que descobriram, não como inspetores que tem que colocar as coisas direito.

Além disso, se esta verdade fosse igual às nossas mentes, ela também seria mutável. Pois nossas mentes veem a verdade melhor algumas vezes do que em outras, o que mostra que elas são, de fato, mutáveis. Mas a verdade não faz progressos quando a vemos melhor e não sofre retrocesso quando a vemos pior. Ela permanece inteira e imaculada, fornecendo a alegria de sua luz para aqueles que se voltam para ela e infligindo cegueira para aqueles que se afastam dela. Por que nós mesmos fazemos julgamentos sobre nossas próprias mentes de acordo com essa verdade, enquanto que, de forma alguma, podemos fazer julgamentos sobre ela. Dizemos que uma mente não compreende tanto quanto deve, ou que ela compreende tanto quanto deve. E, quanto mais uma mente puder se voltar para a verdade imutável e se apegar a ela, mais ela deve compreender.

Portanto, já que a verdade não é nem inferior e nem igual às nossas mentes, podemos concluir que ela é superior a elas e melhor do que elas são.

Capítulo XIII

Exortação a abraçar a verdade, que é a única coisa que dá a felicidade.

35

AGOSTINHO: __ Mas, eu prometi, se você se lembra, que provaria que existe algo mais sublime do que nossa mente e razão. Aqui está: é a própria verdade. Abrace-a, se você puder; desfrute-a; *delicie-se no Senhor e ele lhe dará os desejos de seu coração*[48]. O que mais você pode desejar além da felicidade? E o que mais grandioso do que a felicidade pode existir além da inabalável, imutável e mais do que excelente verdade?

Pessoas clamam que são felizes quando apaixonadamente abraçam os corpos bonitos de suas esposas e mesmo o das prostitutas; e nós duvidaremos que somos felizes por abraçarmos a verdade?

Pessoas clamam que são felizes quando, com as gargantas secas pelo calor, chegam até uma saudável e abundante fonte, ou quando estão com fome e encontram uma elaborada refeição; e nós negaremos que somos felizes quando nossa sede é saciada e nossa fome apaziguada pela própria verdade?

[48] Salmo 36:4.

Frequentemente ouvimos vozes clamando que são felizes se estão entre rosas ou outras flores, ou desfrutam do incomparável aroma dos mais finos perfumes; o que é mais aromático, mais prazeroso do que o delicado sopro da verdade? E duvidaremos que somos felizes quando ela sopra sobre nós?

Muitos encontram a felicidade na música das vozes, das cordas e das flautas. Quando eles estão sem isso eles pensam que são miseráveis e quando eles o tem, ficam em êxtase. Assim, quando o silêncio eloquente da verdade flui sobre nós sem o clamor das vozes, devemos procurar por qualquer outra felicidade e não desfrutar daquela que está tão segura e tão próxima de nossas mãos?

Pessoas tem prazer na alegria e no brilho da luz: no cintilar do ouro e da prata, no brilho das gemas, na radiância das cores, nessa verdadeira luz que pertence aos nossos olhos e mesmo nos fogos terrestres ou nas estrelas ou no sol ou na lua. Enquanto a pobreza ou a violência não privá-los dessa alegria, eles pensam que são felizes e querem viver para sempre para desfrutar dessa felicidade. E nós temeremos encontrar nossa felicidade na luz da verdade?

36

AGOSTINHO: __ Não! Pelo contrário! Já que o mais alto bem é conhecido e adquirido na verdade e essa verdade é a sabedoria, vamos desfrutar plenamente do mais alto bem, que vemos e adquirimos nessa verdade. Pois

aqueles que desfrutam do mais alto bem são felizes de fato. Esta verdade escancara todas as coisas boas que são verdadeiras, oferecendo-as para serem agarradas por todos aqueles que possuem entendimento e escolhem uma ou muitas delas para seu contentamento.

Agora, pense por um instante naqueles que escolhem o que lhes agrada na luz do sol e obtém alegria em contemplá-las. Se apenas seus olhos fossem cheios de vida, saudáveis e excepcionalmente fortes, eles não gostariam de nada mais do que olhar diretamente para o sol, que projeta sua luz mesmo nas coisas inferiores e delicia seus olhos mais fracos.

O mesmo acontece com a mente forte e cheia de vida. Uma vez que ela tenha contemplado muitas coisas verdadeiras e imutáveis, com os olhos seguros da razão, ela se volta para a própria verdade, através da qual todas aquelas coisas verdadeiras se tornam conhecidas. Ela esquece aquelas outras coias e se apega à verdade, na qual ela desfruta de todas elas de uma vez. Pois tudo o que é prazeroso nas outras coisas verdadeiras é especialmente prazeroso na própria verdade.

37

AGOSTINHO: __ Isto é a nossa liberdade; quando estamos sujeitos à verdade e a verdade é o próprio Deus, que nos liberta da morte, ou seja, do estado de pecado. Pois essa verdade, falando como um ser humano, para aqueles que acreditam nele, diz: *Se permanecerdes na minha palavra, se-*

reis meus verdadeiros discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos livrará"[49]. Pois a alma não desfruta de nada com liberdade, se ela não desfruta com segurança.

Capítulo XIV

Possui-se a verdade com segurança.

AGOSTINHO: __ Ora, ninguém está seguro ao desfrutar de bens que podem ser perdidos contra sua vontade. Mas, ninguém pode perder a verdade e a sabedoria contra sua vontade, pois ninguém pode ser separado do lugar onde elas estão.

O que chamamos de separação da verdade e da sabedoria é realmente apenas uma vontade perversa que ama as coisas inferiores e ninguém deseja algo sem vontade. Todos podemos desfrutá-la igualmente e em comum; nela há amplos espaços e não falta para ninguém. Ela recepciona todos os seus amantes sem inveja; ela pertence a todos, mas é leal a cada um. Ninguém diz ao outro: "Afaste-se para que eu também possa me aproximar; largue-a para que eu também possa abraçá-la". Eles todos se prendem a ela, eles todos a tocam. Ninguém retira dela um só pedaço para servir de seu alimento; você não bebe nada dela que eu também não possa beber. Pois o que você ganha com essa comunhão não se torna sua propriedade

[49] João 8:31-32.

particular; ela permanece intacta para mim. Quando você a inspira, eu não preciso esperar você devolvê-la para poder inspirá-la também. Nenhuma parte dela jamais se torna propriedade particular de ninguém; ela está sempre totalmente presente para todos.

38

AGOSTINHO: __ Portanto, as coisas que tocamos ou saboreamos ou cheiramos são menos similares a esta verdade do que as coisas que ouvimos ou vemos. Pois cada palavra que é ouvida é ouvida simultaneamente e em sua inteireza por todos os que a ouvem e qualquer forma que é vista pelos olhos é vista igualmente por cada olho que a vê. Mas, estas coisas guardam apenas uma muito distante semelhança com a verdade. Pois nenhum som existe todo ao mesmo tempo; cada som é produzido no tempo e se estende no tempo e uma parte dele é ouvida após outra. E cada forma visível se estende no espaço e não existe como um todo em qualquer espaço.

Além disso, qualquer uma dessas coisas pode ser afastada de nós contra nossa vontade e existem muitos obstáculos que nos impedem de desfrutar delas totalmente. Por exemplo, mesmo que alguém possa cantar uma linda canção que nunca chegasse a um fim e aqueles que estivessem dispostos viessem entusiasticamente ouvi-la, eles se agrupariam e lutariam por um lugar mais próximo do cantor. E, mesmo assim, eles não poderiam esperar para sempre pelo que ouvissem; os sons os alcançariam e então se esvairi-

am. Mesmo que eu quisesse olhar para o sol e pudesse fazê-lo com um olho resoluto, ele me abandonaria no pôr-do-sol ou quando ele estivesse escondido por uma nuvem; e muitas outras coisas interfeririam com meu prazer em ver o sol e assim eu o perderia contra minha vontade. Além disso, mesmo supondo que eu pudesse sempre ver uma luz brilhante ou ouvir um lindo som, que proveito eu tiraria disso? Eu teria isso em comum com os animais.

Mas, para a vontade que firmemente deseja desfrutar dela, a beleza da verdade e da sabedoria não é obscurecida pelas multidões de ávidos ouvintes. Ela não se desgasta ao longo do tempo e ela não se move de um lugar para outro. A noite não a cobre e nenhuma sombra a esconde. Os sentidos corpóreos não a percebem. Ela está próxima daqueles que, no mundo todo, se voltam para ela e a amam. Ela está eternamente presente com todos eles. Ela não está em nenhum lugar, mas está presente em todo lugar. Ela adverte externamente e ensina internamente. Ela muda para melhor todos aqueles que a contemplam e ninguém a muda para pior. Ninguém a julga, mas, sem ela, ninguém julga corretamente. E assim, está claro além de qualquer dúvida, que esta única verdade __ pela qual as pessoas se tornam sábias e que as torna juízes, não disso, mas das outras coisas __ é melhor do que nossas mentes.

Capítulo XV

Os raciocínios precedentes provam a existência de Deus.

39

AGOSTINHO: __ Agora que você concordou que eu provei a existência de algo mais sublime do que nossas mentes, você admitiria que isso era Deus, na medida em que não existisse nada mais sublime. Eu aceitei esta concessão e disse que bastaria que eu provasse que existe algo mais sublime do que nossas mentes. Pois, se existe algo melhor do que a verdade, então isso é Deus; se não, a própria verdade é Deus. Assim, em qualquer dos casos, você não pode negar que Deus existe e que esta foi a verdadeira questão que concordamos em discutir. Talvez ocorra a você que, de acordo com o ensinamento de Cristo, que nós aceitamos na fé, a Sabedoria tem um Pai[50]. Mas, lembre-se de outra coisa que aceitamos na fé: a Sabedoria que é filha unigênita do eterno Pai é igual a ele.

Isso não é um assunto para discutirmos agora; devemos aceitá-lo com fé inabalável. Pois existe de fato um Deus e ele existe verdadeiramente e no mais alto grau. Isto não é mais uma verdade que mantemos meramente com uma fé firme; nós atingimos uma infalível __ embora extremamente superficial __ forma de conhecimento.

[50] Santo Agostinho está se referindo à prática comum de se referir ao filho de Deus como "Sabedoria". Cf. 1 Coríntios 1:24: *Cristo, o Poder de Deus e a Sabedoria de Deus*.

Isto é suficiente para nos capacitar a explicar as outras coisas relacionadas com nossa questão, a menos que você tenha alguma objeção a fazer.

EVÓDIO: __ Eu estou tão inundado de alegria que não posso expressar em palavras. Eu aceito o que você diz e, de fato, clamo que isso é mais do que certo. Mas, eu clamo internamente, esperando ser ouvido pela própria verdade e me apegar a ela. Pois, eu reconheço que isso não é meramente um bem entre outros, mas é o mais sublime dos bens e aquele que nos dá a verdadeira felicidade.

40

AGOSTINHO: __ Você faz bem em sentir tal alegria. Eu também estou em grande regozijo. Mas, eu lhe pergunto: nós já somos felizes e sábios? Ou estamos simplesmente no caminho?

EVÓDIO: __ Eu acho que estamos simplesmente no caminho.

AGOSTINHO: __ Então, como você entende essas verdades certas que o faz gritar de alegria? E como você sabe que elas pertencem à sabedoria? Pode um tolo conhecer a sabedoria?

EVÓDIO: __ Não enquanto ele permanecer um tolo.

AGOSTINHO: __ Então, você é um sábio ou ainda não conhece a sabedoria.

EVÓDIO: __ Eu ainda não sou sábio, mas eu também não diria que sou um tolo, já que eu conheço a sabedoria. Pois eu não posso negar que as coisas que eu conheço são corretas ou que pertencem à sabedoria.

AGOSTINHO: __ Mas, Evódio! Você não concordaria que alguém que não justo é injusto e alguém que não é prudente é imprudente e alguém que não é temperante é intemperante? Ou há algum espaço para dúvidas quanto a estes assuntos?

EVÓDIO: __ Eu concordo que quando alguém não é justo ele é injusto e eu diria a mesma coisa sobre a prudência e a temperança.

AGOSTINHO: __ Então, quando alguém não é sábio, ele não é um tolo?[51]

EVÓDIO: __ Sim, eu concordo com isso também. Quando alguém não é sábio ele é um tolo.

AGOSTINHO: __ Muito bem então. O que você é?

[51] Em latim, a palavra para "sábio" (*sapiens*) está relacionada á palavra para "tolo" (*insipiens*), como "prudente" está para "imprudente".

EVÓDIO: __ Chama-me do que você quiser. Eu não sonharia dizer que sou sábio; assim, diante do que eu já concordei, eu vejo que devo admitir que sou um tolo.

AGOSTINHO: __ Então, um tolo conhece a sabedoria. Pois, como dissemos antes, você não poderia estar certo de que desejasse ser sábio e que você deveria desejar, a menos que uma noção de sabedoria estivesse presente em sua mente. O mesmo é verdadeiro para as coisas que você disse em resposta a cada uma das minhas perguntas; coisas que pertencem à própria sabedoria e que você se alegrou ao entender.

EVÓDIO: __ É exatamente como você diz.

Capítulo XVI

À almas zelosas que a procuram, a sabedoria se mostra em toda parte, por meio dos números impressos em cada coisa.

41

AGOSTINHO: __ O que fazemos quando persistentemente buscamos ser sábios? Não buscamos, com o máximo de energia que pudermos mobilizar, de algum jeito focar toda nossa alma naquilo que alcançamos através da mente, nos situarmos e ficarmos firmemente entrincheirados nisso, para que não mais possamos nos alegrar com nossos próprios bens privados,

que são presos a coisas efêmeras, mas, ao invés disso, colocar de lado tudo o que está preso ao tempo e ao espaço e apreender o que é sempre único e o mesmo? Pois, assim como a alma é a vida toda do corpo, assim Deus é a vida feliz da alma. Assim, enquanto estivermos buscando __ na medida em que o fazemos sinceramente __ estamos no caminho. Foi-nos permitido nos alegrarmos com estes bens verdadeiros e certos, mesmo que agora eles pareçam clarões de luz nesta estrada escura. Não está escrito que a Sabedoria faz isso por seus amantes, quando eles a procuram e chegam até ela? Pois, está dito: *Ela mesma vai à procura dos que são dignos dela; ela lhes aparece nos caminhos, cheia de benevolência e vai ao encontro deles em todos os seus pensamentos*[52]. Para todo lugar que você se volte, ela fala para você nas pegadas que ela deixa em suas ações. Quando você mergulha de volta nas coisas externas, ela usa as formas daquelas coisas verdadeiras para chamar você de volta para dentro, para que você possa ver que tudo o que agrada você nos objetos materiais e o seduz através dos sentidos corporais tem número. Então você se perguntará de onde vem esse número e, voltando-se para dentro de você mesmo, você entenderá que não pode nem aprovar e nem desaprovar nada do que você percebe através dos sentidos corpóreos a menos que você tenha em você algumas leis da beleza, às quais você remete cada coisa bonita que você vê do lado de fora de você.

[52] Sabedoria 6:16.

42

AGOSTINHO: __ Considere o céu, a terra, o mar e tudo neles que brilha nas alturas ou rasteja aqui embaixo, tudo o que voa ou nada. Eles têm forma por que têm números; afaste sua forma e seu número e eles não serão nada. Assim, eles derivam seu ser da mesma fonte que o número, pois eles têm ser apenas na medida em que tem número.

Os artesãos que moldam todo tipo de formas físicas usam os números que eles têm em sua arte para elaborar suas obras. Eles colocam suas mãos para trabalharem em suas ferramentas até que o objeto __ que está sendo confeccionado externamente de acordo com a luz interna da mente __ esteja pronto o mais perfeitamente possível. Os sentidos reapresentam o objeto ao juiz interno, que contempla os números dele e fica contente.

Em seguida, pergunte o que move as mãos do artesão; são os números, pois elas se movem também de acordo com o número. Agora, afaste a obra de suas mãos e o desenho de sua mente e imagine que ele está movendo seu corpo por causa do prazer; você chamará isso de "dança". Pergunte o que há na dança que dá prazer; o número responderá: "Sou eu".

Agora considere a beleza de um objeto material em repouso; seus números permanecem no lugar. Considere a beleza de um objeto material em movimento; seus números variam ao longo do tempo. Penetre na arte de onde essas coisas procedem e procure nela pelo tempo e o espaço; ela existe no

tempo e no espaço, pois os números residem nela; seu reino não está confinado ao espaço e nem sua idade é medida em dias.

Quando aqueles que querem se tornar artesãos se põem a aprender o ofício, eles movem seus corpos no tempo e no espaço, mas suas mentes apenas no tempo; ou seja, eles se tornam mais hábeis com a passagem do tempo.

Agora, vá além da mente do artesão para ver o número eterno. A própria sabedoria brilhará sobre você de seu trono interno e do lar secreto da verdade. E, se seu brilho subjugar sua visão fraca, desvie os olhos de sua mente de volta para a estrada onde a própria sabedoria se revelou para você graciosamente. Mas lembre-se que você meramente adiou uma visão que você procurará novamente, quando você estiver mais forte e mais saudável.

43

AGOSTINHO: __ Ó sabedoria; a luz mais doce de uma mente purificada! Ai daqueles que abandonam você como seu guia e erram por onde você deixou seus traços, que amam as coisas nas quais você fala para nós ao invés de amar você e que esquecem o que você está nos dizendo. Pois você não cessa de nos dizer o quão grande você é e nos falar da beleza de cada coisa criada. Mesmo um artesão fala, de alguma forma, da verdadeira beleza de sua obra para quem a enxerga, sugerindo-lhe que não dedique toda sua atenção à aparência do objeto material que foi produzido, mas que olhe além disso e se lembre com afeto daquele que a produziu. Mas, aqueles que

amam o que você faz ao invés de amar você são como pessoas que ouvem alguém falando sábia e eloquentemente, mas que reparam entusiasticamente no encanto de sua voz e na construção de suas palavras, ao mesmo tempo em que ignoram a coisa mais importante: o que suas palavras querem dizer.

Ai daqueles que se afastam de sua luz e prazerosamente abraçam sua própria escuridão. Eles viram suas costas para você e se encantam com as obras da carne, que são como suas próprias sombras. Mas, mesmo assim, as coisas que os deliciam possuem algo da radiância de sua luz. Mas, quando alguém ama uma sombra, o olho da alma se torna mais fraco e mais inadequado para olhar para você. Assim, ele vaga na escuridão mais e mais e prazerosamente busca tudo o que vem da forma mais fácil para ele em seu estado enfraquecido. Logo ele não é mais capaz de ver o que existe no nível mais elevado. Ele acha que é ruim quando alguém o trapaceia quando ele está descuidado ou o enganam quando ele assim o deseja, ou o prendem e torturam. Mas ele merecidamente sofre essas coisas por que se afastou da sabedoria e o que é justo não pode ser um mal.

44

AGOSTINHO: __ Qualquer coisa mutável que você pode olhar, você não pode apreendê-la de forma alguma, nem pelos sentidos do corpo e nem pela contemplação da mente, a menos que ela seja composta, de alguma forma, por números, sem os quais ela mergulharia no nada. Portanto, não

duvide de que existe uma forma eterna e imutável que cuida para que essas coisas mutáveis não pereçam, mas que passem através do tempo em movimentos medidos e numa variedade distinta de formas, como os versos de uma canção. Esta forma eterna não tem limites e, embora ela esteja difundida por toda parte, ela não tem extensão no espaço e não muda no tempo. Mas, através dela, todas as coisas mutáveis podem ser formadas e então elas completam e carregam os números dos tempos e espaços, da maneira apropriada, para as coisas de sua classe.

Capítulo XVII

Todo bem e toda perfeição vêm de Deus.

45

AGOSTINHO: __ De fato, tudo o que é suscetível de mudança é necessariamente suscetível de forma. Já que chamamos de "mutável" algo que pode ser mudado, eu chamarei tudo o que pode ser formado de *formável*. Mas, nada pode formar a si mesmo, já que uma coisa não pode dar o que ela não tem.

Assim, para algo ter uma forma, ela deve ser formada por uma outra coisa. Se uma coisa já tem alguma forma, ela não precisa receber o que já tem; mas, se ela não tem essa forma, ela não pode receber dela mesma o que ela não tem. Portanto, como dissemos, nada pode formar a si mesmo. E, o que mais temos para dizer sobre a mutabilidade do corpo e da alma? Basta o

que já foi dito. E assim, segue-se que tanto o corpo quanto a alma são formados por uma forma imutável que sobrevive para sempre.

Para esta forma foi dito: *Um e outro passarão, enquanto vós ficareis. Tudo se acaba pelo uso como um traje. Como uma veste, vós os substituís e eles hão de sumir. Mas vós permaneceis o mesmo e vossos anos não têm fim*[53]. Por "anos sem fim" o profeta quer dizer "eternidade".

Também é dito sobre esta forma que *Embora única, tudo pode; imutável em si mesma, renova todas as coisas. Ela se derrama de geração em geração nas almas santas e forma os amigos e os intérpretes de Deus*[54].

Disto entendemos que tudo é governado por sua providência. Pois, se tudo o que existe não seria nada sem forma, então essa forma imutável __ através da qual todas as coisas mutáveis existem, de forma que eles completem e carreguem os números de suas formas __ é, propriamente, a providência que os governa. Pois elas não existiriam se ela não existisse.

Portanto, aquele que contemplou toda a criação e a considerou cuidadosamente, se ele segue o caminho que leva à sabedoria, verá de fato que a sabedoria se revela graciosamente para ele ao longo do caminho e que, em todo ele, a providência corre para encontrá-lo. E, como a alegria de seu

[53] Salmo 101: 27 e 28.
[54] Sabedoria 7:27.

desejo ardente em seguir esse caminho cresce forte, a própria sabedoria que ele tão ardentemente anseia encontrar fará seu caminho mais belo.

46

AGOSTINHO: __ Agora, se você pode conseguir encontrar algum tipo de criatura além daquelas que tem existência mas não vida e das que tem existência e vida mas não compreensão e das que tem existência, vida e compreensão, então você pode ousar dizer que existe alguma coisa boa que não é de Deus. Pois, estas três classes podem ser designadas por duas palavras: “matéria” e “vida”. Tanto aqueles que têm vida mas não compreensão, como os animais inferiores e aqueles que têm compreensão, como os seres humanos, podem ser apropriadamente enquadrados na palavra “vida”.

Mas, estas duas coisas, matéria e vida, consideradas como criaturas __ pois a palavra “vida” é também aplicada ao próprio Criador e sua vida é vida no mais alto nível __ são formáveis, como nossa afirmação prévia mostrou. E, já que se eles perderem sua forma em geral eles caem no nada, está totalmente claro que eles sobrevivem dessa forma que é sempre a mesma.

Portanto, não pode existir uma coisa boa, por maior ou menor que seja, que não seja de Deus. Pois, que coisa criada poderia ser maior do que uma vida que compreende ou menor do que a matéria? Não importa o quanto elas possam não ter forma e não importa quão grande é sua propensão a não

existir, apesar de tudo alguma forma permanece nelas, para que elas existam de alguma maneira.

Seja qual for a forma que permanece numa coisa deficiente, ela vem da forma que não tem deficiência e que não permite que os movimentos de crescimento e decaimento das coisas transgridam as leis de seus próprios números. Portanto, tudo o que é encontrado de louvável na natureza, seja ele avaliado como digno de um pequeno ou um grande louvor, tudo deve ser remetido ao inefável e mais do que excelente louvor de seu criador. Ou você tem alguma objeção a fazer?

Capítulo XVIII

Embora se possa abusar da vontade livre, ela deve ser considerada como um bem.

47

EVÓDIO: __ Eu confesso que estou totalmente convencido de que esta é a maneira de provar que Deus existe, na medida em que isto pode ser provado nesta vida por pessoas como nós. E eu estou também convencido de que todas as coisas boas vêm de Deus, já que tudo o que existe __ seja o que tem compreensão, vida e existência ou o que tem apenas vida e existência ou o que apenas tem existência __ é de Deus. Agora, vamos dar uma olhada na terceira questão e ver se ela pode ser resolvida. Pode a vontade livre ser incluída entre essas coisas boas? Uma vez que isso tenha sido demons-

trado, eu concordarei sem hesitação que Deus a deu para nós e que ele foi justo em fazer isso.

AGOSTINHO: __ Você fez um bom trabalho ao relembrar o que nos propusemos fazer e muito astutamente percebeu que a segunda questão foi agora respondida. Mas, você deve ter visto que a terceira questão também já foi respondida. Você disse que parecia que Deus não devia ter nos dado a livre escolha da vontade, por que quem peca faz isso por sua livre escolha. Eu respondi que ninguém pode agir corretamente a não ser através dessa mesma livre escolha da vontade[55] e eu afirmei que Deus nos deu a livre escolha da vontade para nos possibilitar agir corretamente. Você replicou que a vontade livre devia ter sido dada a nós da mesma maneira que a justiça, já que ninguém pode usar a justiça erradamente. Essa sua réplica nos levou a um rodeio na discussão e ao longo do caminho demonstramos que não havia nada de bom, não importa se grande ou pequeno, que não fosse de Deus. Mas, esse fato pode não ficar suficientemente claro até que tenhamos primeiro desafiado a estupidez irreligiosa do insensato que *diz em seu coração: "Não há Deus"*[56], esperando encontrar alguma verdade evidente ao contrário, indo o mais longe que nossa razão puder nos levar nesta importante matéria, com Deus nos ajudando ao longo desse caminho precário. Mas, estes dois fatos __ ou seja, que Deus existe e que cada boa coisa vem dele __ no quais, naturalmente, acreditamos total e confiante-

[55] Cf. Revisões. Livro I, cap. IX.
[56] Salmo 13:1 e 52:2.

mente mesmo antes desta discussão, foram tão exaustivamente considerados que este terceiro fato parece totalmente óbvio: a vontade livre deve, de fato, ser contada como uma coisa boa.

48

AGOSTINHO: __ Pois antes, em nossa discussão, havia ficado claro e de comum acordo, que a natureza do corpo está em um nível inferior à natureza da alma e assim a alma é um bem superior ao corpo. Mas, mesmo quando encontramos coisas boas no corpo e que podemos usar erradamente, não dizemos que elas não deviam ter sido dadas ao corpo, pois admitimos que elas são, de fato, boas. Assim, por que devemos ficar surpresos por existirem coisas boas também na alma, que podemos usar erradamente, mas que, já que são de fato boas, só podem ter sido dadas por Aquele de quem todas as coisas boas vem?

Considere que grande bem o corpo estaria perdendo se ele não tivesse mãos. E, mesmo assim, as pessoas usam suas mãos erradamente, cometendo violências ou atos vergonhosos. Se você vê alguém que não tem pés, você admite que seu bem-estar físico está prejudicado pela ausência de tão grande bem e, mesmo assim, você não negaria que alguém que usa seus pés para ferir outro ou para desgraçar a si mesmo está usando-os erradamente. Através de nossos olhos vemos a luz e distinguimos as formas dos objetos materiais. Eles são a coisa mais linda em nossos corpos e assim

eles foram colocados no lugar da mais alta dignidade, já que os usamos para preservar nossa segurança e assegurar muitas outras coisas boas na vida. No entanto, muitas pessoas usam seus olhos para fazer muitas coisas más e colocá-los a serviço de desejos desenfreados. Mesmo assim você percebe que um grande bem está perdido em uma face que não tem olhos. Mas, quando eles estão presentes, quem foi que os concedeu, se não foi Deus, o generoso doador de todas as coisas? Assim, da mesma forma que você aprova estas coisas boas no corpo e louva Aquele que as concedeu, desconsiderando aqueles que as usam erradamente, você deve admitir que a vontade livre, sem a qual ninguém pode viver justamente, é uma boa e divina dádiva. Você deve condenar aqueles que usam mal este bem e não dizer que Aquele que a concedeu não devia tê-la concedido.

49

EVÓDIO: __ Mas, primeiro eu gostaria que você provasse que a vontade livre é uma coisa boa e então eu concordarei que Deus a deu para nós, já que eu admito que todas as coisas boas vêm de Deus.

AGOSTINHO: __ Mas eu não me envolvi em uma grande quantidade de problemas para provar isso em nossa discussão inicial, quando você admitiu que cada espécie e forma de cada objeto material sobrevive da mais sublime forma de todas as coisas, ou seja, da verdade e então você não concordou que elas eram um bem? A própria verdade nos diz nos Evange-

lhos que até mesmo os fios de cabelo em nossas cabeças são numerados[57]. Você se esqueceu do que dissemos sobre a supremacia do número e de seu poder que alcança de uma ponta a outra? Que perversidade então classificar os fios de cabelo de nossas cabeças como coisas boas, atribuí-los a Deus, o criador de todas as coisas boas __ pois tanto os maiores quanto os menores bens vêm Daquele de quem todos os bens vêm __ e, mesmo assim, ter dúvidas sobre a vontade livre, quando mesmo aqueles que levam as piores vidas admitem que ninguém pode viver justamente sem isso! Diga-me agora o que é melhor: algo sem o qual *podemos* viver justamente ou algo sem o qual *não podemos* viver justamente?

EVÓDIO: __ Por favor, pare! Eu estou envergonhado por causa de minha cegueira. Quem poderia duvidar de que algo sem o qual ninguém viver justamente é muito superior?

AGOSTINHO: __ Você negaria que um caolho pode viver justamente?

EVÓDIO: __ Longe de mim uma tolice dessas.

AGOSTINHO: __ Muito bem! Mas você admite que um olho é algo bom no corpo e mesmo sua falta não interfere no viver justamente. Assim, você

[57] Mateus 10:30.

não acha que a vontade livre é um bem, já que ninguém pode viver justamente sem ela?

50

AGOSTINHO: __ Considere a justiça, que ninguém usa erradamente. A justiça e, de fato, todas as virtudes da alma, são consideradas como os mais sublimes bens que existem nos seres humanos, por que eles constituem uma vida justa e honrada. Pois ninguém usa a prudência ou a coragem ou a temperança erradamente. A justa razão __ sem a qual elas nem mesmo seriam virtudes __ prevalece em todas elas, como acontece com a justiça que você mencionou e ninguém pode usar erradamente a justa razão.

Capítulo XIX

Três grandes bens: os grandes, os inferiores e os intermediários. A liberdade é um destes últimos.

AGOSTINHO: __ Portanto, estas virtudes são grandes bens. Mas, você deve se lembrar de que mesmo os bens inferiores podem existir apenas por causa Daquele de onde todos os bens vêm, ou seja, Deus. Pois esta foi a conclusão de nossa discussão prévia, com a qual você concordou muitas vezes.

Então, as virtudes, que são o fundamento da vida justa, são os grandes bens. A beleza de vários objetos materiais, sem os quais se vive justamen-

te, são bens inferiores. As forças da alma, sem as quais não se pode viver justamente, são bens intermediários.

Ninguém usa mal as virtudes, mas os outros bens, tanto os inferiores quanto os intermediários, podem ser usados justa ou erradamente. As virtudes não podem ser usadas erradamente precisamente por que é sua função fazer o correto uso das coisas que podem também ser usadas erradamente e ninguém usa algo erradamente ao usá-lo justamente.

Assim, a abundante generosidade da bondade de Deus concedeu não apenas grandes bens, mas também os bens intermediários e os inferiores. Sua bondade merece mais louvor pelos grandes bens do que pelos bens intermediários e mais pelos bens intermediários do que pelos bens inferiores, mas ela merece mais louvor pela criação de todos eles do que mereceria pela criação de apenas alguns deles.[58]

51

EVÓDIO: __ Eu concordo. Mas, existe uma coisa que me preocupa. Vimos que é a vontade livre que usa as outras coisas tanto correta quanto erroneamente. Assim, como pode a vontade livre ser incluída entre as coisas que usamos?

[58] Cf. *Revisões*. Livro I cap. IX, seção 4.

AGOSTINHO: __ Da mesma forma que sabemos através da razão tudo o que sabemos e ainda assim a própria razão está incluída entre as coisas que sabemos através da razão. Ou você se esqueceu de que, quando estivemos questionando o que sabemos através da razão, você admitiu que nós conhecemos a própria razão por meio da razão? Assim, não fique surpreso que, embora usemos as outras coisas através da vontade livre, nós também usamos a própria vontade livre por meio da vontade livre, para que a vontade que usa as outras coisas também use ela mesma, da mesma forma como a razão que conhece as outras coisas também conhece ela mesma. Similarmente, a memória não apenas capta tudo o mais que lembramos, mas também, de alguma forma, retém ela mesma em nós, já que não nos esquecemos de que temos uma memória. Ela se lembra não apenas das outras coisas, mas também dela mesma. Ou melhor, através da memória nós nos lembramos não apenas das outras coisas, mas também da própria memória.

52

AGOSTINHO: __ Portanto, quando a vontade, que é um bem intermediário, se apega a um bem imutável que é comum, não particular __ particularmente, a verdade, sobre a qual falamos muito, mas nada adequado __ então se tem uma vida feliz. E a vida feliz, ou seja, a disposição de uma alma que se apega a um bem imutável, é o justo e principal bem para um ser humano. Ora, as virtudes, embora sejam grandes e, de fato, as mais importantes coisas nos seres humanos, não são suficientemente comuns, já

que elas pertencem exclusivamente ao ser humano individual que as possui. Mas a verdade e a sabedoria são comuns a todos e todos os que são sábios e felizes ficam assim ao se apegarem à verdade e à sabedoria. Ninguém se torna feliz através da felicidade de outra pessoa. Mesmo que você siga o exemplo de outra pessoa para se tornar feliz, o seu desejo é obter a felicidade da mesma fonte da outra pessoa, ou seja, da verdade imutável que é comum a ambos. Ninguém se torna prudente através da prudência de outra pessoa, ou corajoso através da coragem de outra pessoa, ou temperante através da temperança de outra pessoa, ou justo através da justiça de outra pessoa. Em vez disso, você regula sua alma de acordo com as regras imutáveis e luzes das virtudes que residem incorruptivelmente na sabedoria e na verdade comuns, da mesma forma como aquele cuja virtude você se dispôs a imitar regulou sua alma e a fixou segundo aquelas regras.

53

AGOSTINHO: __ Portanto, quando a vontade se apega ao bem comum e imutável, ela atinge os maiores e mais importantes bens para os seres humanos, mesmo que a própria vontade seja apenas um bem intermediário. Mas, quando a vontade se afasta do bem comum e imutável, rumo ao seu próprio bem particular, ou rumo às coisas externas e inferiores, ela peca. Ela se volta para seu próprio bem particular quando ela quer estar sob seu próprio controle. Ela se volta para as coisas externas quando ela está interessada nas coisas que pertencem aos outros ou que não têm nada a ver

com ela mesma. Ela se volta para as coisas inferiores quando ela se delicia com prazeres físicos.

Desta forma fica-se orgulhoso, presunçoso e lascivo; fica-se cativo de uma vida que, em comparação com a vida superior, é a morte. Assim, deixe que a vida seja governada pela divina providência, que coloca todas as coisas em sua devida ordem e dá a cada um o que lhe merece.

Assim, os bens que são perseguidos pelos pecadores não são, de nenhuma maneira, coisas más e nem é a própria vontade livre, que concordamos que deve ser classificada como um bem intermediário. O que é mau é o afastar da vontade dos bens imutáveis rumo aos bens mutáveis. E, já que este mudar de direção não é algo coagido, mas voluntário, ele é justa e merecidamente punido com a miséria.

Capítulo XX

Deus não é o autor do impulso pelo qual a vontade se desvia do bem imutável.

54

AGOSTINHO: __ Mas, talvez você vá perguntar qual é a fonte desse impulso pelo qual a vontade se afasta dos bens imutáveis rumo aos bens mutáveis. Esse impulso é certamente um mal, embora a própria vontade livre seja contada como uma coisa boa, já que ninguém pode viver justamente

sem ela. Pois, se impulso, esse afastamento do Senhor Deus, é indubitavelmente pecado, seguramente não podemos dizer que Deus é a causa do pecado. Assim, esse impulso não vem de Deus. Mas então, de onde ele vem?

Se eu lhe disser que eu não sei, você pode ficar desapontado; mas isso seria a verdade, pois não se pode saber o que não é nada.

Você deve simplesmente acreditar, com fé inabalável, que cada coisa boa que você percebe ou entende ou de alguma maneira sabe vem de Deus[59]. Pois qualquer natureza que você encontra é de Deus. Assim, se você vê qualquer coisa que tenha medida, número e ordem, não hesite em atribuir a Deus como o artesão. Se você afastar toda medida, número e ordem, absolutamente nada resta.

Mesmo se os rudimentos de uma forma persistam, nos quais você não encontra nem medida, nem número e nem ordem __ já que, seja onde for que essas coisas estejam, há uma forma completa __ você deve afastar isso também, pois parece ser o material em que o artesão trabalha. Pois, se a forma completa é um bem, então os rudimentos de uma forma não são propriamente sem bondade. Assim, se você afastar tudo o que é bom, você não deixará absolutamente nada para trás. Mas, toda coisa boa vem de Deus; assim, não existe uma natureza que não venha de Deus. Por outro lado,

[59] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 4.

cada defeito vem do nada e esse impulso de afastar, que admitimos ser pecado, é um impulso defeituoso. Assim, você vê de onde esse impulso vem; você pode estar certo de que ele não vem de Deus.

Mas, já que esse impulso é voluntário, ele foi colocado sob nosso controle. Se você teme, não deseje e se você não desejar, ele não existirá. Que segurança maior pode existir do que ter uma vida na qual nada pode acontecer a você que você não deseje? Mas, já que não podemos nos levantar voluntariamente como caímos voluntariamente, vamos crer com fé confiante na mão direita de Deus __ ou seja, em Nosso Senhor Jesus Cristo __ que foi estendida para nós do alto. Vamos aguardá-lo com esperança resoluta e desejá-lo com ardente caridade.

Mas, se você acha que precisamos discutir a origem do pecado mais cuidadosamente, devemos adiar isso para uma outra discussão.

EVÓDIO: __ Vou me curvar à sua vontade e adiar esta questão, pois não acho que já a investigamos suficientemente a fundo.

Livro III

Foi adequado Deus ter nos dado o livre arbítrio, já que ele seria a fonte do todos os pecados? Santo Agostinho demonstra aqui que, apesar de todos os males que ele deveria produzir, o livre arbítrio é um benefício divino e que ajuda na beleza do universo.

Capítulo I

De onde vem o impulso que separa a vontade do bem imutável?

01

EVÓDIO: __ Foi demonstrado, para minha satisfação, que a vontade livre deve ser classificada entre as coisas boas e, de fato, não entre as mais insignificantes delas e, portanto, ela foi dada para nós por Deus, que agiu corretamente ao concedê-la. Então, agora, se você achar que é uma boa hora, eu gostaria que você explicasse a fonte do movimento pelo qual a vontade se afasta do bem comum e imutável rumo ao seu próprio bem ou aos bens dos outros, ou aos bens inferiores, todos mutáveis.

AGOSTINHO: __ Por que precisamos saber isto?

EVÓDIO: __ Por que se a vontade foi dada a nós de uma maneira tal que ela tenha esse movimento naturalmente, então ela se voltou para os bens

mutáveis por necessidade e não há do que se lamentar quando a natureza e a necessidade determinam uma ação.

AGOSTINHO: __ Este movimento agrada você ou o desagrada?

EVÓDIO: __ Ele me desagrada.

AGOSTINHO: __ Então, você vê uma falha nisso.

EVÓDIO: __ Naturalmente.

AGOSTINHO: __ Então, você vê uma falha em um movimento inculpável da alma.

EVÓDIO: __ Não, é que eu não sei se há qualquer culpa envolvida quando a alma abandona os bens imutáveis e se volta para os bens mutáveis.

AGOSTINHO: __ Então você acha falha naquilo que você não conhece?

EVÓDIO: __ Não distorça minhas palavras. Ao dizer "Eu não sei se existe qualquer culpa envolvida" eu quis dizer que aja indubitavelmente uma culpa envolvida. O "Eu não sei" implicava que era ridículo ter dúvida em um fato que fosse óbvio.

AGOSTINHO: __ Então preste atenção a esta verdade mais do que certa, que motivou você a esquecer tão rapidamente o que disse. Se esse movimento existisse por natureza ou necessidade, ele não poderia, de forma alguma, ser merecedor de culpa. Mas, você está tão firmemente convencido de que este movimento é de fato merecedor de culpa que você acha que seria ridículo ter dúvida sobre algo tão certo. Por que então você afirmou __ ou pelo menos expressou __ algo que agora parece para você tão claramente falso? Pois foi o que você disse: "Se a vontade foi dada para nós de uma maneira tal que ela tinha esse movimento naturalmente, então ela se voltava para as coisas mutáveis por necessidade e não havia culpa envolvida quando a natureza e a necessidade determinam uma ação". Já que você tivesse certeza de que este movimento era merecedor de culpa, você teria total segurança de que a vontade não nos foi dada desta maneira.

EVÓDIO: __ Eu disse que este movimento era merecedor de culpa e que, portanto, ele me desagradava. E eu estou seguramente certo de encontrar uma falha nele. Mas eu nego que uma alma deva ser culpada quando este movimento a arrasta das coisas imutáveis para as coisas mutáveis, se este movimento é tão parte de sua natureza que ela é movida por necessidade.

02

AGOSTINHO: __ Você admite que este movimento certamente merece culpa, mas, *de quem* é este movimento?

EVÓDIO: __ Eu vejo que esse movimento está na alma, mas eu não sei de quem ele é.

AGOSTINHO: __ Seguramente você não nega que a alma é movida por este movimento.

EVÓDIO: __ Não.

AGOSTINHO: __ Você nega que um movimento pelo qual uma pedra é movida é um movimento da pedra? Eu não estou falando de um movimento que é causada por nós ou alguma outra força, como quando ela é arremessada pelo ar, mas o movimento que ocorre quando ela cai no chão pelo seu próprio peso.

EVÓDIO: __ Eu não nego que este movimento, pelo qual a pedra procura o lugar mais baixo, é um movimento da pedra. Mas este é um movimento natural. Se este é o tipo de movimento que a alma tem, então o movimento da alma também é natural. E se ela é movida naturalmente, ela não pode ser justamente culpada. Mesmo se ela for movida para algo mau, ela é compelida pela sua própria natureza. Mas, já que não duvidamos que este movimento seja merecedor de culpa, devemos absolutamente negar que ele seja natural e, assim, ele não é similar ao movimento natural de uma pedra.

AGOSTINHO: __ Nós terminamos algo em nossos dois primeiros debates?

EVÓDIO: __ Naturalmente que sim.

AGOSTINHO: __ Eu estou certo de que você se lembra de que no Livro Um nós concordamos que nada pode escravizar a mente aos desejos desenfreados a não ser sua própria vontade. Pois a vontade não pode ser forçada a tais iniquidades por algo superior ou igual a ela, já que isso seria injusto ou por algo inferior a ela, já isso é impossível. Apenas uma possibilidade resta: o movimento pelo qual a alma se volta das coisas que agradam ao Criador para as coisas que agradam às Suas criaturas pertence à própria vontade. Assim, se esse movimento merece culpa (e você disse que era ridículo ter dúvidas com relação a isso), então ele não é natural, mas voluntário.

Este movimento da vontade é similar ao movimento de queda de uma pedra no fato de que ele pertence à vontade, assim como esse movimento de queda pertence à pedra. Mas, os dois movimentos são diferentes neste aspecto: a pedra não tem poder de controlar seu movimento de queda, mas a alma não é movida a abandonar as coisas superiores e a amar as inferiores a menos que ela deseje fazer isso. Desta forma, o movimento da pedra é natural, mas o movimento da alma é voluntário. Se alguém fosse dizer que

uma pedra está pecando por que seu peso a joga por terra, eu não diria meramente que ele era mais ilógico do que uma pedra, eu o consideraria um completo insano. Mas, acusamos uma alma de pecar quando estamos convencidos de que ela abandonou as coisas superiores e escolheu desfrutar das coisas inferiores. Agora podemos admitir que este movimento pertence à alma somente e que ele é voluntário e, portanto, merecedor de culpa; e o único ensinamento útil neste tópico é que o que condena e controla este impulso também serve para resgatar nossas vontades de suas quedas para os bens temporais e voltá-las para o desfrute dos bens eternos. Portanto, qual é a necessidade de perguntar sobre a fonte do impulso pelo qual a vontade se afasta dos bens imutáveis rumo aos bens mutáveis?[60]

03

EVÓDIO: __ Eu vejo que o que você está dizendo é verdadeiro e, de uma certa maneira, eu entendo. Não há nada que eu sinta tão firme e intimamente quanto que eu tenho uma vontade através da qual eu sou movido a desfrutar de algo. Se a vontade através da qual eu escolho ou recuso coisas não é minha, então eu não sei o que eu posso chamar de meu. Assim, se eu uso minha vontade para fazer algo mau, quem eu posso responsabilizar a não ser eu mesmo? Pois, um bom Deus me fez e eu não posso fazer nada que não seja através da minha vontade; portanto, está totalmente claro que a vontade foi dada a mim por um bom Deus para que eu possa fazer o bem.

[60] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

Se o movimento da vontade, através do qual ela se vira desta maneira ou daquela, não fosse voluntário e não estivesse sob seu próprio controle, uma pessoa não mereceria louvor por voltar-se para as coisas do alto ou culpa por voltar-se para as coisas inferiores, como num movimento de dobradiça da vontade. Além disso, não seria o caso de estimular as pessoas a esquecer as coisas inferiores e buscar aquelas que são eternas, a recusar viver mal e desejar viver corretamente. E quem não acha que devemos estimular as pessoas desta maneira merece ser banido da raça humana.

Capítulo II

Muitos são atormentados pela ideia de que a presciência divina destrói o livre arbítrio.

04

EVÓDIO: __ Já que estas coisas são verdadeiras, eu muito me admiro como Deus pode ter a presciência de tudo no futuro e, mesmo assim, nós não pecamos por necessidade. Seria um ataque irreligioso e completamente insano à presciência de Deus dizer que algo poderia acontecer de uma maneira diferente como Deus previu. Assim, suponha que Deus previu que o primeiro ser humano fosse pecar. Alguém que admita __ como eu __ que Deus previu tudo no futuro terá que concordar comigo nisso. Ora, eu não direi que Deus não o teria feito __ pois Deus o fez bom e nenhum pecado seu pode ferir Deus, que não apenas o fez bom como mostrou Sua própria

bondade ao criá-lo, como também Ele mostra Sua justiça ao puni-lo e Sua misericórdia ao redimi-lo __ mas eu direi isto: já que Deus previu que ele iria pecar, seu pecado necessariamente tinha que acontecer. Como então é a vontade livre, quando tal necessidade inescapável é encontrada nela?

05

AGOSTINHO: __ Você bateu fortemente na porta da misericórdia de Deus; possa ela estar presente e abrir a porta para aquele que bate. No entanto, eu acho que a única razão para que muita gente seja atormentada por esta questão é que eles não a formulam de maneira santa; eles estão mais ávidos em desculpar do que confessar seus pecados. Algumas pessoas prazerosamente acreditam que não há divina providência encarregada dos assuntos humanos. Eles colocam seus corpos e suas almas à mercê da sorte e se entregam para serem usados e abusados pelos desejos desenfreados. Eles não acreditam nos julgamentos divinos e se esquivam dos julgamentos humanos, pensando que a sorte os defenderá daqueles que os acusam. Eles imaginam essa "sorte" como cega, implicando que eles são melhores do que ela e, com isso, pensando que são regrados ou que eles próprios sofrem da mesma cegueira. É perfeitamente razoável admitir que tais pessoas fazem tudo ao acaso, já que em tudo o que eles fazem eles caem[61]. Mas, nós dissemos o suficiente no Livro Dois para combater esta opinião, que está cheia do mais insano e louco erro.

[61] A palavra latina para "acaso" (*casus*) é derivada do verbo cair *(cado*).

Outros, no entanto, não são impertinentes o suficiente para negar que a providência de Deus regula a vida humana; mas, eles preferem o erro mau de acreditar que ela é fraca ou injusta ou má, ao invés de confessar seus pecados com humilde súplica. Se pelo menos eles se deixassem convencer de que, quando pensam no que é melhor, mais justo e mais poderoso, a bondade, a justiça e o poder de Deus são muito maiores e mais sublimes do que qualquer coisa que eles possam conceber; se pelo menos eles considerassem eles mesmos e entendessem que deveriam agradecer a Deus, mesmo que Ele tivesse desejado fazê-los inferiores ao que eles são. Então, até mesmo o osso e a medula de suas consciências gritariam: *Eu disse: "Ó Senhor, tenha misericórdia de mim; cure minha alma, pois eu pequei contra vós*"[62]. Então eles seriam conduzidos pelos caminhos seguros da divina misericórdia, ao longo da estrada para a sabedoria, não ficando arrogantes quando fizerem novas descobertas ou desanimados quando falharem em fazê-las.

Seu novo conhecimento simplesmente os prepararíam para ver mais e sua ignorância os fariam mais pacientes na busca da verdade. Naturalmente que eu estou certo de que você já acredita nisto. Mas, você verá o quão facilmente eu posso responder sua difícil questão, uma vez que eu tenha respondido umas poucas questões preliminares.

[62] Salmo 40:5.

Capítulo III

A presciência de Deus não impede nossa liberdade de pecar.

06

AGOSTINHO: __ Seguramente este é o problema que está perturbando e embaraçando você. Como é que estas duas proposições não são contraditórias e inconsistentes: 1) Deus tem pré-ciência de tudo no futuro e 2) Nós pecamos por vontade e não por necessidade? Pois, você diz, se Deus sabe antecipadamente que alguém vai pecar, então é necessário que essa pessoa peque. Mas, se é necessário, a vontade não tem escolha sobre pecar; há uma necessidade fixa e inescapável. E, assim, você teme que este argumento nos force para uma das duas posições: ou adotamos a conclusão herética de que Deus não sabe tudo antecipadamente sobre o futuro ou, se não podemos aceitar esta conclusão, devemos admitir que o pecado acontece por necessidade e não por vontade. É isto o que está incomodando você?

EVÓDIO: __ É exatamente isto.

AGOSTINHO: __ Então, você acha que tudo o que Deus sabe antecipadamente acontece por necessidade e não pela vontade.

EVÓDIO: __ Precisamente.

AGOSTINHO: __ Agora preste bastante atenção. Olhe para dentro de você mesmo por um instante e diga-me, se você puder, que tipo de vontade você terá amanhã: uma vontade de fazer o bem ou uma vontade de pecar?

EVÓDIO: __ Eu não sei.

AGOSTINHO: __ Você acha que Deus também não sabe?

EVÓDIO: __ De forma alguma. Deus certamente sabe.

AGOSTINHO: __ Muito bem então. Se Deus sabe o que você vai desejar amanhã e prevê as futuras vontades de todo ser humano, tanto aqueles que existem agora quanto aqueles que existirão no futuro, ele certamente prevê como Ele tratará o justo e o irreligioso.

EVÓDIO: __ Claramente, se eu digo que Deus prevê todas as minhas ações, eu posso muito mais confiantemente dizer que Ele prevê suas próprias ações e prevê com absoluta certeza o que Ele fará.

AGOSTINHO: __ Então, você não está preocupado que alguém possa objetar que o próprio Deus agirá por necessidade, ao invés de ser por Sua vontade, em tudo o que Ele irá fazer? Afinal, você disse que tudo o que Deus prevê acontece por necessidade e não pela vontade.

EVÓDIO: __ Quando eu disse isto, eu estava pensando apenas no que acontece em Sua criação e não no que acontece Nele mesmo. Pois, aquelas coisas que não chegam a ser, elas são eternas.

AGOSTINHO: __ Então, Deus não faz em Sua criação.

EVÓDIO: __ Ele já estabeleceu, de uma vez por todas, as maneiras como o universo que Ele criou será governado. Ele não administra tudo por um novo ato de vontade.

AGOSTINHO: __ Ele não faz ninguém feliz?

EVÓDIO: __ Naturalmente que faz.

AGOSTINHO: __ E Ele faz isto quando essa pessoa é feita feliz.

EVÓDIO: __ Correto.

AGOSTINHO: __ Então, suponha, por exemplo, que você será feliz daqui a um ano. Isto significa que daqui a um ano, Deus o fará feliz.

EVÓDIO: __ Isto está correto também.

AGOSTINHO: __ E Deus sabe hoje o que ele fará daqui a um ano.

EVÓDIO: __ Ele tem sempre pré-ciência disto, então, eu admito que ele prevê isto agora, se, de fato, isto realmente vai acontecer.

07

AGOSTINHO: __ Então, certamente, você não é uma criatura de Deus, ou então sua felicidade não ocorre em você.

EVÓDIO: __ Mas eu sou uma criatura de Deus e minha felicidade acontece em mim.

AGOSTINHO: __ Então a felicidade que Deus concede a você acontece por necessidade e não por vontade.

EVÓDIO: __ A vontade Dele *é* minha necessidade.

AGOSTINHO: __ E assim você será feliz contra sua vontade.

EVÓDIO: __ Se eu tivesse o poder de ser feliz, eu seria feliz neste momento. Neste momento eu desejo ser feliz, mas eu não sou, já que é Deus que me faz feliz. Eu não posso fazer isso por mim mesmo.

AGOSTINHO: __ Sua resposta é o grito da própria verdade! Não fosse assim, você poderia pensar que a única coisa que está em nosso poder é aquilo que fazemos quando queremos. Portanto, nada está tanto em nosso

poder quanto a própria vontade, pois ela está próxima e à mão no exato momento em que desejamos.[63] Desta forma, podemos corretamente dizer que "envelhecemos por necessidade e não por vontade" ou que "enfraquecemos por necessidade e não por vontade" ou que "morremos por necessidade e não por vontade" e outras coisas assim. Mas, quem seria louco o suficiente para dizer que "não desejamos por vontade"? Portanto, embora Deus preveja o que vamos desejar no futuro, isso não significa que não desejamos por vontade.

Quando você disse que não pode fazer você mesmo feliz, você disse isso como se eu tivesse negado isso. De forma alguma; eu simplesmente estou dizendo que, quando você fica feliz, isto está de acordo com sua vontade, não contra sua vontade. Simplesmente por que Deus prevê sua futura felicidade __ e nada pode acontecer sem que Deus preveja, já que, se não fosse assim, isso não seria previsto __ isso não significa que você será feliz contra sua vontade. Isso seria um completo absurdo e estaria muito longe da verdade. Assim, a previsão de Deus, que já é certa hoje, de sua futura felicidade, não afasta sua vontade de ser feliz, uma vez que você tenha começado a ser feliz. E, da mesma forma, sua vontade culposa (se, de fato, você vai ter uma vontade assim) não deixa de ser uma vontade simplesmente por que Deus prevê que você vai tê-la.

[63] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

08

Note o quão incapaz de perceber alguém teria que ser para argumentar assim: “Se Deus previu minha futura vontade, é necessário que eu deseje o que ele previu, já que nada pode acontecer de forma diferente do que Ele previu. Mas, se isso é necessário, é preciso concordar que eu desejarei por necessidade e não por vontade”. Que extraordinária tolice! Se Deus previu uma futura vontade que acabou por não ser uma vontade realmente, as coisas aconteceriam, de fato, de forma diferente de como Deus as previu. E eu negligenciarei igualmente esta monstruosa afirmação do objetor de que “é necessário que eu deseje”, pois, ao assumir a necessidade, ele tenta abolir a vontade. Pois, se seu desejar é necessário, como ele deseja, se não existe vontade?

Suponha que ele tenha expressado isto de outra maneira e dito que, já que seu desejar é necessário, sua vontade não está em seu poder. Isto se chocaria com o mesmo problema que você teve quando eu lhe perguntei se você seria feliz contra sua vontade. Você respondeu que você já seria feliz, se tivesse esse poder e disse que você tem a vontade, mas não o poder. Eu respondi que a verdade havia falado através de você. Pois nós só podemos negar que algo está em nosso poder se isso não está presente mesmo quando desejamos; mas, se nós desejamos e ainda assim a vontade continua ausente, então não estamos desejando de fato. Ora, se é impossível para nós não desejar quando estamos desejando, então a vontade está presente

para aqueles que desejam e se algo está presente quando desejamos, então isso está em nosso poder. Desta forma, nossa vontade não seria uma vontade, se ela não estivesse em nosso poder. E, já que ela está em nosso poder, somos livres com respeito a isso. Mas, não somos livres com respeito a algo que não está em nosso poder e algo que nós temos não pode ser nada.

Então, acreditamos que Deus tem conhecimento prévio de tudo o que está no futuro e que, apesar de tudo, nós desejamos tudo o que desejamos. Como Deus prevê nossa vontade, a mesma vontade que Ele prevê será a que acontecerá.

Portanto, ela será uma vontade, já que ela é a vontade que Ele previu. E ela não poderia ser uma vontade, a menos que ela estivesse em nosso poder. Portanto, Ele também prevê este poder. Segue-se daí então que, Sua previsão não afasta meu poder; de fato, é mais do que certo que eu terei esse poder, já que Aquele cuja previsão nunca erra prevê que eu o terei.

EVÓDIO: __ Eu concordo agora que é necessário que tudo o que Deus previu aconteça e que Ele prevê nossos pecados de uma maneira tal que nossas vontades permanecem livres e estão em nosso poder.

Capítulo IV

A presciência de Deus não força o pecado e, consequentemente, é com com justiça que Deus pune os pecadores.

09

AGOSTINHO: __ Então, o que está perturbando você? É possível que você tenha se esquecido dos resultados de nossa primeira discussão? Você negará que nada __ seja superior, igual ou inferior __ pode coagir a vontade e que nós pecamos por nossas próprias vontades?

EVÓDIO: __ Eu certamente não negaria qualquer uma destas coisas. Mas, ainda assim, eu devo admitir que não posso ver totalmente como a presciência de Deus de nossos pecados pode ser consistente com nossa livre escolha em pecar. Pois, devemos admitir que Deus é justo e ele tem presciência. Mas, eu gostaria de saber como pode ser justo punir pecados que acontecem necessariamente, ou como coisas que Deus prevê não acontecem necessariamente, ou como tudo o que acontece necessariamente na criação não deve ser atribuído ao Criador.

10

AGOSTINHO: __ Por que você acha que nossa vontade livre é inconsistente com a presciência de Deus? É por que ela é presciência ou por que ela é a presciência *de Deus*?

EVÓDIO: __ Por que ela é a presciência de Deus.

AGOSTINHO: __ Se você soubesse que alguém iria pecar, essa pessoa não necessariamente pecaria, não é?

EVÓDIO: __ Na verdade, pecaria. A menos que eu preveja algo com certeza, isso não seria uma previsão de fato.

AGOSTINHO: __ Então, não é a presciência *de Deus* que torna seu pecado necessário, mas qualquer presciência, já que, se algo não é previsto com certeza, isso não é uma previsão de fato.

EVÓDIO: __ Eu concordo. Mas, aonde você quer chegar com isto?

AGOSTINHO: __ A menos que eu esteja enganado, você não força alguém a pecar só por que você prevê que essa pessoa vai pecar. Nem sua previsão a força a pecar, mesmo se ela indubitavelmente vai pecar, já que, se não for assim, você não tem uma genuína presciência. Assim, se sua presciência é consistente com sua liberdade de pecar, de modo que você prevê o alguém vai fazer por sua livre vontade, então Deus não força ninguém a pecar, mesmo que ele preveja aqueles que vão pecar por sua própria vontade.

11

AGOSTINHO: __ Por que então nosso Deus justo não pode punir aquelas coisas que sua presciência não força acontecer? Da mesma forma como sua memória não força o passado a acontecer, a presciência de Deus não força o futuro a acontecer. E, assim como você se lembra de algumas coisas que você fez, mas você não fez tudo o que você se lembra, Deus prevê tudo que o que ele causa, mas não causa tudo o que ele prevê. De tais coisas ele não é a causa má, mas o justo vingador.

Portanto, você deve entender que Deus justamente pune os pecados que ele prevê, mas não os causa. Se, por que Deus prevê os pecados, ele não deveria punir os pecados, então Ele também não deveria recompensar aqueles que agem corretamente, pois ele também prevê suas ações virtuosas. Vamos então confessar que nada no futuro está escondido da presciência de Deus e que nenhum pecado é deixado impune por sua justiça, pois o pecado é cometido pela vontade e não é coagido pela presciência de Deus.

Capítulo V

Deus deve ser louvado até mesmo por ter produzido criaturas expostas ao pecado e ao sofrimento.

12

AGOSTINHO: __ Com relação à sua terceira questão, sobre como o Criador pode escapar da culpa por tudo o que acontece necessariamente em sua

criação, ela não escapará facilmente daquela regra de piedade que devemos ter em mente, ou seja, que devemos agradecer ao nosso Criador.

Sua superabundante bondade deveria mais do que justamente ser louvada mesmo que ele nos tivesse criado em um nível mais baixo da criação. Pois, mesmo que nossas almas sejam decaídas por causa do pecado, elas são melhores e mais sublimes do que seriam se fossem transformadas em luz visível. E você vê que, mesmo as almas que são dependentes dos sentidos corpóreos prestam a Deus grande louvor pela grandeza da luz.

Portanto, não deixe que o fato de as almas pecadoras serem condenadas leve você a dizer em seu coração que seria melhor que elas não existissem. Pois elas são condenadas apenas em comparação com o que elas teriam sido se tivessem se recusado a pecar.

Apesar de tudo, Deus, seu Criador, merece o mais nobre louvor que os seres humanos podem lhe oferecer, não apenas por que ele os coloca em uma justa ordem quando eles pecam, mas também por que ele os criou de uma maneira tal que, mesmo a sujeira do pecado não poderia, de forma alguma, torná-los inferiores à luz física, pela qual ele é, apesar de tudo, louvado.

13

AGOSTINHO: __ Assim, você não deveria dizer que seria melhor que as almas pecadoras nunca tivessem existido. Mas, eu também devo alertá-lo

para não dizer que elas deviam ter sido criadas de forma diferente. Seja o que for que possa justamente ocorrer a você como sendo melhor, você pode estar certo de que Deus, como o Criador de todas as coisas boas, fez isso também. Quando você pensa que algo melhor deveria ter sido feito, não é uma razão justa, mas fraqueza rancorosa, desejar que nada inferior tivesse sido feito, como se você olhasse para os céus e desejasse que a terra não tivesse sido feita. Tal desejo é totalmente injusto.

Se você visse que a terra havia sido feita, mas não os céus, então você teria uma queixa legítima, pois você poderia dizer que a terra deveria ter sido feita como os céus que você pode imaginar. Mas, já que você vê que o padrão que você gostaria para a terra foi de fato feito (mas ele é chamado de "os céus" e não de "a terra"), eu estou certo de que você não se ressente pelo fato de que a coisa inferior também foi feita e que a terra exista, já que você não está privado da coisa melhor. E há uma variedade tão grande de partes na terra, que não podemos conceber que Deus não tivesse criado qualquer uma das formas terrestres. Por etapas intermediárias se passa das terras mais férteis e agradáveis para as mais salobras e áridas, para que você não sonhe em menosprezar qualquer uma delas, a não ser em comparação com a melhor. Então você sobe através de cada degrau de louvor, para que mesmo quando você chega até à melhor terra, você não queira que ela exista sem as outras.

E que grande distância existe entre a terra toda e os céus! Pois entre os dois estão interpostas as naturezas aquática e aérea. Destes quatro elementos surge uma variedade de formas e espécies muito numerosas para que possamos contar, embora Deus tenha numerado todas elas.

Portanto, é possível que algo exista no universo que você não conceba com sua razão, mas, não é possível que algo que você conceba com a razão justa não exista. Pois você não pode conceber algo melhor na criação que tenha escapado da mente do Criador. Na verdade, a alma humana está conectada com as razões divinas, das quais ela depende.

Quando ela diz "Seria melhor fazer isto do que aquilo", se o que é dito é verdadeiro e ela vê o que está sendo dito, então ela vê essa verdade nas razões com as quais ela está conectada. Se, portanto, ela sabe por uma razão justa que Deus deve ter feito algo, deixe-a acreditar que Deus, de fato, fez assim, mesmo que ela não veja a coisa dentre aquelas que Deus fez.

Por exemplo, suponha que não possamos ver os céus. Mesmo assim, se a razão justa mostrou que tal coisa deve ter sido feita, seria justo para nós acreditar que ela foi feita, mesmo que não a vejamos com nossos olhos. Pois, se vemos através do pensamento que algo deve ter sido feito, nós só o vemos naquelas razões pelas quais todas as coisas foram feitas. Mas, nenhum pensamento verdadeiro pode habilitar alguém a ver o que não está naquelas razões, pois nada que não esteja lá é verdadeiro.

14

AGOSTINHO: __ O que engana a maior parte das pessoas é que, quando elas imaginam coisas melhores, elas não as veem nos lugares que lhes convém.

Elas são como alguém que imagina o redondo perfeito e fica irritado por que não o encontra em uma noz, se este é o único objeto redondo que ele conhece. Da mesma forma, algumas pessoas veem, através da razão mais verdadeira, que uma criatura é melhor se ela está tão firmemente dedicada a Deus que ela nunca pecará, mesmo que ela tenha a vontade livre. Então, quando elas olham para os pecados dos seres humanos, elas não usam sua tristeza sobre o pecado para impedir as pessoas de pecar; elas deploram o fato de que os seres humanos foram criados em primeiro lugar. “Ele deve ter nos feito”, elas dizem, “para que desfrutemos sempre de Sua verdade imutável, para que nunca venhamos a pecar”. Não os deixe se lamentar e reclamar! Deus, que lhes deu o poder de desejar, não os forçou a pecar e existem anjos que nunca pecaram e nunca pecarão.

Portanto, se você tem prazer com uma criatura cuja vontade é tão perfeitamente decidida que ela nunca peca, é por uma justa razão que você prefere esta criatura ao invés de uma que peca. E, assim como você a tem em alto nível em seu pensamento, o Criador a colocou em um alto nível em Seu ordenamento. Assim, esteja certo de que tal criatura existe nos mais altos lugares e no esplendor dos céus, já que o Criador manifestou sua bondade

ao criar algo que ele previu que pecaria e ele certamente manifestou sua bondade ao criar algo que ele previu que não pecaria.

15

Essa criatura tem felicidade perpétua no deleite perpétuo de seu Criador; uma felicidade que ela merece, por que ela perpetuamente deseja conservar a justiça. Em seguida, existe um lugar próprio mesmo para a natureza pecadora que, por causa de seus pecados, perdeu a felicidade, mas não jogou fora o poder de recuperar a felicidade. Esta natureza é, por sua vez, superior a outra que perpetuamente deseja pecar. Ela ocupa um tipo de posição entre aquelas que persistem em desejar a justiça e aquelas que persistem em desejar pecar. Ela recebe sua grandeza da baixeza do arrependimento.

Mas Deus, na generosidade de sua bondade, não recuou de Sua criação, mesmo quando previu que criaturas não simplesmente pecariam, mas persistiriam no pecado. Pois, um cavalo fugitivo é melhor do que uma pedra que fica no lugar certo apenas por que não tem movimento ou percepção de si mesma.

E, da mesma forma, uma criatura que peca por livre vontade é muito melhor do que uma que não peca somente por que não tem vontade livre. Eu louvaria um vinho como sendo uma coisa boa de seu tipo, mas condeno uma pessoa que se embebeda com esse vinho. E, mesmo assim, eu preferi-

ria essa pessoa, condenada e bêbada, ao vinho que eu louvei e que ela bebeu.

Da mesma forma, a criação material é justamente louvada em seu próprio nível, mas aqueles que se afastam da percepção da verdade pelo uso imoderado da criação material merecem condenação. E mesmo aquelas pessoas perversas e bêbadas, que estão arruinadas por sua gula, são preferíveis à criação material e dignas de louvor, embora em sua própria ordem, não por causa do mérito de seus pecados, mas por causa da dignidade de sua natureza.

16

Portanto, qualquer alma é melhor do que qualquer objeto material. Ora, nenhuma alma pecadora, não importa o tamanho de sua queda, jamais se transformou em um objeto material; ela nunca deixou de ser uma alma. Portanto, nenhuma alma deixa de ser melhor do que um objeto material.

Consequentemente, a mais inferior das almas ainda é melhor do que a luz, que está em primeiro lugar dentre os objetos materiais. Pode ser que o corpo em que uma certa alma existe seja inferior a algum outro corpo, mas a própria alma não pode, de forma alguma, ser inferior a um corpo.

Por que então não devemos louvar Deus com inexprimível louvor, simplesmente por que quando Ele fez essas almas que perseverariam nas leis da justiça, Ele fez outras que Ele previu que pecariam e mesmo algumas

que perseverariam no pecado? Pois, mesmo essas almas são melhores do que almas que não podem pecar por que lhes faltam a razão e a livre escolha da vontade. E essas almas são, por sua vez, melhores do que o brilho de qualquer objeto material, por mais esplêndido que ele seja, que algumas pessoas erradamente cultuam, ao invés do Mais Sublime Deus. Na ordem da criação material, dos coros celestiais aos inumeráveis fios de cabelos de nossas cabeças, a beleza das coisas boas de cada nível é tão perfeitamente harmoniosa que somente o mais ignorante poderia dizer "O que é isto? Por que é assim?", pois todas as coisas foram criadas em sua própria ordem. Quão ignorante é então dizer isto de uma alma cuja glória, não importa o quão apagada e manchada ela pode ter ficado, excede em muito a dignidade de qualquer objeto!

17

A razão julga de uma maneira, o costume de outra. A razão julga através da luz da verdade, para que, pelo julgamento justo, ela sujeite as coisas menores às maiores. O costume geralmente é influenciado pelos hábitos agradáveis e assim ele estima como grande o que a verdade estima como pequeno. A razão concede aos corpos celestes uma honra maior do que aos corpos terrestres. E, mesmo assim, quem dentre os seres humanos carnais não seria muito melhor do que muitas estrelas no céu, do que um rebento perdido de seu campo ou de uma vaca de sua pastagem? As crianças prefeririam ver morrer uma pessoa (a menos que seja uma pessoa que ela ame)

do que seu pássaro de estimação, especialmente se a pessoa as assusta e o pássaro é belo e pode cantar; mas os adultos desprezam totalmente seus julgamentos ou, pelo menos, esperam pacientemente até que eles possam ser corrigidos. Da mesma forma, existem aqueles que louvam Deus por suas criaturas inferiores, que são mais adequadas aos seus sentidos carnais. Mas, com relação às Suas criaturas superiores e melhores, algumas dessas pessoas O louvam menos ou simplesmente não O louvam. Algumas até mesmo tentam encontrar defeitos nelas ou as alteram e algumas não acreditam que Deus as criou. Mas, aqueles que avançam mais na estrada da sabedoria consideram tais pessoas como juízes ignorantes das coisas. Até que eles possam corrigir os ignorantes, eles aprendem a tolerá-los pacientemente; mas, se eles não podem corrigi-los, eles repudiam totalmente seus julgamentos.

Capítulo VI

Dizer que se prefere o nada à miséria não é ser sincero.

18

Já que este é o caso, é totalmente errado pensar que os pecados das criaturas devem ser atribuídos ao Criador, embora seja necessário que tudo o que ele previu aconteça. Na mesma medida, quando você disse que não poderia encontrar uma maneira de evitar atribuir a Ele tudo em Sua criação que acontece necessariamente, eu, por outro lado, não posso encontrar uma

maneira __ e ela não pode mesmo ser encontrada, pois eu estou convencido de que não há essa maneira __ de atribuir a Ele tudo em sua criação que acontece necessariamente através da vontade dos pecadores.

Alguém pode dizer: “Eu preferiria mais não existir a ser infeliz”. Eu replicaria: “Você está mentindo. Você é infeliz agora e a única razão de você não querer morrer é seguir existindo. Você não quer ser infeliz, mas você quer existir.

Dê graças, portanto, pelo que você está desejando, para que o que está contra sua vontade possa ser afastado, pois você existe voluntariamente, mas você é infeliz contra sua vontade.

Se você é mal-agradecido pelo que você deseja ser, você é justamente compelido a ser o que você não deseja. Assim, eu louvo a bondade de seu Criador, pois mesmo que você seja mal-agradecido, você tem o que você deseja e eu louvo a justiça de seu Legislador, pois é por que você é mal-agradecido que você sofre o que você não deseja”.

19

Mas, então, ele pode dizer: “Não é por que eu preferiria ser infeliz a não existir que eu estou desejando morrer; é por que eu estou com medo de que eu possa ser ainda mais infeliz após a morte”. Eu replicaria: “Se é injusto para você ser ainda mais infeliz, você não será assim; mas, se é justo, vamos louvar Aquele por cujas leis você será assim”.

Em seguida ele pode perguntar: “Por que eu devo presumir que se é injusto eu não serei mais infeliz?” Eu responderia: “Se nesse tempo estivesse em seu poder não ser infeliz ou ser governado por você mesmo injustamente, neste caso você merecerá a sua infelicidade. Mas, suponha que, pelo contrário, você deseje se governar justamente mas não possa. Isso significa que você não está sob seu poder e alguém mais tem poder sobre você ou ninguém tem. Se ninguém tem poder sobre você, você agirá tanto voluntária quanto involuntariamente. Não pode ser voluntariamente, por que nada acontece a você involuntariamente, a menos que você esteja submetido a alguma força e você não pode estar submetido a alguma força se ninguém tem poder sobre você. E, se é voluntariamente, você está de fato sob seu próprio poder e o argumento anterior se aplica: você merece sua infelicidade por governar-se injustamente ou, como você tem tudo o que deseja, você tem razão em dar graças pela bondade de seu Criador.

“Portanto, se você não está sob seu próprio poder, alguma outra coisa deve ter controle sobre você. Esta coisa ou é mais forte ou mais fraca do que você. Se ela é mais fraca do que você, sua servidão é sua própria falha e sua infelicidade é justa, pois você poderia suplantar essa coisa, se você desejasse fazê-lo. E, se uma coisa mais forte tem controle sobre você, seu controle está de acordo com a ordem própria e você não pode, com razão, pensar que uma ordem correta seja injusta. Eu estava, portanto, totalmente

correto ao dizer: ‘Se é injusto para você ser ainda mais infeliz, você não o será; mas, se é justo, vamos louvar Aquele por cujas leis você será assim’”.

Capítulo VII

Até mesmo os infelizes prezam a existência, por que eles vêm Daquele que existe soberanamente.

20

Então, ele pode dizer: “A única razão pela qual eu desejo muito mais ser infeliz do que não existir é que eu já existo; se, de alguma forma, eu pudesse ter sido consultado sobre este assunto antes de existir, eu teria escolhido não existir do que ser infeliz. O fato de que eu agora tenho medo de não existir, embora eu seja infeliz, é, propriamente, parte dessa mesma infelicidade por eu não desejar o que eu devo desejar. Pois, eu devo desejar não existir, muito mais do que ser infeliz. E, ainda assim, eu admito que, de fato, eu preferiria ser infeliz do que não ser nada. Mas, quanto mais infeliz eu sou, mais louco eu sou em desejar isso e, quanto mais verdadeiramente eu vejo que eu devo não desejar isso, mais infeliz eu sou”.

Eu responderia: “Tenha cuidado em não cometer erros quando você pensa que vê a verdade. Pois, se você fosse feliz, você certamente preferiria a existência à não existência. Mesmo assim, embora você seja infeliz e não deseje ser infeliz, você preferiria existir e ser infeliz do que, de forma alguma, não existir.

Considere então __ da melhor forma que você puder __ o quão grande é o bem da existência, que o feliz e o infeliz igualmente desejam. Se você considerar isso bem, você perceberá três coisas. Primeiro, você é infeliz na extensão do seu afastamento Daquele que existe no mais alto nível. Segundo, quanto mais você pensar que é melhor para alguém não existir do que ser infeliz, menos você verá Aquele que existe no mais algo nível. Finalmente, você, apesar de tudo, deseja existir por que você é Daquele que existe no mais alto nível.

21

Então, se você deseja escapar da infelicidade, promova sua vontade de existir. Pois, se você desejar mais e mais existir, você se aproximará Daquele que existe no mais alto nível. E dê graças por existir agora, pois, embora você seja inferior àqueles que são felizes, você é superior às coisas que nem mesmo possuem o desejo de ser feliz e muitas dessas coisas são louvadas mesmo por aqueles que são infelizes. Apesar de tudo, todas as coisas que existem merecem louvor simplesmente pelo fato de que existem, pois elas são boas simplesmente pelo fato de que existem.

Quanto mais você amar a existência, mais você desejará a vida eterna e assim, quanto mais você ansiar ser remodelado, para que seus afetos não sejam mais temporais, estigmatizando-o pelo amor às coisas temporais, que não são nada antes de existirem e depois, uma vez que existam, fogem da existência até que não existam mais. E assim, quando sua existência

estiver para acontecer, elas ainda não existem e, quando sua existência é passado, elas não mais existem. Como você espera suportar tais coisas, quando, para eles começarem a existir, elas precisam começar pela estrada da inexistência?

Alguém que ama a existência aprova tais coisas na medida em que elas existem e ama o que sempre existe. Se uma vez ele oscilou no amor às coisas temporais, agora ele cresce firme no amor às eternas. Uma vez ele chafurdou no amor às coisas efêmeras, mas ele ficará firme no amor ao que é permanente. Então ele obterá a verdadeira existência que ele desejou quando tinha medo de não existir, mas não podia permanecer justo por que estava envolvido pelo amor às coisas efêmeras.

Portanto, não se atormente por preferir existir e ser infeliz a não existir e não ser absolutamente nada. Pelo contrário, regozije-se grandemente, pois sua vontade de existir é como que um primeiro passo. Se você segue em frente e se foca cada vez mais na existência, você ascenderá até Aquele que existe no mais alto nível. Então você se preservará de um tipo de queda em que o que existe no degrau mais baixo deixa de existir e, com isso, de devastar aquele que o ama.

Daí, alguém que prefira não existir ao invés de ser infeliz não tem escolha a não ser ser infeliz, já que ele não pode deixar de existir. Mas, alguém que ama a existência mais do que odeia ser infeliz pode banir o que odeia ape-

gando-se mais e mais ao que ama. Pois alguém que veio a desfrutar de uma existência que é perfeita para uma coisa de seu tipo não pode ser infeliz.

Capítulo VIII

Ninguém escolhe o nada; nem mesmo aqueles que se suicidam.

22

Note o quão ilógico seria dizer "Eu preferiria não existir a ser infeliz", pois alguém que diz "Eu prefiro isto a aquilo" está escolhendo algo. Mas não existir não é algo, mas nada. Portanto, você não pode propriamente escolher isso, já que o que você está escolhendo não existe.

Talvez você vá dizer que, se de fato você vai existir, embora infeliz, você *não desejaria* existir. Então, o que você desejaria? "Não existir", você diz. Bem, se isso é o que você deve desejar, isso deve ser o melhor, mas o que não existe não pode ser melhor. Portanto, você não deve desejar não existir e o quadro da mente que o preserva de desejar está mais próximo da verdade do que de sua crença de que deve desejar.

Além disso, se alguém está correto ao escolher buscar algo, deve ser o caso de que ele se torna melhor quando o consegue. Mas, aquele que não existe não pode ser melhor e assim ninguém pode estar correto ao escolher não existir. Não devemos ser influenciados pelo julgamento daqueles cuja infelicidade os levou ao suicídio. Também eles pensavam que estariam melhor

após a morte e neste caso não estariam fazendo nada contrário ao nosso argumento (estivessem eles corretos ou não em pensar assim); ou então eles pensassem que não seriam nada após a morte e, neste caso, há menos razão ainda para nos preocuparmos com eles, já que eles falsamente escolheram o nada. Pois, como eu poderia pensar em ajudar na escolha de alguém que, se eu lhe perguntasse o que ele estava escolhendo, ele responderia "Nada"? E alguém que escolhe não existir está claramente escolhendo nada, mesmo que ele não admita.

23

Para lhe dizer com total franqueza o que eu penso sobre este assunto todo, me parece que alguém que se mata ou, de alguma forma pensa em se matar, tem o sentimento de que não existirá após a morte, seja qual for sua opinião consciente. Opinião, seja ela verdadeira ou falsa, tem a ver com razão ou fé, mas o sentimento deriva sua força tanto do hábito quanto da natureza. Pode acontecer de a opinião levar para uma direção e o sentimento para outra. Isto é fácil de ver em casos onde acreditamos que devemos fazer uma coisa, mas gostaríamos de fazer justo o oposto. E, algumas vezes o sentimento está mais próximo da verdade do que a opinião está, como quando a opinião está em erro e o sentimento é da natureza. Por exemplo, uma pessoa doente geralmente vai gostar de beber água fresca, o que é bom para ela, mesmo que ela acredite que isso vai matá-la. Mas, algumas vezes a opinião está mais próxima da verdade do que o sentimento está,

como quando o conhecimento de medicina de alguém lhe diz que a água fresca seria danosa, quando, de fato, *seria* danosa, mesmo que seja prazeroso bebê-la. Algumas vezes ambos estão corretos, como quando se acredita corretamente que algo é benéfico e também é prazeroso. Algumas vezes ambos estão errados, como quando se acredita que algo é benéfico e, na verdade, é danoso e também se é feliz em não se privar da coisa.

Frequentemente acontece de a opinião correta corrigir hábitos pervertidos e a opinião pervertida perverter uma natureza justa, assim, grande é o poder de domínio e de regulação da razão. Portanto, alguém que acredite que após a morte ele não existirá é levado por seus problemas insuportáveis a desejar a morte com todo seu coração; ele escolhe a morte e se agarra a ela. Sua opinião é completamente falsa, mas seu sentimento é simplesmente um desejo natural de paz. E algo que tem paz não é um nada; na verdade, é mais grandioso do que algo que não tem serenidade. A falta de serenidade gera uma paixão conflituosa após outra, enquanto que a paz tem a constância que é a mais evidente característica do Ser.

Assim, o desejo da vontade pela morte não é um desejo pela não existência, mas um desejo de paz. Quando alguém erradamente acredita que deseja não existir, ele deseja na verdade estar em paz. Ou seja, ele deseja existir em um nível superior.

Portanto, assim como ninguém pode desejar não existir, ninguém deve ser ingrato pela bondade do Criador pelo fato de existir.

Capítulo IX

O estado de infelicidade dos pecadores contribui para a beleza do universo.

24

Talvez alguém possa dizer: “Não deveria ter sido terrivelmente difícil ou problemático para um Deus onipotente colocar todas as Suas criaturas em uma ordem tal que nenhuma delas jamais seria infeliz. Pois, se Ele é onipotente, não Lhe faltaria poder para fazer isso e se Ele é bom, Ele não daria com má vontade essa felicidade”.

Eu responderia que a ordem da criação procede do mais alto para o mais baixo através de degraus justos. É pura ofensa dizer que algo nessa criação devia ser diferente ou que, de forma alguma, deveria existir. É errado querer que uma coisa seja como algo superior a ela, pois a coisa superior já existe de uma maneira tal que seria errado acrescentar algo a ela, já que é perfeita. Portanto, alguém que diz “Esta coisa deveria ser como aquela outra” quer acrescentar algo à criatura perfeita e superior e assim está sendo imoderado e injusto; ou então quer destruir a criatura inferior e assim está sendo maligno e rancoroso.

Mas, alguém que diz “Esta coisa não devia existir” não é menos maligno e rancoroso, já que a coisa que ele quer que não exista, embora inferior, claramente merece louvor. Por exemplo, alguém pode dizer “A lua não devia existir”, ao mesmo tempo em que admite (ou louca e contenciosamente nega) que mesmo a luz de um lampião, que é vastamente inferior, é bela em sua própria classe; ela adorna a escuridão terrestre e é útil de noite; por todas estas razões ela merece louvor em sua própria e pequena maneira. Como então pode ser apropriado dizer que a lua não deve existir, quando ele riria de si mesmo se dissesse que o lampião não deveria existir? Mas talvez, ao invés de dizer que a lua não deveria existir de forma alguma, ele dissesse que a lua deve ser como ele vê que o sol é. Isto é o mesmo que dizer “A lua não deve existir, mas deveriam existir dois sóis”. Desta maneira ele comete dois erros: ao desejar outro sol ele tenta acrescentar algo à perfeição da criação e ao querer eliminar a lua ele tenta enfraquecer essa perfeição.

25

Talvez ele dissesse que não tem queixas contra a luz, já que seu brilho inferior não a faz infeliz; sua queixa é contra as almas. E não é sua escuridão que o entristece; é sua infelicidade. Ele deveria pensar muito cuidadosamente no fato de que o brilho da lua não é infeliz e o brilho do sol não é feliz, pois, embora eles sejam corpos celestes, eles são ainda objetos materiais, pelo menos na medida em que eles pertencem à luz que podemos

perceber com nossos olhos físicos e objetos assim não podem ser felizes ou infelizes, embora eles possam servir como os corpos daqueles que são felizes ou infelizes.

Mas, nossa analogia sobre o sol e a luz nos mostra uma coisa. Quando você observa as diferenças entre os objetos materiais e vê que um é mais brilhante do que outros, seria errado querer livrar-se daqueles mais escuros ou torná-los como os mais brilhantes. Ao invés disso, se você comparar todos eles com a perfeição do todo, você verá que essas diferenças em brilho contribuem para o mais perfeito ser do universo. O universo não seria perfeito a menos que as coisas maiores estivessem presentes de uma maneira tal que as coisas menores não são excluídas. Da mesma maneira, quando você considerar as diferenças entre as almas, você vai ver que a infelicidade que o entristece também contribui para a perfeição do todo, ao assegurar que ele inclui até mesmo aquelas almas que mereceram ser infelizes por que desejaram ser pecadoras. Deus foi perfeitamente justo ao fazer tais almas, assim como ele merece louvor por fazer outras criaturas ainda mais inferiores do que as almas infelizes.

26

Alguém que não entendeu totalmente o que eu disse pode levantar esta questão: “Se nossa infelicidade completa a perfeição do todo, então esta perfeição estaria perdendo algo se nós fôssemos sempre felizes. Portanto, se nenhuma alma se torna infeliz, a não ser pelo pecado, segue-se daí que

mesmo nossos pecados são necessários para a perfeição do universo que Deus criou. Como pode então Deus justamente punir nossos pecados, quando eles são necessários para assegurar que sua criação é completa e perfeita?”

A resposta é esta: o que é necessário para a perfeição do universo não são nossos pecados ou nossa infelicidade, mas a existência de almas que __ simplesmente por que são almas __ pecam se assim o desejarem e se tornam infelizes se pecam. Se a infelicidade precedesse nossos pecados ou continuasse após esses pecados terem sido afastados, você estaria correto em dizer que a ordem e a administração do universo eram defeituosas.

Mas, nem por isso deixaria de existir um borrão nessa ordem se os pecados existissem mas não a infelicidade. Quando aqueles que não pecam são felizes, o universo é perfeito; mas, quando aqueles que pecam são infelizes, o universo não é menos perfeito. O fato de que existem almas que serão infelizes se pecarem e felizes se não pecarem significa que o universo é completo e perfeito com relação a cada natureza que ele contém. O pecado e a punição para o pecado não são naturezas, mas características das naturezas; o primeiro, é voluntário e a última, punitiva.

A característica voluntária que surge quando se peca é deplorável; assim, a característica punitiva é usada para colocar a alma em uma ordem onde não é deplorável uma alma estar, forçando-a a se conformar à beleza do univer-

so como um todo, para que a feiura do pecado seja corrigida pela punição do pecado.

27

Daí acontece que, quando uma criatura superior peca, ela pode ser punida por criaturas inferiores, que são tão humildes que podem receber um embelezamento mesmo de almas em desgraça e assim se conformar à beleza do universo como um todo. Pois, o que é mais grandioso em uma casa do que um ser humano? E o que é mais desprezível do que o esgoto? E ainda, um servo que é punido por alguma grande falta e mandado limpar o esgoto acrescenta dignidade ao esgoto, mesmo com sua desgraça. Tanto a desgraça do servo quanto a limpeza do esgoto, quando são colocados juntos desta maneira e mantidos em um tipo de unidade, são postos juntos para servir à beleza mais organizada da casa como um todo. Ainda assim, se o servo não tivesse tido o desejo de errar, alguma outra providência teria sido tomada para a limpeza do esgoto.

E o que é mais miserável em toda a criação do que os corpos terrestres? Mesmo quando uma alma pecadora introduz dignidade a esta carne corruptível, provendo-a com movimento vital e uma forma mais bela. Por causa de seus pecados, tal alma não é adequada como um lugar de moradia celestial; mas, através de sua punição, ela se torna adequada como um lugar de moradia terrestre. Desta forma, não importa o que a alma escolha, cada parte do universo está perfeitamente ordenado em um lindo todo, do qual

Deus é o criador e administrador. Pois as melhores almas levam dignidade às criaturas mais humildes, no meio das quais elas vivem, não através da infelicidade delas (pois elas não são infelizes), mas fazendo bom uso dessas criaturas. Mas, seria injusto se às almas pecadoras fosse permitido viver nos lugares mais sublimes, aonde elas não pertencem, já que elas não podem usar bem as criaturas superiores ou adorná-las de alguma maneira.

28

Embora este globo terrestre seja classificado como uma coisa corruptível, ele preserva na medida do possível a imagem das coisas sublimes, nunca deixando de mostrá-las para nós como exemplos e evidências. Se vemos uma pessoa boa e grande ser queimada pelo fogo (no que diz respeito ao seu corpo) no desempenho de sua atividade, não chamamos isso de punição por pecado, mas uma prova de sua força e paciência e a amamos ainda mais quando seu corpo sofreu a mais revoltante corrupção do que se ela não tivesse passado por nada assim. De fato, nos admiramos que a natureza da alma não mude com a mutabilidade do corpo. Mas, quando vemos o corpo de um ladrão cruel afligido com o mesmo sofrimento, aprovamos a ordem das leis. Estes dois tormentos acrescentam beleza à ordem das coisas; um pelo mérito da virtude e o outro pelo mérito da iniquidade.

Se, após o fogo ou mesmo antes dele, víssemos a pessoa melhor levada para os céus, para um lugar de morada adequado, ficaríamos contentes de fato. Mas, quem deixaria de ficar ofendido se víssemos esse criminoso ser

levantado até o céu, seja antes ou depois de sua punição e estabelecido em um lugar de honra eterna, enquanto ainda está apegado à sua vontade maligna? Assim, essas duas pessoas podem adornar criaturas inferiores, mas somente uma delas pode adornar criaturas superiores. Com isso somos lembrados que o primeiro ser humano dotou seu corpo com a mortalidade, para que seu pecado possa encontrar uma penalidade apropriada e Nosso Senhor o conformou para que sua misericórdia possa nos colocar livres do pecado.

Uma pessoa justa que persevera na justiça ainda pode ter um corpo mortal, mas uma pessoa má, enquanto permanecer má, não pode atingir a imortalidade dos santos; uma imortalidade que é sublime e angélica. Não, na verdade, como aqueles anjos de quem São Paulo diz "Não sabeis que julgaremos os anjos?"[64], mas como aqueles de quem Nosso Senhor diz "serão como os anjos de Deus no céu"[65]. Pois, aqueles que desejam a igualdade com os anjos, por causa de seu próprio autoengrandecimento louco, não desejam realmente ser iguais aos anjos; eles desejam que os anjos sejam iguais a eles. Se eles perseverarem nessa vontade, eles receberão punição igual a dos anjos caídos, que amavam seu próprio poder mais do que a onipotência de Deus. E para aqueles que Ele colocou em Sua mão esquerda, por que levaram vidas cruéis e arrogantes e não procuraram Deus através da porta da humildade, que o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo mostrou,

[64] 1 Coríntios 6:3.
[65] Mateus 22 :30 e Lucas 20:36.

Ele dirá: “Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos”[66].

Capítulo X

Como o ser humano foi dominado pelo demônio e libertado por Deus.

29

Existem duas fontes do pecado: o pensamento espontâneo próprio da pessoa e a persuasão de outra pessoa. Eu acredito que o Salmista estava falando disso quando escreveu: *Purificai-me Senhor, de minhas faltas ocultas e livre seu servo das faltas alheias*[67]. Ora, as duas são voluntárias e, assim como ninguém peca involuntariamente através de seu próprio pensamento, assim também ninguém se rende à incitação de outra pessoa para o mal, a menos que sua própria vontade assim o consinta. Mas, isso fica mais sério quando, não apenas se peca por sua própria vontade, sem a incitação de ninguém, como também se usa da malícia e da astúcia para induzir alguém a pecar; isso é ser levado ao pecado pela persuasão de alguém. Portanto, a justiça de Deus é preservada quando Ele pune os dois tipos de pecados. As balanças da justiça determinaram que os seres humanos não se livrariam nem mesmo do poder do próprio demônio, para quem eles capitularam,

[66] Mateus 25:41. Veja a parábola toda das ovelhas e as cabras em Mateus 25:31-46, especialmente os versículos 32-33 e 41-46.
[67] Salmo 18:13.

quando ouviram sua persuasão para o mal. Pois teria sido errado se eles não fossem reprimidos por Aquele que os tinha cativos.

E ainda, a perfeita justiça do Verdadeiro e Mais Sublime Deus, que é sem limites, não poderia falhar em trazer ordem mesmo para a queda dos pecadores. Por que os seres humanos pecaram menos que o demônio, sua salvação foi feita mais fácil pelo próprio fato de que eles foram entregues até à morte ao príncipe deste mundo, desta parte mortal e básica do universo, o príncipe de todos os pecados e o senhor da morte. Pois a consciência de sua mortalidade os faz tímidos. Eles crescem temendo a morte ou o ataque dos mais inferiores, mais humildes e menores animais. Incertos com relação ao futuro, eles se apegam aos prazeres ilícitos e especialmente ao próprio orgulho que os fez caírem. Assim, eles crescem fracos, já que o vício do orgulho os faz cuspirem no remédio da misericórdia que os restauraria. Pois, quem mais precisa de misericórdia do que aquele que é desprezível? E quem é mais indigno de misericórdia do que aquele que é desprezível e orgulhoso?

30

Por esta razão, aconteceu de o Verbo de Deus __ através do qual todas as coisas foram feitas e do qual todos os anjos felizes desfrutam __ estender sua misericórdia até mesmo para nossas misérias, tornar-se carne e viver entre nós. Então, mesmo antes de os seres humanos terem sido feitos iguais

aos anjos, eles eram capazes de comer o pão dos anjos, pois esse pão dignou-se tornar-se igual aos seres humanos. Mas ele não os abandonou, quando desceu até nós e permaneceu totalmente presente a eles, mesmo quando estava totalmente presente a nós. Através de sua divina natureza ele os nutriu de dentro, mas, através de nossa natureza humana, ele nos advertiu de fora. Através da fé, ele nos ajustou para alimentar como os anjos na luz de sua presença. Pois o Verbo é o melhor alimento da criatura racional e a alma humana é, de fato, racional, mesmo que, na punição por seus pecados, ela foi limitada pelas correntes da mortalidade e tão rebaixada que deve tentar entender as coisas invisíveis através de conjecturas tiradas das coisas visíveis. Esse alimento da criatura racional se tornou visível __ não mudando sua própria natureza, mas vestindo a nossa __ para que pudesse atrair os seguidores das coisas visíveis para ele, o Verbo invisível. Assim, a alma que o deixou de fora de seu orgulho interior e o procurou na humildade exterior, vai imitar sua humildade visível e retornará com ele para sua invisível grandeza.

31

Assim, o Verbo de Deus, o único Filho de Deus, vestido com nossa natureza humana, colocou o demônio __ que sempre esteve e sempre estará sujeito às suas leis __ sujeito à natureza humana. Ele não logrou controle sobre o demônio pela violência, mas o sobrepujou pela lei da justiça. Pois, desde que o demônio ludibriou a mulher e, através dela, o homem, ele reivindi-

cou toda a descendência da raça humana e os sujeitou às suas leis da morte, por que eles eram pecadores. Ele fez isso sem um desejo malicioso de prejudicar, mas isso foi sancionado por uma lei muito justa.

Mas, ele sustentou essa reivindicação apenas na medida em que seu poder suportou, ou seja, até que ele matou aquele homem justo em quem ele não podia encontrar nada merecedor da morte. Pois, não apenas ele foi morto sem nenhum crime, como também ele nasceu sem o desejo descontrolado usado pelo demônio para escravizar aqueles que ele fez prisioneiro, para que todos aqueles nascidos do desejo descontrolado fossem dele, como o fruto de sua própria árvore. Embora seu desejo de colher esse fruto fosse depravado, a lei através da qual ele o possuía era justa. E assim, ele é mais do que justamente compelido a liberar aqueles que acreditam naquele que foi injustamente morto. Então, quando eles morrem temporalmente, eles pagam seu débito e quando eles vivem eternamente, eles vivem naquele que em seu favor pagou o que não devia. Mas, aqueles que o demônio convence a perseverar na descrença são justamente dados a ele como seus companheiros na eterna danação.

Assim, não foi pela força que os seres humanos foram resgatados do demônio, que os capturou através da persuasão e não através da força. Assim como eles foram justamente humilhados para servir o demônio, para quem eles deram consentimento para o mal, assim também eles foram justamente libertados por Cristo, para quem eles deram consentimento para o bem.

Pois eles pecaram menos ao darem seu consentimento, do que o demônio pecou através de sua maligna persuasão.

Capítulo XI

Perseverando na justiça ou no pecado, toda criatura contribui para a beleza do universo.

32

Assim, Deus fez toda natureza, não apenas aquelas que perseverariam na virtude e na justiça, mas também aquelas que pecariam. Mas Ele não as fez para que pecassem; Ele as fez para adornarem o universo, desejassem elas ou não pecar. Existem algumas almas que assumem uma proeminência tal na ordem da criação que sua vontade de pecar enfraqueceria e destruiria o universo. Se elas não tivessem existido, a criação teria perdido um grande bem, pois teria faltado a verdadeira coisa cuja ausência arremessa a estabilidade e a interconexão das coisas criadas no caos.

Estas são as melhores criaturas, as sagradas e sublimes criatuas das forças celestiais e supercelestiais, que somente Deus comanda, mas às quais o mundo todo está sujeito. Sem sua justa e perfeita atividade do universo não poderia existir.

Existem outras almas que não enfraqueceriam a ordem do universo, caso pecassem ou não e aqui novamente a criação teria perdido um grande bem

se elas não tivessem existido. Estas são as almas racionais, que são inferiores em atividade, mas iguais na natureza àquelas almas superiores. E o altíssimo Deus criou muitos níveis de coisas que são inferiores às almas racionais, mas mesmo estas coisas merecem louvor.

33

As naturezas que exercem a mais sublime atividade são aquelas que enfraqueceriam o universo se não existissem ou mesmo se pecassem. As naturezas que exercessem uma atividade inferior são aquelas que o universo perderia algo se elas não existissem, mas não se elas pecassem. Às naturezas superiores foi dado poder completo para manter sua própria atividade, que não poderia desaparecer da ordem das coisas. Elas não perseveram em sua boa vontade por que receberam esta atividade; pelo contrário, elas receberam esta atividade por que Deus, que deu isso a elas, previu que elas perseveriam. Elas não controlam todas as coisas através de sua própria majestade, mas através da fidelidade à divina majestade e a mais devotada obediência aos comandos de Deus, de quem e através de quem e em quem todas as coisas foram feitas.

Às naturezas inferiores também foi dado o poder de controlar todas as coisas, enquanto elas não pecarem. Mas esta atividade não era para ser só delas; elas tiveram que compartilhá-la com as naturezas superiores, por que Deus previu que as naturezas inferiores pecariam. As naturezas espirituais vêm juntar sem agregar e separar sem diminuir, para que a atividade das

superiores não fique mais fácil com a ajuda das inferiores ou mais difícil quando as inferiores abandonam suas atividades ao pecarem. Pois, duas naturezas espirituais podem se juntar por similaridade de disposição e separadas pela dissimilaridade, mas não por lugar ou massa física, mesmo que cada uma delas tenha um corpo.

34

A natureza que foi ordenada para residir em corpos mortais e inferiores governa seu próprio corpo. Mas, depois que ela tiver pecado, ela não mais governa seu corpo exatamente como ela quiser, mas somente como as leis do universo permitem. Isto não quer dizer que tal alma seja inferior a um corpo celestial, embora os corpos terrestres sejam inferiores aos corpos celestiais. As roupas esfarrapadas de um servo que caiu em desgraça são vastamente inferiores às roupas de um servo de mérito, que é grandemente honrado por seu senhor; mas o servo propriamente é melhor do que qualquer roupa fina, já que ele é um ser humano. A natureza superior se prende a Deus e, em seu corpo celestial, através de seu poder angélico, ela adorna e governa os corpos terrestres em concordância com os decretos de Deus, cuja vontade ela contempla de uma maneira inefável. Mas, a natureza inferior, que é sobrecarregada com um corpo mortal, dificilmente pode governar o corpo que a arrasta para baixo; no entanto, ela adorna o corpo tão bem quanto ela possa. Ela também tenta influenciar as outras coisas ao redor dela, mas, sobre elas seu poder é ainda mais fraco.

Capítulo XII

Mesmo se todos os anjos tivessem pecado, eles não trariam nenhum problema para o governo do mundo.

35

Segue-se, portanto, que, à parte mais humilde da criação material não teria faltado um ornamento mais do que adequado, mesmo que os seres humanos não tivessem desejado pecar. Tudo o que pode governar o todo pode também governar a parte, mas algo que é capaz de fazer coisas pequenas não é, necessariamente, capaz de fazer coisas grandes. Um médico competente pode curar uma sarna, mas nem todo aquele que pode ser competentemente consultado sobre uma sarna pode restaurar o todo da saúde humana. E se você vê uma razão clara para que conviesse a existência de uma criatura que nunca pecou e nunca pecará, essa mesma razão mostrará também que tal criatura se livrou do pecado por sua própria vontade livre. Ela não foi compelida a não pecar, ela se livrou do pecado voluntariamente.

Mas, mesmo que ela tivesse pecado (embora ela não o tenha feito, como Deus viu que isso aconteceria), a inexprimível força do poder de Deus teria bastado para governar o universo. Concedendo a cada criatura uma justa e adequada recompensa, Ele não permitiu nada baixo ou ordinário em todo Seu domínio. Se toda criatura angélica tivesse abandonado Seus preceitos pelo pecado, Deus teria governado todas as coisas, de uma maneira muito melhor e mais adequada, com sua própria majestade, sem nenhuma daque-

las forças angélicas que foram criadas para compartilhar esse governo. Ele não teria se ressentido pela existência de sua criação imaterial, pois, na liberalidade de sua bondade, ele estabeleceu até mesmo a criação material, que é vastamente inferior até mesmo aos espíritos pecadores.

Ninguém que racionalmente considere os céus, a terra, a medida, a forma e a ordem de todas as naturezas visíveis em seus tipos, pode pensar que eles têm um outro criador que não seja Deus ou deixar de confessar que Ele deve ser louvado com inexprimível louvor. Mas, não existe um ordenamento melhor das coisas do que quando o poder angélico __ por causa da excelência de sua natureza e a bondade de sua vontade __ é preeminente na administração do universo.

No entanto, mesmo se todos os anjos tivessem pecado, eles não teriam deixado o Criador sem ajuda para governar Seus próprios domínios. Além de sua incansável bondade e onipotência sem esforço, ele teria criado outros e os colocado nos postos que os primeiros anjos abandonaram pelo pecado. Embora eles tenham merecido a danação, nenhuma criatura espiritual, não importa o quão numerosas elas sejam, pode destruir a ordem que tem um adequado e apropriado lugar para todos os danados. Assim, seja para onde for que olhemos, vemos que Deus, o melhor Criador e mais justo Governante de todas as naturezas, merece inexprimível louvor.

36

Finalmente, vamos deixar a contemplação da beleza das coisas para aqueles que Deus concedeu o poder de vê-las e não tentar usar palavras para induzi-los a olhar para coisas que não podem ser expressar em palavras. E ainda, por causa dos tagarelas, dos fracos e dos contenciosos, vamos explorar esta grande questão na maneira mais breve possível.

Capítulo XIII

A própria corrupção da criatura e a censura feita aos seus vícios fazem resplandecer a bondade.

Toda natureza que pode se tornar menos boa é boa e toda natureza se torna menos boa quando é corrompida. Pois, ou a corrupção não prejudica e, neste caso, ela não está sendo corrupta; ou então ela é de fato corrupta e, neste caso, a corrupção de fato prejudica. E, se a corrupção prejudica, ela diminui sua bondade em alguma extensão e então a faz menos boa. Se a corrupção a priva totalmente de qualquer bem, então o que é deixado não pode ser corrompido. Pois a corrupção não pode infligir um dano adicional, já que não restou nenhuma bondade para ela tirar. Mas, se a corrupção não pode prejudicar uma natureza, essa natureza não pode ser corrompida e se uma natureza não pode ser corrompida, ela é incorruptível. Isto leva à absurda conclusão de que uma natureza se torna incorruptível ao experimentar a corrupção. Portanto, devemos dizer que toda natureza é boa na medida em que é uma natureza.

Pois toda natureza ou é corruptível ou incorruptível. Se ela é uma natureza incorruptível, ela é melhor do que uma natureza corruptível e se ela é uma natureza corruptível, ela é, sem dúvida nenhuma, boa, já que a corrupção a faz menos boa.

Portanto, toda natureza é boa. Por "natureza" eu quero dizer o que é comumente chamado de "substância"[68]. Assim, toda substância ou é Deus ou vem de Deus, já que toda coisa boa ou é Deus ou vem de Deus.

37

Uma vez estabelecidos e provados estes princípios, preste bastante atenção ao que eu digo. Toda natureza racional que foi criada com livre escolha da vontade merece, indubitavelmente, louvor, se permanece no mais sublime e imutável bem e toda natureza que aspira permanecer lá também merece louvor. Mas toda natureza que não permanece lá e não deseja agir para que possa permanecer lá, merece ser condenada precisamente por estas razões.

Portanto, se a natureza racional é louvada, ninguém duvide de que seu Criador merece louvor. E, se ela é condenada, ninguém duvide de que o Criador merece louvor nessa mesma condenação, pois nós a condenamos preci-

[68] A palavra "substância" é usada na filosofia principalmente para designar a coisa individual que existe, em oposição às características ("acidentes") que ela possui. Por exemplo: um gato é uma substância; sua cor e tamanho são acidentes. "Substância" pode também significar um *tipo* ou *espécie* da coisa. Santo Agostinho usa a palavra "natureza" nos dois sentidos.

samente por que ela não deseja desfrutar de seu Criador, que é o mais sublime e imutável bem; mas o próprio Criador nós não hesitamos em louvar.

Como Deus é bom, o Criador de todas as coisas! Deixe cada língua e cada pensamento oferecer-lhe inexprimível louvor e honra! Pois, se nós mesmo somos louvados ou condenados, Deus é sempre louvado. Se nós somos condenados por que não permanecemos nele, é por que nosso mais sublime e principal bem é permanecer nele. E como pode ser isso, se não for por que ele é um bem além de qualquer descrição? Então, o que podemos encontrar para condená-Lo por nossos pecados, quando não podemos condenar nossos pecados sem louvá-Lo?

38

Se condenamos algo é por causa de algum defeito que esse algo tenha. Mas, não podemos condenar um defeito em algo sem com isso louvar a natureza em que o defeito está presente. Pois existem duas possibilidades. De um lado, talvez o que condenamos esteja de acordo com a natureza. Neste caso, ela é sem defeito e você precisa aprender como apreciar as coisas apropriadamente, mas a coisa que você condena de forma alguma precisa de mudança. Por outro, talvez seja de fato um defeito e você está correto em condená-lo. Então, o defeito deve ser contrário à natureza, pois todo defeito, na medida em que é um defeito, é contrário a alguma natureza. Pois, se ele não prejudica a natureza, ele não é um defeito, mas, se ele é

um defeito precisamente por que prejudica a natureza, então ele é um defeito precisamente por que é contrário à natureza.

Mas, é injusto condenar uma natureza que está corrompida, não por causa de seu próprio defeito, mas por causa de um defeito em outra natureza. Devemos olhar além para ver se a outra natureza, por sua vez, está corrompida pelo seu próprio defeito; um defeito pelo qual essa primeira natureza está corrompida. Pois, o que significa arruinar algo, se não é corrompê-lo com algum defeito? E a uma natureza que não está sendo arruinada falta qualquer defeito, enquanto que uma natureza cujo defeito corrompe alguma outra natureza certamente tem um defeito. Tal natureza já é defeituosa; ela já foi corrompida por algum outro defeito seu e somente então pode alguma outra natureza ser corrompida por esse defeito.

Daí segue-se que cada defeito é contrário a alguma natureza; mais especificamente, cada defeito é contrário à natureza da coisa na qual o defeito está presente. Portanto, já que nada é condenado, a não ser um defeito, ele é um defeito precisamente por que é contrário à natureza da coisa no qual ele está presente e se um defeito é justamente condenado, a natureza na qual ele está presente é, com isso, louvada, pois, o que justamente desagrada você no defeito é que ele corrompe o que agrada você na natureza.

Capítulo XIV

Nem toda corrupção é condenável

39

Devemos também ver se é correto dizer que uma natureza pode ser corrompida por um defeito em alguma outra natureza, sem um defeito próprio associado.

Se uma natureza que espera usar seu próprio defeito para corromper outra natureza não encontra algo corruptível nessa outra natureza, ela não pode corrompê-la. Se ela encontra algo corruptível, seja ele o que for, ela usa esse defeito na outra natureza para levar a ela sua corrupção. Pois, uma coisa mais forte não pode ser corrompida por outra mais fraca, a menos que ela queira ser corrompida e, se ela deseja ser corrompida, ela já começou a ser corrompida através de seu próprio defeito e não através de algo mais.

E não é menos verdadeiro que nada pode ser corrompido por um seu igual, a menos que ele deseje ser corrompido. Se uma natureza defeituosa se aproxima de uma natureza que não tem defeito e espera corrompê-la, ela não se aproxima dela como uma igual; a natureza defeituosa é mais fraca precisamente por que é defeituosa. Mas, se uma natureza mais forte corrompe uma mais fraca, isso acontece através de um defeito em ambas ou se ambas agem movidas por um desejo pervertido; ou então isso acontece

através de um defeito na natureza mais poderosa, se essa natureza é tão superior que ela permanece mais poderosa mesmo quando ela se torna defeituosa. Pois, quem pode condenar os frutos da terra simplesmente por que os seres humanos, corrompidos pelos seu próprios vícios, não os usam bem, mas os corrompem ao usá-los inapropriadamente para seus próprios prazeres ilícitos? Apenas um louco poderia duvidar que a natureza humana, mesmo quando se tornou defeituosa, é melhor e mais poderosa do que qualquer fruto, defeituoso ou não.

40

Pode acontecer também de uma natureza mais poderosa corromper uma natureza inferior, mesmo sem um defeito em nenhuma delas, se por defeito queremos dizer algo que mereça ser condenado. Pois quem pensaria em condenar uma pessoa temperante que procura os frutos da terra apenas para manter sua vida? E quem condenaria esses próprios frutos só por que eles são corrompidos quando são usados como alimento? Na verdade, nós geralmente não chamamos isso de “corrupção”, já que “corrupção” é comumente usado para designar algum defeito.

Além disso, é fácil encontrar casos em que uma natureza mais forte corrompe uma inferior mesmo sem usá-la para satisfazer alguma necessidade. Isso acontece segundo uma de duas maneiras. Primeiro, uma natureza superior corrompe uma inferior por ordem da justiça, quando ela a pune por

alguma falta. Como São Paulo coloca: *Se alguém corrompe o templo de Deus, Deus o corromperá*[69].

Segundo; uma natureza superior corrompe uma inferior na ordem das coisas mutáveis, que submetem uma a outra de acordo com leis adequadas que foram estabelecidas para o bem estar de cada parte do universo. Por exemplo, suponha que o brilho do sol corrompa os olhos de alguém por que eles eram fracos para suportar tal luz. Obviamente não podemos pensar que o sol alterou os olhos para satisfazer alguma necessidade dele, ou que ele fez isso por que tinha algum defeito. Nem devemos culpar os olhos por se submeterem ao seu senhor e se abrirem para a luz, mesmo que, ao se submeterem à luz, eles foram corrompidos. Desta forma, a corrupção é justamente culpada apenas se envolve alguma falha. Qualquer outra corrupção não deveria ser chamada de "corrupção" de forma alguma; ou, pelo menos, não pode ser justamente condenada, já que não envolve uma falha. Pois a condenação (*vituperatio*) retira seu nome do fato de que é aplicável (ou seja, adequada ou apropriada) apenas para uma falha (*vitio parata*).

41

Mas, como eu havia começado a dizer, uma falha é ruim apenas por que está em oposição à natureza da coisa na qual ela está presente. É portanto óbvio que a coisa cuja falha nós condenamos tem uma natureza digna de

[69] 1 Coríntios 3:17.

louvor, tanto é assim que devemos admitir que nosso próprio ato de condenar os defeitos constitui um louvor às naturezas cujos defeitos condenamos. Pois, já que o defeito é oposto à natureza, quanto mais ele destrói a integridade da natureza, pior ele é.

Portanto, quando você condena um defeito, você está louvando a coisa cuja integridade você sente falta. E, a quem pertence essa integridade se não é à natureza? Pois, uma natureza perfeita é digna de louvor de acordo com seu tipo e ela não merece condenação. Portanto, se você vê que algo está faltando na perfeição de alguma natureza, você chama isso de defeito. Assim, você testemunha que você está contente com a natureza, pois, ao condenar sua imperfeição, você mostra que deseja que ela seja perfeita.

Capítulo XV

Defeitos culposos e defeitos não culposos.

42

Se, portanto, condenar os defeitos nessas naturezas é glorificar a beleza e a dignidade das próprias naturezas, o quanto então Deus, o Criador de todas as naturezas, deve ser louvado, mesmo nesses mesmos defeitos!

Naturezas são naturezas por que Deus as fez assim; elas são defeituosas na extensão em que elas se afastam do projeto de seu criador e elas são condenadas na extensão em que Aquele que condena compara o projeto pelo

qual elas foram feitas e condena nelas o que Ele não vê nesse projeto. E, se o projeto pelo qual todas as coisas foram feitas __ a mais sublime e imutável sabedoria de Deus __ existe realmente e no mais alto grau, considere para onde algo está se conduzindo quando ele se afasta desse projeto.

Mas, esse defeito não seria merecedor de condenação a menos que fosse voluntário. Pois, considere isto: você está certo em condenar algo que é como deve ser? Eu acho que não; você deveria condenar apenas o que não é como deve ser. Mas, ninguém deve[70] por algo que não recebeu. E, para quem ele deve, se não é para aquele de quem ele recebeu? Quando a dívida por um legado é paga, ela é paga para quem fez o legado. E quando uma dívida é paga para os legítimos herdeiros de um credor, ela é paga para aqueles que o sucederam legitimamente; caso contrário, nós não chamaríamos isso de um "pagamento", mas de uma "transferência" ou "prejuízo" ou algo assim.

Portando, é totalmente absurdo dizer que as coisas temporais não deveriam deixar de existir, pois elas foram colocadas na ordem das coisas de uma tal maneira que elas devem deixar de existir, para que coisas novas possam tomar o lugar das coisas do passado, para que a beleza plena dos tempos possa ser completamente realizada de acordo com seu tipo.

[70] O latim *debere* significa tanto "estar em dívida" quanto "dever, obrigação". A ideia de Santo Agostinho em alternar entre os dois sentidos é que a conduta correta é uma dívida que devemos a Deus, que nos deu a natureza que devemos cumprir.

Assim, as coisas temporais fazem o que lhes foi determinado para fazer e pagam seu débito a Deus, para quem elas devem pelo fato de que existem em seja qual for o grau em que elas existem.

Alguém que lamente que estas coisas deixem de existir deveria prestar atenção ao seu próprio lamento, para ver se ele é justo e procede da prudência, pois sua própria fala está entremeada de muitas sílabas; uma deixa de existir, mas, a seguinte toma seu lugar. Se ele fosse um tão grande admirador de uma sílaba de sua fala que ele não quisesse que ela deixasse de existir e dar lugar ao resto, nós pensaríamos que ele estava completamente fora de si.

43

Assim, quando acontece de coisas deixarem de existir por que não lhes foi concedida uma existência mais longa, para que todas as coisas possam se realizar em seus próprios tempos, ninguém pode justamente condenar esta deficiência, pois ninguém pode dizer “Isto devia ter permanecido”, já que isso não podia ter transgredido os limites que lhes foram estabelecidos.

Mas, nas criaturas racionais, pequem elas ou não, a beleza do universo atinge seus limites mais adequados. Nelas, tanto não existem pecados; o que é totalmente absurdo, já que (no mínimo) quem condena como pecado o que não é pecado está propriamente pecando; ou os pecados não deveriam ser condenados, o que não é menos absurdo, pois então as pessoas começa-

riam a louvar o malfeito e o padrão inteiro do pensamento humano entraria em colapso e a vida estaria de pernas para o ar; ou as pessoas condenariam algo que foi feito como deveria ter sido, o que seria uma loucura abominável ou (para colocar mais suavemente), um mais do que miserável erro.

Ou então, finalmente, o pensamento mais verdadeiro conclui (como de fato faz) que os pecados devem ser condenados e que tudo o que é justamente condenado é condenado por que não está como deve estar.

Pergunte então o que uma natureza pecadora deve e você encontrará esta resposta: uma conduta correta. Pergunte para quem a dívida é devida e você encontrará esta resposta: para Deus. Pois é de Deus que ela recebeu o poder de agir corretamente quando assim desejasse e é de Deus que ela recebe a miséria se ela não age corretamente e a felicidade se assim o faz.

44

Ninguém contorna as leis do Criador Todo-poderoso. Toda alma deve pagar o que deve, seja usando bem o que recebeu ou perdendo o que estava pouco disposta a usar bem. Se ela não paga sua dívida fazendo justiça, ela paga sua dívida sofrendo miséria, pois a palavra “dívida” se aplica aos dois casos. Podemos refazer esta frase desta maneira: “Se ela não paga sua dívida fazendo o que deve, ela pagará sua dívida sofrendo o que deve”.

Estas duas coisas não estão separadas por qualquer intervalo de tempo, como se alguém numa hora não agisse como deve e então, em alguma ou-

tra hora, sofresse o que deve, para que a beleza do universo não seja maculada, mesmo por um instante, ao ter a deformidade do pecado sem a beleza da punição. Esta punição está agora oculta, mas, no julgamento que virá, ela se tornará manifesta na angústia amarga da infelicidade. Assim como alguém que não está acordado está dormindo, alguém que não faz o que deve imediatamente sofre o que deve, pois tão grande é a felicidade que vem da justiça que ninguém pode se afastar dela sem cair na miséria.

Portanto, em qualquer defeito, tanto à coisa defeituosa não foi dado nada mais do que ela tem e assim não há nenhuma culpa envolvida, como, enquanto ela existe, ela não deve ser culpada por não existir no mais alto nível, já que não lhe foi concedida tal existência; ou então, ela está pouco disposta a ter o tipo de existência que lhe foi dado o poder de ter, se apenas estivesse disposta. E, já que tal existência é um bem, a criatura é culpada se está pouco disposta em tê-la.

Capítulo XVI

Não podemos atribuir nossos pecados a Deus.

45

Deus, por outro lado, não deve nada a ninguém e dá tudo livremente. Alguém pode dizer que Deus lhe deve algo pelos seus méritos, mas, certamente Deus não lhe deve a dádiva da existência, já que ele não estava por lá para que Deus lhe devesse algo. E, além disso, que mérito é voltar-se

para Aquele de quem você recebeu sua existência, para que Dele você possa ter também uma existência melhor? Que tipo de favor você está fazendo a ele, para que você possa demandar um pagamento por isso? Se você não está querendo se voltar a ele, isso não o prejudica em nada, mas sim a você, pois você seria nada sem ele e ele o fez de tal forma que, a menos que você se volte para ele e pague seu débito para com Aquele a quem você deve sua própria existência, você não será, de fato, nada e será certamente um miserável.

Portanto, todas as criaturas devem algo a Deus. Primeiro, elas devem a Ele tudo o que elas são, na medida em que elas são naturezas e então, se elas receberam uma vontade, através da qual elas podem desejar ser melhores, elas a devem a Ele exercer essa vontade e ser o que devem ser. Ninguém é culpado por não receber algo, mas todo aquele que não paga seu débito com Deus é justamente considerado culpado. E todo aquele que recebeu uma vontade livre e suficiente poder tem uma dívida para com Deus.

46

Quando alguém falha em fazer o que deve, o Criador não merece censura; mas ele merece louvor quando alguém sofre o que deve. E, no mesmo ato de condenação de alguém que não faz o que deve, você está louvando Aquele a quem esse alguém deve. Pois, se você é louvado por ver o que você deve fazer, embora você somente possa vê-lo em Deus, que é a imutável Verdade, quanto mais deveria Deus ser louvado! Pois foi Deus que decre-

tou o que você deve desejar, que lhe deu o poder de desejar e que não permitiu que sua má vontade ficasse impune.

Agora, se alguém deve pelo que recebeu e os seres humanos foram feitos de uma tal maneira que eles necessariamente pecam, então eles devem pecar. Portanto, quando eles pecam, eles estão fazendo o que devem fazer.

Mas, se é iníquo dizer tal coisa, então ninguém tem, por natureza necessidade de pecar[71], seja através de sua própria natureza ou através da natureza de alguém. Pois ninguém sofre o que não deseja. Se sofre justamente, não peca por sofrer contra sua vontade; ao contrário, pecou por voluntariamente fazer algo pelo qual ele não desejava sofrer justa punição. E, se ele sofre injustamente, como ele peca? É uma injusta ação, não um injusto sofrimento, o que constitui o pecado. Assim, se ninguém é forçado a pecar, seja pela sua própria natureza, seja pela natureza de alguém, a única possibilidade que resta é que pecamos por nossa própria vontade.

Suponha que você decida atribuir a culpa do pecado ao Criador. Você o faz claramente o pecador, já que quem peca estava simplesmente seguindo os decretos de seu Criador. Mas, se esta linha de defesa prosseguir, vai acontecer de a criatura não pecar de forma alguma e assim não haverá nada para culpar Deus.

[71] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

Vamos, portanto, louvar o Criador se nós podemos defender o pecador e vamos louvá-Lo se não podemos. Pois, se o pecador é justamente defendido, ele não é um pecador; portanto, louve o Criador. E, se o pecador não pode ser defendido, ele é um pecador, na medida em que ele se afastou do Criador; portanto, louve o Criador.

Assim, eu não vejo uma maneira __ na verdade, eu sinto que não há maneira __ na qual Deus, nosso Criador, possa ser culpado por nossos pecados, quando eu entendo que Ele merece louvor mesmo nos pecados, não apenas por que Ele os pune, mas também por que eles acontecem quando alguém se afasta de Sua verdade.

EVÓDIO: __ Eu estou totalmente feliz em aceitar o que você disse e concordo que nosso Criador não pode, de maneira alguma, ser justamente culpado por nossos pecados.

Capítulo XVII

O pecado tem sua causa primeira na vontade.

47

Mas, eu gostaria de mostrar, se possível, *por que* essa natureza não pecou o que Deus previu que ela não pecaria e *por que* essa natureza pecou o que Deus previu que ela pecaria. Pois, eu já não penso que foi a própria presciência de Deus que compeliu um a pecar e outro a não pecar.

Mas, se não houvesse nenhuma causa, as criaturas racionais não seriam divididas naquelas que nunca pecam, naquelas que perseveram no pecado e o grupo intermediário daquelas que algumas vezes pecam e algumas vezes agem corretamente.

Qual é a causa dessa divisão em três grupos? Não diga apenas "A vontade", por que eu estou procurando pela causa da própria vontade. Todas essas criaturas são do mesmo tipo, então, deve haver algo que faz com que algumas delas nunca desejem pecar, algumas delas sempre desejam pecar e outras a desejar algumas vezes, mas não em outras vezes. Eu estou certo apenas de que deve haver alguma causa para esta tríplice vontade das criaturas racionais, mas eu não sei que causa é esta.

48

AGOSTINHO: __ A vontade é a causa do pecado, mas você está perguntando sobre a causa da própria vontade. Suponha que eu pudesse encontrar essa causa. Teríamos que procurar pela causa dessa causa? Qual seria o limite dessa busca? Onde nossas discussões e questões terminariam?

Você não deveria procurar muito longe a raiz do problema. Não deixe de acreditar na insuperável verdade do que disse o Apóstolo: *A raiz de todos os males é a ganância*[72], ou seja, desejar ter mais do que o suficiente. Sufi-

[72] 1 Timóteo 6:10. Radix enim omnium malorum est cupiditas.

ciente quer dizer o que é necessário para preservar a natureza, de acordo com seu tipo.

Mas, a ganância, que em grego é chamada de *philarguria*[73], não tem meramente que ver com prata ou moedas, de onde a palavra foi derivada (pois costumava ser que as moedas eram feitas de prata ou tinha alguma prata misturada nelas). Ao contrário, sua compreensão deve ser aplicada a qualquer objeto de desejo imoderado, em qualquer caso em que alguém deseja ter mais do que o necessário. Essa ganância é a cupidez e a cupidez é uma vontade perversa.

Segue-se daí que essa vontade perversa é a causa de todos os males. Se essa vontade estivesse de acordo com a natureza, ela preservaria essa natureza, não a prejudicaria e assim ela não seria perversa.

Então, podemos concluir que a raiz de todos os males não está de acordo com a natureza e este fato nos dá tudo o que precisamos para responder aqueles que querem culpar as naturezas. Mas, se você estiver perguntando pela causa desta raiz, como ela pode ser a raiz de todos os males? Sua causa viria a ser então a raiz de todos os males. E, como eu disse, uma vez que você tenha encontrado isso, você terá que procurar por sua causa e não haverá limite para essa busca.

[73] Ou seja, o amor à *argurion*, que significa literalmente "prata", mas foi comumente usada em um sentido amplo para dizer "dinheiro".

49

E, além disso, o que poderia ser a causa da vontade, estar antes da própria vontade? Tanto pode ser a própria vontade e, neste caso, a raiz de todos os males continua a ser a vontade, ou então, não é a vontade e, neste caso, não há pecado. Assim, ou a vontade é a principal causa do pecado, ou a ausência de pecado é a principal causa do pecado.

E você não pode corretamente atribuir a responsabilidade pelo pecado a ninguém além do pecador; portanto, você não pode atribuir a responsabilidade a ninguém mais do que àquele que o deseja[74]; mas, eu não sei por que você gostaria de procurar mais além.

Finalmente, seja qual for a causa da vontade, ela certamente pode ser tanto justa quando injusta. Se ela for justa, alguém que a obedece não pecará e, se ela for injusta, deixe-o desobedecê-la e ele não pecará.

Capítulo XVIII

Há pecado em um ato que é impossível evitar?

50

Mas e se a causa da vontade é violenta e a força a agir contra sua vontade? Certamente não vamos repetir isso de novo e de novo. Lembre-se do que

[74] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.

nós dissemos antes sobre o pecado e a livre vontade. Mas, se é muito difícil reter tudo de memória, tenha este breve resumo em mente.

Seja qual for a causa da vontade, se ela não pode resistir, não há pecado a purgar; mas, se a vontade pode resistir, deixe-a fazer isso e não haverá pecado. E se a causa da vontade engana a vontade e a pega desprevenida? Então, deixe a vontade em guarda contra a farsa. E se a farsa é tão grande que a vontade não pode se precaver contra ela? Então, não há pecado, pois quem peca por fazer o que não pode evitar? Mas, há pecado, então é possível se precaver contra ele.[75]

51

No entanto, mesmo alguns atos cometidos por ignorância são condenados e julgados dignos de correção, como lemos nas Escrituras. São Paulo diz: *Eu obtive sua misericórdia, já que eu agi na ignorância*[76]. O Salmista diz: *Não se lembre dos pecados de minha juventude e de minha ignorância*[77].

Mesmo coisas feitas por necessidade devem ser condenadas; como quando alguém quer agir corretamente, mas não pode. Isto é o que a seguinte passagem quer dizer: *Eu não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço*[78]. *Desejar o bem está presente para mim, mas eu não encontro*

[75] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 3.
[76] 1 Timóteo 1:13.
[77] Salmo 24:7.
[78] Romanos 7:19.

meio de fazê-lo[79]*. Porque os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne; pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*[80]*.*

Este é o clamor dos seres humanos, mas dos seres humanos originários dos condenados à morte. Todos esses problemas surgiram para os seres humanos com a sentença de morte, pois, se eles fossem o resultado de nossa natureza e não de nossa pena, eles não seriam pecados.

Se nós fôssemos feitos para agir desta maneira naturalmente, para que não pudéssemos ser melhores, nós agiríamos meramente como devemos.

Se os seres humanos fossem bons, eles seriam diferentes. Mas, da forma como são, eles não são bons e não está em seu poder serem bons, tanto por que não veem como devem ser, como por que lhes falta o poder de serem o que entendem que devem ser.

Quem poderia duvidar de que isso é uma pena? Mas, cada pena justa é uma pena pelo pecado e assim é chamada de "punição". Por outro lado, se esta pena (já que não há dúvida de que é de fato uma pena) é injusta, ela é imposta pela dominação injusta de algum ser humano. Mas, já que seria loucura duvidar da onipotência e justiça de Deus, esta pena é justa e ela é imposta por causa do pecado. Nenhum humano injusto poderia usurpar o do-

[79] Romanos 7:18.
[80] Gálatas 5:17.

mínio de Deus sobre os seres humanos (como se Deus não tivesse consciência do que estivesse acontecendo) ou arrebatá-los contra sua vontade (como se Deus fosse tão fraco que pudesse ser dominado pelo medo ou pela força), bem como torturá-los com uma pena injusta.

Portanto, a única possibilidade que resta é que esta pena justa é uma consequência da condenação dos seres humanos.[81]

52

E, não é de se admirar que, por causa de nossa ignorância, nos falte a livre escolha da vontade para escolher agir corretamente ou que, mesmo quando entendemos o que é correto e desejamos fazê-lo, não podemos fazê-lo por causa da resistência dos hábitos carnais, que se desenvolvem quase naturalmente, por causa da desobediência de nossa herança mortal. É, de fato, a mais justa pena para o pecado, nós perdermos o que não desejamos usar bem, já que nós poderíamos tê-la usado bem sem a menor dificuldade, se apenas desejássemos fazê-lo; assim, nós que sabíamos o que era o certo, mas não o fizemos, perdemos o conhecimento do que era justo e nós que tínhamos o poder, mas não a vontade de agir justamente, perdemos o poder, mesmo que tenhamos a vontade.

Na verdade, todas as almas pecadoras foram afligidas com estas duas punições: a ignorância e a dificuldade. Por causa da ignorância, erros desvirtu-

[81] Cf. Revisões. Livro I, cap. IX, seção 5.

am nossas ações; por causa da dificuldade, nossas vidas são um tormento e uma aflição. Mas, aceitar falsidades como verdades; errar involuntariamente; lutar contra a dor da servidão carnal e não ser capaz de refrear atos de desejo imoderado; estas coisas não pertencem à natureza com a qual os seres humanos foram criados; elas são as penalidades de um prisioneiro condenado. Mas, quando falamos de livre vontade para agir justamente, queremos dizer a vontade com a qual os seres humanos foram criados.[82]

Capítulo XIX

As inúteis desculpas dos pecadores quando eles pretextem a ignorância e a dificuldade produzidas pelo pecado de Adão.

53

Aqui nos deparamos com a caluniosa pergunta que frequentemente é feita por aqueles que estão prontos para jogar a culpa por seus pecados em tudo, menos neles mesmos: "Se foi Adão e Eva que pecaram, o que nós, pobres desgraçados, fizemos? Como merecemos ter nascidos na cegueira da ignorância e na tortura das dificuldades? Por que nós primeiro erramos na ignorância do que devemos fazer, para depois, quando os preceitos da justiça começam a se abrir para nós e nós desejamos praticá-los, somos impotentes, refreados por algum tipo de necessidade dos desejos carnais?"

[82] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IX, seção 5.

Minha resposta é breve: deixe-os em silêncio e pare de murmurar contra Deus. Talvez suas queixas fossem justificadas se não houvesse um vitorioso sobre o erro e o desejo desenfreado. Mas, de fato, há um que está presente em toda parte e fala de muitas maneiras através da criação que o serve como a um Senhor. Ele chama aqueles que voltaram suas costas para ele e instrui aqueles que acreditam nele. Ele conforta o esperançoso, encoraja o diligente, ajuda o esforçado e ouve as preces daqueles que chamam por ele.

Você não é culpado por sua ignorância involuntária, mas por que você deixa de perguntar pelo que você não sabe. Você não é culpado por não tratar de suas próprias feridas, mas por que você rejeita aqueles que querem curar você. Estes são seus próprios pecados. Pois ninguém é impedido de deixar para trás a desvantagem da ignorância e procurar a vantagem do conhecimento ou de humildemente confessar sua fraqueza, para que Deus, cuja ajuda é fácil e infalível, venha em sua assistência.

54

Quando alguém age erradamente por causa da ignorância, ou não pode fazer o que deseja corretamente fazer, suas ações são consideradas pecados por que elas se originaram naquele primeiro pecado, que foi cometido por livre vontade. Os pecados posteriores são o justo resultado daquele primeiro pecado.

Considere esta analogia. Usamos a palavra “língua” não apenas para o órgão em nossas bocas que movemos quando falamos, mas também para o resultado deste movimento; ou seja, a forma e o som das palavras. Neste sentido dizemos que língua grega é diferente da língua latina. Da mesma forma, usamos a palavra “pecado” não apenas para o que é realmente pecado no sentido estrito, que envolve ações executadas conscientemente e por livre vontade, mas também para o resultado necessário da punição do pecado no sentido estrito.

Assim também usamos “natureza humana” em dois sentidos. No sentido estrito, queremos dizer a natureza com a qual os seres humanos foram criados primeiramente, uma natureza sem culpa, de acordo com seu tipo. Mas, podemos também dizer com isso a natureza com a qual nascemos sob a pena daquele pecado: mortal, ignorante e escravizada pela carne. É neste sentido que São Paulo fala: *Pois nós fomos, por natureza, filhos da ira, como os outros*[83].

[83] Efésios 2:3.

Capítulo XX

Não é injusta a extensão da punição de Adão à sua descendência.

55

Mas, agradou muito justamente Deus __ o Governador de todas as coisas __ que nós, filhos daquele primeiro casal, nascêssemos na ignorância, na impotência e na mortalidade, já que nossos primeiros pais caíram no erro, no esforço e na morte. Desta forma, sua justiça na punição se manifestou no nascimento da raça humana, mas, na plenitude dos tempos, ele mostrou sua misericórdia nos libertando. Pois, o primeiro ser humano não perdeu sua fertilidade quando perdeu sua felicidade e sua prole; embora carnal e mortal, foi capaz de levar um tipo de beleza e dignidade para a terra, como coisas típicas deles. Mas, não era justo para sua prole ser melhor do que ele próprio foi. E, mesmo assim, se alguém estivesse desejando voltar para Deus, para superar a penalidade que foi imposta pelo afastamento de Deus, era justo para Deus não impedi-lo, mas, de fato, ajudá-lo. Assim, o Criador mostrou como facilmente o primeiro ser humano pôde reter a natureza com a qual foi criado, já que sua prole poderia conquistar a natureza com a qual eles nasceram.

56

Se apenas uma alma foi criada e todas as almas humanas são descendentes dela, quem pode dizer que não pecou, se Adão pecou? Mas, se as almas são

criadas individualmente para cada pessoa que nasce, não parece errado __ na verdade, parece totalmente adequado e bem ordenado __ que o mau mérito da primeira alma deva ser parte da natureza da alma que veio depois e que o bom mérito da alma posterior deva ser parte da natureza da alma que veio antes.

De fato, o que pode haver de chocante nisso, se o Criador quis mostrar que a dignidade da alma ultrapassa tanto a da criação material, que o próprio fundo do abismo em que uma alma caiu pode ser o ponto de partida de outra alma? Pois o estado dessa alma pecadora, que caiu na ignorância e na impotência, é corretamente chamado de punição, já que antes de sua punição a alma era melhor.

Se outra alma __ não meramente antes que tenha pecado, mas no princípio mesmo de sua vida __ é colocada sob uma punição como aquela que a primeira alma recebeu depois de sua culposa vida, ela tem um grande bem pelo qual agradecer seu Criador, pois o mero início de uma alma é melhor do que o mais perfeito objeto material.

De fato, estes não são bens medíocres. Primeiro, ser uma alma, cuja natureza ultrapassa a de qualquer objeto material. Depois, que ela tenha o poder de se emendar com a ajuda de Deus e, através de obras santas, adquirir todas as virtudes pelas quais ela é libertada da tortura das dificuldades e da cegueira da ignorância. Se isto é assim, a ignorância e a impotência nas

almas recém-nascidas não são uma punição; elas são um estímulo para progredir e um início de perfeição.

Realmente, não é uma coisa pequena ter recebido, antes de qualquer mérito ou atos bons, o julgamento natural pelo qual preferir a sabedoria ao erro, a paz à dificuldade, para que se possa atingir, através de um aplicado trabalho, a sabedoria e a paz que não se tem no nascimento. Se há a recusa em fazer assim, há a justa consideração de culpa pelo pecado, já que não está sendo feito bom uso da habilidade que foi concedida. Pois, embora se nasça na ignorância e na impotência, nenhuma necessidade força a permanência nelas.

Na verdade, só o Deus Onipotente pôde ter criado tais almas. Ele as cria sem ser amado, as refaz amando-as e as aperfeiçoa quando é amado. Quando elas não existiam, ele lhes deu a existência. Quando elas amam Aquele que por quem elas são, ele lhes dá a possibilidade de chegar à beatitude.

57

Se as almas já existem em algum lugar nas regiões escondidas de Deus e são enviadas para animar e governar os corpos de cada pessoa que nasce, sua tarefa é governar o corpo, que nasceu da punição do pecado, ou seja, da mortalidade do primeiro ser humano. Elas vão disciplinar o corpo através das virtudes e sujeitá-lo a uma legítima e bem ordenada servidão, prepa-

rando-o assim para o lugar da incorrupção celestial onde ela residirá no tempo oportuno, quando isto está de acordo com a ordem perfeita.

Quando elas entram nesta vida e são vestidas com estes membros mortais, elas necessariamente esquecem suas vidas passadas e penam com esta vida presente. Daí surge a ignorância e a dificuldade, que no primeiro ser humano foi a punição da mortalidade; uma penalidade de desventura imposta sobre a alma. Mas, nas almas que vieram depois dela, esta ignorância e impotência abriram as portas para a tarefa de consertar a incorrupção do corpo.

Estas coisas são pecado apenas no sentido em que a carne que descende do primeiro pecador causa a ignorância e a impotência para as almas que entram nela, mas tais "pecados" não são culposos tanto nessas almas quanto em seu Criador. Pois ele lhes deu a capacidade de agir corretamente em tarefas laboriosas e lhes mostrou o caminho da fé na cegueira do esquecimento. Mas, o mais importante, ele lhes deu o poder de julgamento, pelo qual cada alma sabe que deveria pedir pelo conhecimento onde ele está impedido pela ignorância; que é preciso se esforçar persistentemente em dedicados trabalhos, para superar a dificuldade de agir corretamente e que é preciso implorar ajuda ao seu Criador nesse esforço.

Pois Deus tanto fala externamente por meio da lei quanto no recanto mais íntimo do coração e decreta que cada alma deve suportar esse esforço. E

ele prepara a glória de uma cidade mais do que abençoada para aqueles que triunfam sobre Satã, cuja má persuasão levou os primeiros humanos até a desgraça e eles essa miséria com eles, para conquistá-lo com sua esplêndida fé. Não é pouca coisa conquistar o diabo carregando a mesma punição que ele se gabou de ter infligido aos seres humanos quando ele pela primeira vez os conquistou. Mas, se alguém abandona esse esforço por que foi capturado pelo amor a esta vida, ele não pode, de forma alguma, culpar sua deserção vergonhosa das ordens de seu Rei. Pelo contrário, o Senhor de toda vontade coloca-o sob a regra do inimigo, cujo prêmio vergonhoso ele amou tanto que desertou de seu próprio campo.

58

Mas se, ao invés disso, as almas que foram criadas no além não são enviadas pelo Senhor Deus, mas vêm habitar os corpos por sua própria vontade, é muito fácil ver que a ignorância e a impotência que resultam de suas próprias escolhas não são, de nenhuma maneira, culpa de seu Criador. Pois ele é completamente sem culpa, mesmo se ele próprio envia as almas para morar nos corpos.

No meio de sua ignorância e dificuldades ele as deixa com o livre arbítrio para pedir, procurar e tentar. Ele dará para aqueles que pedirem, se mostrará para aqueles que buscarem e abrirá para aqueles que baterem.

Para aqueles que são dedicados e devotados ele oferece o poder de superar a ignorância e a impotência e receber a coroa da glória.

Mesmo para aqueles que desprezam este esforço e usam sua fraqueza como uma desculpa para pecar, ele não imputa sua ignorância e dificuldade como um crime. Mas, já que eles preferem permanecer nesse estado ao invés de fazer o esforço de buscar, aprender, confessar na humildade e orar, para que possam chegar à verdade e à paz, ele inflige neles uma justa punição.

Capítulo XXI

O tipo de erro que é pernicioso.

59

Existem quatro visões sobre as almas: 1) elas chegam até o ser por propagação; 2) elas são criadas individualmente para cada pessoa que nasce; 3) elas já existem no além e são enviadas por Deus até os corpos daqueles que nascem; 4) elas mergulham nos corpos por sua própria escolha. Seria imprudente afirmar qualquer uma delas, pois os comentadores católicos das Escrituras não resolveram ou lançaram luz sobre esta obscura e intrigante questão; ou, se já o fizeram, eu ainda não tive acesso a tais escritos.

O que importa é que temos a fé para não acreditar em nada falso ou indigno sobre a natureza do Criador, pois, em nossa jornada de piedade nós o estamos almejando. Se, portanto, acreditamos que ele é alguma coisa dife-

rente do que verdadeiramente é, nosso objetivo errôneo nos compele à futilidade e não à felicidade.

Em contraste, se temos uma falsa crença sobre uma criatura, não estamos em perigo, enquanto não considerarmos essa crença um conhecimento. Não somos feitos felizes por nenhuma criatura; não somos ordenados a visar a criatura, mas o Criador. De acordo com isto, se acreditamos em algo falso sobre o Criador, ou em algo que não devemos acreditar, estamos sendo ludibriados por um mais do que pernicioso erro, pois ninguém pode conseguir uma vida feliz se busca algo que não existe ou que não pode fazê-lo feliz.

60

Mas, um caminho foi construído para nós e que é adequado à nossa fraqueza; um caminho fora das coisas temporais, para que possamos contemplar a eternidade da Verdade, desfrutá-la totalmente e nos apegarmos a ela. Devemos acreditar no que é passado e no que ainda está por vir, na medida em que é suficiente para nossa jornada rumo às coisas eternas. Esta disciplina de fé é governada pela divina misericórdia e, portanto, ela tem a suprema autoridade.

Como para as coisas presentes, percebendo as mudanças e os movimentos do corpo e da alma, reconhecemos que todas as criaturas são efêmeras. Não podemos conhecer tais coisas, a menos que as experimentemos. Por-

tanto, se pela autoridade divina ficamos sabendo de algo sobre tais criaturas, seja do passado ou do futuro, devemos acreditar nisso sem hesitação.

Algumas destas coisas aconteceram antes que fôssemos capazes de percebê-las; outras aparecerão aos nossos sentidos algum tempo mais tarde. No entanto, devemos acreditar nelas, pois elas reforçam nossa fé e incitam nosso amor, na medida em que elas nos lembram de que Deus está constantemente em ação na história para assegurar nossa liberdade.

Mas, se qualquer erro se arroga o papel de divina autoridade, isso é vigorosamente refutado se requerer a crença ou a afirmação de que existe qualquer outra forma mutável além da criação de Deus ou que a natureza divina é algo mais ou menos do que a Trindade.

Na verdade, o pio e sóbrio conhecimento da Trindade é o foco de toda atenção cristã e o objetivo de todo progresso cristão. Mas, este não é o lugar para discutir a unidade, a igualdade e as propriedades individuais das pessoas da Trindade. Pois é muito fácil __ e, de fato, muitas pessoas fizeram isso muitas e muitas vezes __ lembrar muitos fatos sobre o Senhor Deus, que cria, modela e ordena todas as coisas que pertencem a uma salutar fé.

Nutridos por estas verdades, nos colocamos de pé como começamos a deixar para trás as coisas terrenas e voltamos nossas vistas para as coisas celestes. Mas, para dar uma completa explanação sobre a Trindade e tratá-la de uma maneira tal que qualquer compreensão humana seja forçada a acei-

tar nossos argumentos convincentes (na medida em que nos seja possível nesta vida), está além da eloquência __ mesmo além da Inteligência __ de qualquer ser humano. Certamente está além da minha.

Vamos, portanto, considerar a questão em mão o mais exaustivamente que formos capazes e ajudados a fazê-lo. Com respeito às coisas criadas, devemos acreditar sem hesitação em tudo o que nos foi contado sobre o passado ou o futuro que serve à pura religião, despertando nosso mais sincero amor por Deus ou nosso próximo. Quando acontece de defendermos estas crenças contra os ataques dos descrentes, tanto devemos defendê-las de uma maneira tal que sua descrença seja esmagada sob o peso da divina autoridade ou então devemos primeiro mostrar que é loucura não acreditar em tais coisas. Mas, nossa primeira preocupação deve ser refutar falsas doutrinas sobre coisas presentes, especialmente sobre coisas imutáveis, mais do que aquelas concernentes às coisas no passado ou futuro. Sobre tais assuntos devemos tentar o melhor de nossa habilidade para oferecer argumentos convincentes em apoio às nossas visões.

61

Naturalmente que, na série de coisas temporais, a expectativa das coisas por vir é preferível à busca das coisas do passado, já que as coisas que as Escrituras nos contam sobre o passado são prefigurações ou promessas ou testemunhos das coisas por vir. De fato, mesmo nas idas e vindas desta vida, não importa muito como alguém costumava ser; toda nossa energia se

inclina para o que esperamos ser no futuro. Quando estamos no meio da felicidade ou na miséria, as coisas que nos aconteceram no passado são vistas por algum tipo de sentido natural e interno, como se elas nunca tivessem acontecido. Assim, o que importa para mim se eu não sei quando eu comecei a existir, já que eu sei que existo agora e não me aflijo com a existência no futuro? Não é um grande mal se eu tenho uma falsa crença sobre o passado, já que o passado não diz respeito a mim; eu estou voltado em direção ao que eu vou ser, guiado pela misericórdia de meu Criador.

Assim, eu devo estar muito em guarda contra crenças ou pensamentos sobre qualquer coisa falsa sobre o que eu vou ser ou sobre Aquele em cuja presença eu estarei, a fim de que eu não me esqueça de alguma necessária preparação ou me encontre impossibilitado de atingir a meta que eu compreendi mal.

É como planejar o que vestir. Não importa se eu esqueci o último inverno, mas certamente importa se eu não acreditar que vai fazer um tempo mais frio. Da mesma forma, não importa se eu esqueci o que pode ter acontecido para minha alma tempos atrás, na medida em que eu presto cuidadosa atenção ao que me disseram sobre a preparação para o futuro e mantenho estes avisos em mente.

Não há um dano a alguém que está navegando para Roma se ele se esqueceu do porto de onde ele partiu, na medida em que ele se lembrar para onde está indo.

E ele não está em situação melhor por se lembrar de seu porto de origem se suas ideias erradas sobre onde Roma está causar-lhe o encalhe nas pedras.

Da mesma maneira, se eu não me lembro do início da minha vida, isso não me prejudica, já que eu sei o fim no qual descansarei. E seria sem utilidade para mim lembrar ou especular sobre o início da minha vida se eu penso indignamente sobre o próprio Deus, o único fim de todo labor humano e acabo encalhado nas rochas do erro.

62

Eu não pretendo insinuar que é proibido investigar o que as divinamente inspiradas Escrituras têm a dizer sobre a origem da alma, se cada alma é propagada de outra ou se cada uma é criada individualmente para o corpo que vai ser animado ou se Deus envia as almas de algum outro lugar para animar e governar os corpos ou se elas entram nos corpos por sua própria vontade.

É permitido considerar e discutir esses assuntos se eles afetam alguma necessária questão ou se há tempo de sobra de assuntos mais urgentes. Eu digo isso especialmente para evitar que alguém se torne petulante quando outros hesitam em aceitar sua própria e talvez melhor informada opinião

sobre tais assuntos e para que, se alguém tem um claro e certo conhecimento deste assunto, ele não pense que outros perderam toda esperança pelo futuro por que não se preocupam com o passado.

Capítulo XXII

Mesmo se a ignorância e a impotência fossem naturais ao ser humano, mesmo assim seria o caso de louvar o Criador.

63

Mas, seja como for que possam ser as coisas sobre este assunto, se devemos passar inteiramente por cima dele ou apenas adiá-lo até outra hora, a resposta para a questão em mão é perfeitamente clara. Através da perfeitamente honrada, justa, inabalável e imutável majestade e substância do Criador, as almas cumprem pena por seus pecados, pelos quais suas vontades são as únicas responsáveis. Não devemos procurar mais além pela causa do pecado.

64

Mas, suponha que a ignorância e a dificuldade sejam o estado natural da alma, que ela inicia assim e avança através do conhecimento e descansa na vida feliz quando a perfeição é trazida para dentro dela. Mesmo assim, à alma não é negado o poder de fazer este progresso, através do piedoso e dedicado estudo das coisas superiores. Se, por sua própria vontade, ela se recusa a fazer isso, ela é justamente punida sendo arremessada em uma

ignorância ainda mais profunda e numa maior dificuldade e, para um mais próprio e adequado governo do universo, ela é colocada no meio das coisas inferiores. A alma não é considerada culpada por que ela é naturalmente ignorante e impotente, mas por que ela não se aplica em aprender e não age para adquirir facilidade de agir corretamente.

É natural para um bebê não saber falar e não ser capaz de fazê-lo. Tal ignorância não apenas é desculpável sob as leis da gramática como é encantadora e instigadora das afeições humanas, pois uma criança não desdenhou viciosamente adquirir o poder de falar ou viciosamente o perdeu depois que o adquiriu. Assim, se nossa felicidade consistia na eloquência e cada lapso da gramática era considerado tão sério como um pecado nas ações da vida, ninguém seria denunciado simplesmente por que sua busca pela eloquência começou na ignorância da infância. Mas, se na perversidade de sua vontade ele permaneceu nesse estado, ou retornou a ele, ele claramente merece ser condenado. Então, mesmo agora, se a ignorância da verdade e a dificuldade em fazer o certo são o estado natural dos seres humanos, do qual devemos nos erguer para a felicidade da sabedoria e da paz, ninguém é justamente condenado por este início. Mas, se alguém se recusa a sair daí ou regride do progresso que fez, ele paga uma justa e bem merecida penalidade.

65

Por todas essas coisas o Criador merece louvor: por infundir em nós o poder de nos afastarmos desse inicio e alcançarmos o mais alto bem; por nos ajudar ao longo do caminho; por gratificar e completar aqueles que fizeram progressos; por decretar uma mais do que justa condenação para aqueles que pecaram, ou seja, para aqueles que se recusam a se mover além de seu ponto inicial ou que regridem após terem feito algum progresso. Deus não criou a alma má, simplesmente por que ela ainda não é tão grande quanto tem o poder se vir a ser; pois, mesmo em seu início ela é bem superior às perfeições dos objetos materiais, que qualquer pessoa razoável julga ser digno de louvor à sua maneira.

Se a alma ainda não sabe o que deve fazer, ela é ignorante por que não recebeu tal conhecimento ainda. Mas, ela o *receberá*, somente se ela desejar fazer bom uso do que ela *já recebeu*: o poder de buscar diligente e piamente, se ela assim desejar fazê-lo. E, se a alma, mesmo quando sabe o que fazer, nem sempre pode fazê-lo, ela é impotente por que ainda não recebeu tal poder. Primeiramente, a parte mais elevada da alma é capacitada a perceber a bondade de uma ação correta, mas, a parte carnal fica para trás e não é imediatamente trazida a compartilhar da mesma opinião.

Esta mesma dificuldade serve como uma lembrança de que devemos suplicar a ajuda de Deus, que é o auxiliar de nossa perfeição, mesmo em sua

condição de autor de nosso princípio. Com isso, devemos agradar a Deus mais e mais, pois é por causa de sua bondade e não de nossa própria força que temos nossa existência e é por causa de sua misericórdia que somos levados até à felicidade.

E, quanto mais amamos Aquele de quem existimos, mais firmemente nos deleitaremos nele e mais plenamente desfrutaremos de Sua eternidade. Se não podemos corretamente chamar de estéril um rebento novo mal formado, já que ele espera vários verões antes de mostrar sua fecundidade, por que não devemos louvar o Criador da alma, que deu à alma um início que, pressionado com diligente trabalho, pode colher o fruto da sabedoria e da justiça e que conferiu à alma uma dignidade tal que ele lhe deu o poder de almejar a felicidade se ela assim o desejasse?

Capítulo XXIII

A morte das crianças. As queixas injustas dos ignorantes com relação aos sofrimentos que suportam. O que é a dor?

66

Como uma objeção a esta maneira de pensar, gente ignorante costuma alegar a morte de crianças e a dor física que frequentemente vemos crianças sofrerem. “Por que deveria alguém recém-nascido”, eles perguntam, “deixar esta vida antes de fazer algo para merecer punição ou recompensa? Como ele será tratado no futuro julgamento? Ele não pertence aos justos, já

que nunca agiu justamente; mas também não pertence aos iníquos, já que nunca pecou”.

A resposta é esta: na vasta rede do universo, no todo da criação e na mais ordenada conexão dos tempos e dos espaços, onde nem uma folha de árvore é criada sem um propósito, nenhum ser humano de qualquer tipo pode ser supérfluo. O que é supérfluo é perguntar sobre os méritos de alguém que não mereceu nada. Se pode existir uma vida que é intermediária entre o pecado e a ação justa, não duvide de que nosso Juiz pode pronunciar uma sentença que é intermediária entre a punição e a recompensa.

67

Novamente, pessoas frequentemente se perguntam que bem faz para as crianças receberem o sacramento do batismo de Cristo, já que crianças batizadas frequentemente morrem antes que possam saber algo sobre seu batismo. Sobre este assunto, nós, pia e justamente, acreditamos que a fé daqueles que apresentam a criança para ser consagrada pelo batismo é um benefício para a criança. A benfazeja autoridade da Igreja recomenda esta doutrina para nós, para nos mostrar o quanto nossa própria fé nos beneficia, quando ela pode beneficiar até mesmo aqueles que ainda não tem fé. O filho da viúva não foi ajudado por sua própria fé, pois ele morreu e, portanto, não tinha fé. Mas, por causa da fé de sua mãe, ele foi restaurado à vi-

da[84]. O quanto mais então pode a fé de outro ajudar uma criança, que não pode ser culpada de qualquer malfeito!

68

Mas, há uma objeção mais forte e que parece mais simpática. As pessoas frequentemente se questionam sobre os tormentos físicos que afligem crianças que, por causa de sua idade, não pecaram (presumindo que as almas que animam seus corpos não existiram antes das próprias crianças). “Que mal elas fizeram para merecerem tal sofrimento?”

Como se existisse mérito na inocência de alguém que ainda não pode fazer qualquer mal! Já que Deus atinge o bem corrigindo os adultos através do sofrimento e a morte das crianças que lhes são queridas, por que não poderiam essas coisas acontecerem? Uma vez que o sofrimento tenha passado, será para as crianças como se elas nunca tivessem sofrido. E, como para os adultos, por cuja culpa elas sofrem, elas serão melhores, tendo aprendido com as adversidades temporais a escolher uma vida correta e não terão desculpas para evitar sua punição no julgamento que virá, já que se recusaram a deixar a angústia desta vida para direcionarem seu desejo para a vida eterna.

Quem sabe o que está reservado para essas crianças, cujo sofrimento derrete os corações duros de seus pais, fortalece sua fé e testa sua misericórdia?

[84] Lucas 7:11-15.

Quem sabe que recompensa Deus preparou para elas nas profundezas ocultas de seus julgamentos? Pois, embora seja verdade que elas nunca agiram justamente, elas sofreram sem pecar. Não é sem razão que a Igreja celebra como mártires as crianças que foram mortas quando Herodes pediu a vida do Senhor Jesus Cristo[85].

69

Esses difamadores, que não são questionadores sérios de tais questões, mas meros falastrões, frequentemente perturbam a fé daqueles que são menos educados, expondo a dor e o sofrimento dos animais. "Que mal os animais praticaram", eles perguntam, "para merecerem tal sofrimento? Que bem eles podem esperar para justificar tal dor?"

Aqueles que dizem ou pensam tais coisas têm uma visão completamente torta do mundo. Simplesmente por que não podem entender a natureza e a grandeza dos bens mais sublimes, eles querem que tudo seja como eles imaginam que os bens mais sublimes sejam. Eles não podem pensar em algo melhor do que os objetos materiais mais elevados __ os corpos celestiais __ que são menos sujeitos à corrupção; assim, eles, da forma mais desarrazoada, exigem que os corpos dos animais não sofram nem a morte e nem a corrupção, como se eles não fossem mortais (já que eles são os cor-

[85] Mateus 2:16.

pos mais humildes) ou como se eles fossem maus simplesmente por que os corpos celestiais são melhores.

A dor que os animais sentem revela um poder que é maravilhoso e digno de louvor, à sua própria maneira, por que mostra que mesmo as almas dos animais têm um forte impulso para a unidade no governo e na animação de seus corpos. Pois, o que é a dor, se não é um sentido de resistência à divisão e à corrupção? Então, quando a alma é acometida involuntária e indiferentemente por um sofrimento físico que ameaça sua unidade e integridade e o enfrenta sem relutância e luta contra ele, vemos bem claramente o quão determinada e ávida a alma está em preservar sua unidade. Se não fosse pelo sofrimento dos animais, não veríamos o quanto é grande o desejo pela unidade nos animais inferiores e assim seríamos menos atentos do que devemos ser ao fato de que todas as coisas foram criadas pela suprema, sublime e inefável unidade do Criador.

70

De fato, se você olhar cuidadosa e piamente, cada tipo de criatura e cada movimento que pode ser considerado pela mente humana fala conosco para nossa instrução. Seus diversos movimentos e disposições são como uma infinidade de vozes gritando para nós e nos dizendo para reconhecer seu Criador. De todas as criaturas que não sentem prazer e dor, não há nenhuma que não atinja a beleza de seu próprio tipo ou, pelo menos, a estabilidade de sua natureza, por algum tipo de unidade. De todos aqueles que sen-

tem o aguilhão da dor ou o fascínio do prazer, não há nenhum que não confesse __ pelo próprio fato de que resiste à dor e deseja o prazer __ que resiste à divisão e deseja a unidade.

E, nas almas racionais, o desejo pelo conhecimento (no qual sua natureza se deleita) pega tudo o que percebe e encaminha para a unidade; ele foge do erro precisamente por que ele resiste à perplexidade de uma incompreensível ambiguidade. Por que mais a ambiguidade é tão perturbadora, se não é por que ela não tem uma unidade certa?

Então, vemos que todas as coisas, seja ofendendo ou se sentindo ofendidas, seja deleitando ou sendo deleitadas, tanto no silêncio de seu íntimo quanto abertamente, proclamam a unidade do Criador. Mas, se a ignorância e a dificuldade, com as quais devemos iniciar esta vida, não são naturais para as almas, elas tanto foram tomadas como uma tarefa ou impostas como uma punição. E isso, eu acho, é discussão suficiente para estes assuntos.

Capítulo XXIV

O primeiro ser humano não foi um tolo, mas capaz de se tornar um sábio. O que é a tolice?

71

É, portanto, mais importante perguntar como era o primeiro ser humano quando ele foi criado, do que como seus descendentes foram propagados.

Muitas pessoas pensam que estão sendo muito espertos ao colocarem esta questão: “Se o primeiro ser humano foi criado sábio, por que ele foi enganado? E, se ele foi criado tolo, por que Deus não é a causa de todos os vícios, já que a tolice é o máximo dos vícios?” Como se a natureza humana não fosse capaz de um estado intermediário entre a sabedoria e a tolice; um estado que não pode ser propriamente chamado nem de sabedoria e nem de tolice.

É somente por que se é capaz de ter sabedoria ou de desprezá-la que se deve ser chamado de sábio ou tolo. Somente então é a vontade culpada dos vícios tolos. Ninguém seria tão estúpido de chamar uma criança de tola, embora seja ainda mais absurdo chamá-la de sábia. Portanto, uma criança não pode ser chamada nem de sábia e nem de tola, embora ela seja um ser humano. Isto mostra que a natureza humana é capaz de um estado intermediário, que você não pode corretamente chamar nem de sabedoria e nem de tolice.

Então, se alguém vê uma alma que está no mesmo estado daquelas em que falta sabedoria por causa de sua própria negligência, seria errado chamar isso de tolice, se ele vê que lhe falta sabedoria por natureza e não por vício. Pois nem toda ignorância do que deve ser desejado e do que deve ser evitado conta como tolice, mas apenas a ignorância viciosa. Não chamamos um animal irracional de tolo, já que ele não recebeu a capacidade de ser sábio. No entanto, frequentemente usamos palavras impropriamente quan-

do existe alguma semelhança com seu significado próprio. Por exemplo, cegueira é o maior defeito que os olhos podem ter; mas, em animais recém-nascidos, ela não é um defeito e isso é impropriamente chamado de cegueira.

72

Portanto, se o ser humano foi criado de tal maneira que ele ainda não é sábio, mas pôde receber um mandamento que ele foi obrigado a obedecer, não é surpresa que ele possa ser desencaminhado e não é injusto que ele deva pagar o preço por desobedecer a esse mandamento. E seu Criador não é a causa dos vícios, pois era sem vício o ser humano que ainda não tinha sabedoria, já que ele não tinha ainda o poder de tê-lo. Mas, se ele tivesse desejado fazer bom uso do que ela já tinha, ele poderia ter obtido o que ele ainda não tinha.

Pois, uma coisa é ser racional e outra ser sábio. Através da razão se é capaz de receber um mandamento ao qual se deve ser fiel, para que se faça o que é ordenado. A natureza da razão compreende o mandamento e a obediência ao mandamento leva à sabedoria. E, assim como é a natureza que compreende o mandamento, é a vontade que obedece ao mandamento. Assim como é a natureza racional que merece (por assim dizer) receber o mandamento, é a obediência ao mandamento que merece ser recompensada com a sabedoria. Mas, a mesma coisa pela qual o ser humano começa a ser capaz

de receber um mandamento é aquela pela qual ele começa a ser capaz de pecar.

Existem duas maneiras pelas quais se pode pecar antes de começar a ser sábio: não se aplicar em receber o mandamento ou não obedecê-lo, uma vez que o tenha recebido. Uma pessoa que já é sábia, por outro lado, peca ao se afastar da sabedoria. Pois o mandamento não vem daquele que é mandado, mas daquele que manda e, da mesma forma, a sabedoria não vem daquele que é iluminado, mas daquele que ilumina.

Por que então não devemos louvar o Criador do ser humano? Pois o ser humano é uma coisa boa e é melhor do que os animais precisamente por que é capaz de receber um mandamento. Ele é melhor ainda quando o recebeu, muito melhor quando o obedece e melhor do que tudo quando é feliz na luz eterna da sabedoria. Mas, o pecado é um mal por que ele envolve o menosprezo; menosprezo em receber o mandamento, menosprezo em obedecê-lo e o menosprezo em perseverar na contemplação da sabedoria.

Assim, vemos que o ser humano teria podido pecar mesmo se tivesse sido criado sábio e, já que o pecado teria sido um assunto de livre escolha, ele teria sido justamente punido, de acordo com a divina lei.

O apóstolo Paulo diz isso muito bem: *Pretendendo ser sábios, tornaram-se tolos*[86]. Pois é o orgulho que afasta da sabedoria e o resultado deste afastamento é a tolice.

A tolice é, de fato, um tipo de cegueira, como São Paulo diz na mesma passagem: *E seus corações insensatos ficaram escurecidos*[87]. Qual é a fonte dessa escuridão, se não é o afastamento da luz da sabedoria? E qual é a fonte desse afastamento, se não é o fato de alguém cujo bem é Deus querer ser seu próprio bem, como se fosse seu próprio Deus?

Assim está escrito: *Dentro de mim, minha alma está inquieta*[88] e *Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do ma*"[89].

73

Algumas pessoas ficam perturbadas quando consideram esta questão: "O primeiro ser humano abandonou Deus por causa de sua tolice ou ele se tornou tolo por que abandonou Deus?" Se você disser que ele abandonou a sabedoria por causa de sua tolice, parecerá que ele já era tolo mesmo antes de ter abandonado a sabedoria, já que sua tolice foi a causa de seu abandono da sabedoria. Por outro lado, se você disser que ele se tornou tolo por

[86] Romanos 1:22.
[87] Romanos 1:21.
[88] Salmos 41:6
[89] Gênesis 3:5.

que ele abandonou a sabedoria, eles perguntarão a você se ele agiu sábia ou tolamente ao abandonar a sabedoria. “Se ele agiu sabiamente”, eles dirão, “ele agiu corretamente e não cometeu pecado. Mas, se ele agiu tolamente, então a tolice que o levou a abandonar a sabedoria já estava nele, pois, somente em virtude de sua tolice ele poderia ter agido tolamente”.

Este dilema mostra que a transição da sabedoria para a tolice não é feita nem sábia e nem tolamente, mas de alguma maneira intermediária que os seres humanos só podem entender por contraste, tanto com a sabedoria quanto com a tolice. Ora, nenhum mortal se torna sábio a não ser passando da tolice para a sabedoria. Se esta transição é feita tolamente, então ela não é feita bem, o que é totalmente insano. Se ela é feita sabiamente, então há sabedoria em alguém antes que ele se torne sábio, o que não é menos absurdo. Assim, vemos que ela é feita de alguma forma intermediária que não pode propriamente ser chamada nem de sábia e nem de tola.

Então, a queda do primeiro ser humano da fortaleza da sabedoria para a tolice não foi nem sábia e nem tola. É muito semelhante ao sono e o despertar. Cair no sono não é o mesmo que estar acordado; pelo contrário, cair no sono e acordar são transições de um estado ao outro. As transições entre o sono e o despertar geralmente acontecem sem a vontade, mas as transições entre a sabedoria e a tolice nunca acontecem se não for através da vontade e, por esta razão, elas são seguidas pela justa retribuição.

Capítulo XXV

A ideias que ocorrem à natureza racional quando ela se volta para o mal.

74

Apenas algo que é visto pode incitar a vontade de agir. Controlamos se aceitamos ou rejeitamos o que vemos, mas não controlamos o que vemos. Portanto, devemos saber que a alma, como uma substância racional, tanto vê as coisas superiores quanto as inferiores. Dessas duas classes de coisas, ela escolhe o que desejar e a felicidade ou a miséria seguem bem atrás, dependendo do que sua escolha merece. Por exemplo, no Jardim do Éden o mandamento de Deus era visto entre as coisas superiores e a sugestão da serpente era vista entre as coisas inferiores.

O ser humano não tinha controle sobre o que o Senhor mandava ou sobre o que a serpente sugeria, mas que ele era de fato livre para não sucumbir ao fascínio daquelas coisas inferiores e livre de qualquer dificuldade, por que estava estabelecido na pureza da sabedoria, é evidente do fato de que mesmo os tolos superam aquelas coisas quando eles estão na estrada para a sabedoria, embora eles devam se livrar do encanto mortal dos hábitos destrutivos.

75

Mas, aqui devemos formular mais uma questão. O ser humano viu as duas opções diante dele: o mandamento de Deus e a sugestão da serpente. Mas, de onde o próprio diabo recebeu a sugestão de desejar a impiedade através da qual ele caiu do céu? Se nada do que ele via sugerisse a ideia para ele, ele não teria feito o que fez, pois, se nada do tipo não tivesse entrado em sua mente, ele nunca teria voltado sua atenção para a maldade.

Então, de onde veio tal coisa, seja ela o que for, que entrou em sua mente e o estimulou a fazer aquelas coisas que o transformaram de um anjo bom em um mau? Obviamente, para se desejar, deve-se desejar *algo* e esse algo deve ser trazido à atenção de alguém de fora, através dos sentidos corpóreos ou entrar na mente de alguém de alguma maneira obscura.

Devemos portanto distinguir entre duas classes de coisas vistas. Uma se origina na vontade de alguém que está tentando persuadir. Um exemplo desta classe é a sugestão do diabo, com a qual o ser humano consentiu quando pecou. A outra classe se origina nas coisas que estão presentes à atenção da mente ou aos sentidos do corpo. As coisas que estão presentes à atenção da mente (não incluindo a Trindade imutável, que, de fato, não está presente à mente e ultrapassa em muito seu alcance) são, primeiro, a própria mente, pela qual percebemos que estamos vivos e, então, o corpo que ela governa, direcionando cada parte para executar sua própria atividade

onde ela for necessária. E qualquer objeto material está presente aos sentidos do corpo.

76

Em sua contemplação da mais sublime sabedoria __ que não está na alma, já que ela é imutável __ a alma mutável também olha para ela mesma e, de alguma maneira, penetra sua própria mente. Mas, isso acontece apenas na medida em que a alma percebe que não é o mesmo que Deus e também que é algo que, próximo a Deus, pode ser agradável. Isso é melhor, no entanto, se a alma simplesmente se esquece dela mesma no amor ao imutável Deus ou vê a si mesma como sem valor, em comparação com Ele.

Se, ao invés disso, alguém obtém prazer em si mesmo e deseja desfrutar de seu próprio poder, numa perversa imitação de Deus, ele se torna mais e mais insignificante, ao desejar se tornar maior. Isto é o *orgulho, o início de todo pecado*[90] e *O início do orgulho num homem é renegar a Deus*[91].

Mas, ao orgulho do diabo foi adicionado um desejo malicioso, para que ele persuadisse o ser humano ao mesmo orgulho pelo qual ele soube que tinha sido condenado. Assim, o ser humano se tornou sujeito a uma penalidade cujo objetivo não era tanto sua morte, mas sua reforma.

[90] Livro do Eclesiástico 10:15.
[91] Livro do Eclesiástico 10:14.

E então, assim como o diabo se ofereceu como um exemplo de orgulho, o Senhor se ofereceu como um exemplo de humildade. Através dele temos a promessa de vida eterna, para que, através da intercessão do sangue de Cristo, que foi derramado por nós depois de muita labuta e sofrimento indizível, devemos nos apegar ao nosso Redentor com muita caridade e ser arrebatado pelo seu brilho, para que nada que vemos entre as coisas inferiores afaste nossa contemplação das coisas superiores. E mesmo que algumas dessas coisas sejam trazidas à nossa atenção, a danação eterna e o tormento do diabo nos impediria de desejar as coisas inferiores.

77

Tão grande é a beleza da justiça, tão grande é a alegria da luz eterna, ou seja, da verdade imutável e da sabedoria, que, mesmo se pudéssemos permanecer nela por apenas um dia, por causa desse curto intervalo de tempo, nós justa e corretamente desprezaríamos incontáveis anos desta vida, plena de prazeres e abundância de bens transitórios. Quão verdadeira e apaixonadamente foi dito que *Verdadeiramente, um dia em vossos átrios vale mais que milhares fora deles*[92]. Mas, pode-se interpretar tal passagem de outra maneira, considerando "mil dias" como uma referência à mutabilidade do tempo e "um dia" como uma indicação da imutabilidade da eternidade.

[92] Salmo 83:11.

Eu não sei se negligenciei algo ao responder suas questões na medida em que o Senhor me permitiu. Mas, mesmo que algo ocorra a você, os limites deste livro nos compelem a encerrá-lo e a descansar por um tempo desta discussão.

Créditos

© 395 Aurelius Augustinus Hipponensis.

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido por Souza Campos, E. L. de, de *Traité du libre arbitre* in *Œuvres complètes de Saint Augustin,* Bar-Le-Duc: Poujoulat et Raulx, 1864.

Les retractations: traduzido do latim por Henry de Riancey.

Traité du libre arbitre: os dois primeiros livros foram traduzidos do latim pelo Abade Defourny e o terceiro livro foi traduzido pelo Abade Raulx.

Cotejado com *On Free Choice of the Will*, tradução de Thomas Williams, Indianapolis/Cambridge: Hachett Publishing Company, 1993 e

San Agustín. Del libre albedrío. Tradução de P. Evaristo Seijas (OSA) e

San'Agostino. Il libero arbitrio.

Conteúdo

O livre arbítrio 2

Introdução 2

1 2

2 3

3 4

4 7

5 9

6 11

Livro I 13

Capítulo I 13

O mal e seu princípio 13

01 13

02 14

03 16

Capítulo II 18

Antes de procurar a origem do mal, é preciso saber o que devemos acreditar sobre Deus. 18

04 18

05 _____ 19

Capítulo III _____ 20

A paixão é o princípio do mal. _____ 20

06 _____ 20

07 _____ 22

08 _____ 22

Capítulo IV _____ 23

O homicídio cometido por medo. A cupidez culposa. _____ 23

09 _____ 23

10 _____ 26

Capítulo V _____ 28

O homicídio contra alguém que nos fez o mal. _____ 28

11 _____ 28

12 _____ 29

13 _____ 31

Capítulo VI _____ 32

A lei eterna é a regra das leis humanas. A noção de lei eterna. _____ 32

14 _____ 32

15 _____ 34

Capítulo VII 36

Como o ser humano é bem ordenado pela lei eterna. É melhor saber do que viver. 36

16 36

17 39

Capítulo VIII 41

A razão que coloca o ser humano acima dos animais deve predominar nele mesmo. 41

18 41

Capítulo IX 43

O império da razão ou a servidão à razão diferenciam o sábio do tolo. 43

19 43

Capítulo X 46

Nada força a mente a ser escrava da paixão. 46

20 46

21 48

Capítulo XI 48

A alma que se entrega à paixão por sua livre vontade é justamente punida. 48

22 49

23 50

Capítulo XII 51

Os escravos da concupiscência sofrem justamente as penas da vida mortal, mesmo que eles jamais tenham tido a sabedoria 51

24 51

25 52

26 54

Capítulo XIII 55

Tanto a vida feliz quanto a vida miserável dependem de nossa vontade. 55

27 55

28 59

29 61

Capítulo XIV 62

Por que há poucas pessoas felizes, quando todas desejam sê-lo? 62

30 62

Capítulo XV 64

Qual é o valor respectivo da lei eterna e da lei temporal e quais são os que estão submetidos a elas. 64

31 64

32 67

33 68

Capítulo XVI _____ 70

Epílogo do primeiro livro. _____ 70

34 _____ 70

35 _____ 71

Livro II _____ 73

Capítulo I _____ 73

Por que Deus nos deu a liberdade de pecar? _____ 73

01 _____ 73

02 _____ 74

03 _____ 75

Capítulo II _____ 76

Se o livre arbítrio foi concedido para o bem, como ele pode ser usado para o mal? _____ 76

04 _____ 76

05 _____ 77

06 _____ 80

Capítulo III _____ 81

O que há de mais nobre no ser humano? Como chegar à prova incontestável da existência de Deus? _____ 81

07 _____ 81

08 _____ 83

09 _____ 86

Capítulo IV _____ 91

O sentido interior sente o próprio sentimento. Ele também percebe ele mesmo? _____ 91

Capítulo V _____ 92

O sentido interior prevalece sobre os sentidos exteriores, dos quais ele é o moderador e o juiz. _____ 92

11 _____ 92

12 _____ 94

Capítulo VI _____ 96

A razão, no ser humano, prevalece sobre tudo o mais e o que prevalece sobre a razão é Deus. _____ 96

13 _____ 96

14 _____ 98

Capítulo VII _____ 99

Os sentidos são característicos de cada um de nós e percebem diferentemente os diversos objetos. _____ 99

15 _____ 99

16 _____ 101

17 _____ 101

18 _____ 102

19 _____ 103

Capítulo VIII _____ 105

As relações entre os números não é percebida por nenhum dos sentidos corpóreos. Ela é única e imutável para todos os intelectos que a percebem. _____ 105

20 _____ 105

21 _____ 106

22 _____ 107

23 _____ 109

24 _____ 110

Capítulo IX _____ 111

No que consiste a sabedoria, sem a qual ninguém é feliz. Ela é a mesma em todos os sábios? _____ 111

25 _____ 111

26 _____ 112

27 _____ 114

Capítulo X _____ 117

A luz da sabedoria é única e comum a todos os sábios. _____ 117

28 _____ 117

29 _____ 120

Capítulo XI _____ 122

A sabedoria e o número são uma mesma coisa ou eles existem independentemente um do outro? Ou um está incluído no outro? _____ 122

30 _____ 122

31 _____ 124

32 _____ 125

Capítulo XII _____ 126

A verdade é única e inalterável em todos os intelectos e ela é superior à nossa mente. _____ 126

33 _____ 126

34 _____ 127

Capítulo XIII _____ 129

Exortação a abraçar a verdade, que é a única coisa que dá a felicidade. _ 129

35 _____ 129

36 _____ 130

37 _____ 131

Capítulo XIV _____ 132

Possui-se a verdade com segurança. _____ 132

38 _____ 133

Capítulo XV _____ 135

Os raciocínios precedentes provam a existência de Deus. _____ 135

39 _____ 135

40 _____ 136

Capítulo XVI _____ 138

À almas zelosas que a procuram, a sabedoria se mostra em toda parte, por meio dos números impressos em cada coisa. _____ 138

41 _____ 138

42 _____ 140

43 _____ 141

44 _____ 142

Capítulo XVII _____ 143

Todo bem e toda perfeição vêm de Deus. _____ 143

45 _____ 143

46 _____ 145

Capítulo XVIII _____ 146

Embora se possa abusar da vontade livre, ela deve ser considerada como um bem. _____ 146

47 _____ 146

48 _____ 148

49 _____ 149

50 _____ 151

Capítulo XIX _____ 151

Três grandes bens: os grandes, os inferiores e os intermediários. A liberdade é um destes últimos._____ 151

51 _____ 152

52 _____ 153

53 _____ 154

Capítulo XX_____ 155

Deus não é o autor do impulso pelo qual a vontade se desvia do bem imutável. _____ 155

54 _____ 155

Livro III _____ 158

Capítulo I_____ 158

De onde vem o impulso que separa a vontade do bem imutável?_____ 158

01 _____ 158

02 _____ 160

03 _____ 163

Capítulo II _____ 164

Muitos são atormentados pela ideia de que a presciência divina destrói o livre arbítrio. _____ 164

04 _____ 164

05 _____ 165

Capítulo III _____ 167

A presciência de Deus não impede nossa liberdade de pecar. _____ 167

06 _____ 167

07 _____ 170

08 _____ 172

Capítulo IV _____ 174

A presciência de Deus não força o pecado e, consequentemente, é com com justiça que Deus pune os pecadores. _____ 174

09 _____ 174

10 _____ 174

11 _____ 176

Capítulo V _____ 176

Deus deve ser louvado até mesmo por ter produzido criaturas expostas ao pecado e ao sofrimento. _____ 176

12 _____ 176

13 _____ 177

14 _____ 180

15 _____ 181

16 _____ 182

17 _____ 183

Capítulo VI _____ 184

Dizer que se prefere o nada à miséria não é ser sincero. _____ 184

18 _____ 184

19 _____ 185

Capítulo VII _____ 187

Até mesmo os infelizes prezam a existência, por que eles vêm Daquele que existe soberanamente. _____ 187

20 _____ 187

21 _____ 188

Capítulo VIII _____ 190

Ninguém escolhe o nada; nem mesmo aqueles que se suicidam. _____ 190

22 _____ 190

23 _____ 191

Capítulo IX _____ 193

O estado de infelicidade dos pecadores contribui para a beleza do universo. _____ 193

24 _____ 193

25 _____ 194

26 _____ 195

27 _____ 197

28 _____ 198

Capítulo X _____ 200

Como o ser humano foi dominado pelo demônio e libertado por Deus. _ 200

29 _____ 200

30 _____ 201

31 _____ 202

Capítulo XI _____ 204

Perseverando na justiça ou no pecado, toda criatura contribui para a beleza do universo. _____ 204

32 _____ 204

33 _____ 205

34 _____ 206

Capítulo XII _____ 207

Mesmo se todos os anjos tivessem pecado, eles não trariam nenhum problema para o governo do mundo. _____ 207

35 _____ 207

36 _____ 209

Capítulo XIII _____ 209

A própria corrupção da criatura e a censura feita aos seus vícios fazem resplandecer a bondade. _____ 209

37 _____ 210

38 _____ 211

Capítulo XIV _____ 213

Nem toda corrupção é condenável _____ 213

39 _____ 213

40 _____ 214

41 _____ 215

Capítulo XV _____ 216

Defeitos culposos e defeitos não culposos. _____ 216

42 _____ 216

43 _____ 218

44 _____ 219

Capítulo XVI _____ 220

Não podemos atribuir nossos pecados a Deus. _____ 220

45 _____ 220

46 _____ 221

Capítulo XVII _____ 223

O pecado tem sua causa primeira na vontade. _____ 223

47 _____ 223

48 _____ 224

49 _____ 226

Capítulo XVIII _____ 226

Há pecado em um ato que é impossível evitar? _____ 226

50 _____ 226

51 _____ 227

52 _____ 229

Capítulo XIX _____ 230

As inúteis desculpas dos pecadores quando eles pretextem a ignorância e a dificuldade produzidas pelo pecado de Adão. _____ 230

53 _____ 230

54 _____ 231

Capítulo XX _____ 233

Não é injusta a extensão da punição de Adão à sua descendência. _____ 233

55 _____ 233

56 _____ 233

57 _____ 235

58 _____ 237

Capítulo XXI _____ 238

O tipo de erro que é pernicioso. _____ 238

59 _____ 238

60 _____ 239

61 _____ 241

62 _____ 243

Capítulo XXII _____ 244

Mesmo se a ignorância e a impotência fossem naturais ao ser humano, mesmo assim seria o caso de louvar o Criador._____ 244

63 _____ 244

64 _____ 244

65 _____ 246

Capítulo XXIII_____ 247

A morte das crianças. As queixas injustas dos ignorantes com relação aos sofrimentos que suportam. O que é a dor? _____ 247

66 _____ 247

67 _____ 248

68 _____ 249

69 _____ 250

70 _____ 251

Capítulo XXIV _____ 252

O primeiro ser humano não foi um tolo, mas capaz de se tornar um sábio. O que é a tolice? _____ 252

71 _____ 252

72 _____ 254

73 _____ 256

Capítulo XXV _____ 258

A ideias que ocorrem à natureza racional quando ela se volta para o mal. _____ 258

74 _____ 258

75 _____ 259

76 _____ 260

77 _____ 261

Créditos _____ 263

Conteúdo _____ 264